

Maria Eduarda

Trilogia Marias - Livro 3



ANNE K SILVA



Maria Eduarda

Trilogia Marias - Livro 3

Trilogia Marias –

Livro 3

Anne K Silva

1^a. Edição

Copyright © Anne K Silva

Todos os direitos reservados.

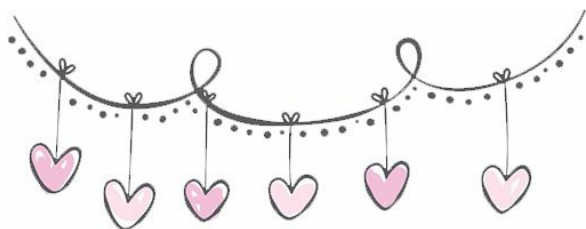
Criado no Brasil.

Edição Digital: Criativa TI

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados.
São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.



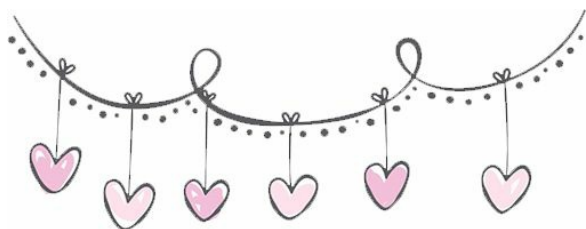
Sinopse

A vida de Maria Eduarda sempre foi cheia de enredos de amor. Seja nos livros, nas poesias que escrevia escondido ou na vida de seus pais e irmãs, o amor sempre fez parte de quem Madu era. Isso a fez desejar um amor autêntico. Algo que a inspirasse e a fizesse perder o ar.

João Paulo é nada menos que o melhor amigo de seus cunhados e irmã. Mas é também o único homem capaz de

a jogar em um limbo. Maria Eduarda queria um amor, mas encontrou um mistério. O sentimento de confusão a tomava sempre que João estava envolvido, até que há apenas duas opções: ignorar ou descobrir o que sente.

Seria João o amor da sua vida ou apenas um grande acaso?



Sumário

[Sumário](#)

[Prólogo](#)

[Maria Eduarda](#)

[Capítulo 1](#)

[Maria Eduarda](#)

[Capítulo 2](#)

[Maria Eduarda](#)

[Capítulo 3](#)

[João Paulo](#)

[Capítulo 4](#)

[Maria Eduarda](#)

[Capítulo 5](#)

Maria Eduarda

Capítulo 6

Maria Eduarda

Capítulo 7

João Paulo

Capítulo 8

Maria Eduarda

Capítulo 9

Maria Eduarda

Capítulo 10

João Paulo

Capítulo 11

Maria Eduarda

Capítulo 12

João Paulo

Capítulo 13

Maria Eduarda

Capítulo 14

Maria Eduarda

Capítulo 15

João Paulo

Capítulo 16

João Paulo

Capítulo 17

Maria Eduarda

Capítulo 18

João Paulo

Capítulo 19

Maria Eduarda

Capítulo 20

Maria Eduarda

Capítulo 21

João Paulo

Capítulo 22

Maria Eduarda

Capítulo 23

João Paulo

Capítulo 24

João Paulo

Capítulo 25

Maria Eduarda

Capítulo 26

João Paulo

Capítulo 27

Maria Eduarda

Capítulo 28

Maria Eduarda

Capítulo 29

João Paulo

Capítulo 30

Maria Eduarda

Capítulo 31

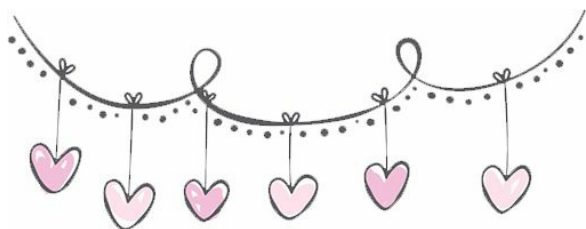
João Paulo

Epílogo

Maria Eduarda

Agradecimentos

Outros Romances da Autora:



Prólogo

Maria Eduarda

Para muitos eu era a Maria mais doce, a professora infantil delicada e sonhadora. Para outros, eu era comum.

Para minhas irmãs eu era a que mais gostava de guardar segredos, a mais romântica. Para os meus pais, a filha caçula era uma mulher doce, que nunca foi de paixões e entregas. A mais

caseira, mais sutil.

Para ele, eu era um mistério.

No entanto, João também é um mistério para mim.

Perceber o melhor amigo dos meus cunhados foi definitivamente loucura, afinal, apesar de João manter um olhar aguçado sobre mim, nenhum de nós deu um passo para descobrir o que nos joga em um limbo estranho e às vezes, desconfortável.

Não somos amigos, não somos colegas, não somos nada. E ainda assim,

há algo entre nós que não sabemos definir. Sempre houve, antes mesmo de João entrar para a família.

Sim, nos conhecemos antes. Em uma festa na casa de um amigo de um amigo. Na época, João era o típico homem galinha. O típico homem que mesmo adulto e formado, subiu para um quarto com uma loira gostosa achando que estava em uma festa de fraternidade. Sei que isso não poderia ser algo que defina seu caráter, meus cunhados pelo visto eram como ele e são homens especiais para minhas irmãs.

O fato é que negamos isso. Negamos que nos conhecemos, negamos o silêncio perturbador que se instalou sobre nós desde que Malu finalmente conseguiu unir os amigos do marido, com suas irmãs. Não somos apenas nós dois que sabemos que algo estranho está sobre nós, todos percebem. E embora sempre neguemos o que o limbo nos traz, estamos sempre loucos para descobrir. Sei que estamos sempre loucos demais para entender. Loucos também para viver.

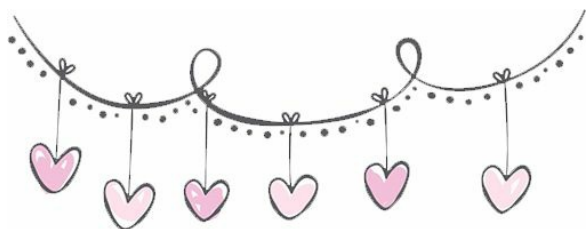
É estranho que tenha sido ele a

me fazer entender tantas coisas. Estranho que tenha sido ele, a me fazer duvidar de tantas outras.

Sentir algo pelo melhor amigo dos meus cunhados? Maria Júlia fez escola?

Não importa que não saibamos o que sentimos quando estamos diante um do outro, importa que querendo ou não, João e eu temos algo para viver.

Se isso será nossa grande história ou um capítulo, apenas o tempo dirá.



Capítulo 1

Maria Eduarda

Conheci o copo d'água por acaso. Amigos de amigos da faculdade resolveram "tomar água" em uma sexta-feira à noite após a faculdade e acabei indo junto.

Eu raramente ia a bares. Não fazia muito meu estilo, nunca gostei de como as pessoas se “soltam” ao

beberem. Não é uma questão de não ser quem você é, é questão de estar suscetível a passar dos limites. Em tudo.

Contudo, o bar que não parecia bar era bacana. Todas as sextas a noite tinham gente se declarando, lamentando e declamando poesias. Não era um lugar apenas para ingerir álcool. Era um lugar onde as pessoas iam a um palco e colocava para fora seus sentimentos. Todos eles. Os bons, os ruins, os tristes e os felizes.

Era divertido. Sempre ia em turma, sempre ouvia com atenção, torcia

pelos que se declaravam, chorava por histórias que acabavam com pessoas se odiando. Era um misto estranho de sensações. No entanto, como uma boa estudante de Letras apaixonada literatura, histórias de amor e por poemas que eu era, logo me peguei indo ao bar.

Como não queria que ninguém soubesse que além de ouvir as histórias felizes e tristes que eram narradas ali, eu também amava ler o que escrevia, nunca contei para onde ia. E não contar quase deixou Maria Júlia e Maria Luana com

cabelos brancos. Minha irmã do meio era curiosa, já minha irmã mais velha era cuidadosa.

Foram três longos anos indo ao bar sem que quase ninguém realmente o soubesse. Eu gostava de como minhas irmãs sempre tentavam descobrir o que eu fazia.

Não era um segredo ou algo para manter oculto, apenas não me via pronta para dizer que eu gostava desse tipo de programa, que gostava de escrever. Estranho, não é? Eu nunca fui uma mulher que escondia meus talentos, ao

contrário, sou uma ótima professora e faço questão de mostrar que sempre posso melhorar, mas as "poesias" pareciam me tornar outra pessoa. Alguém que eu ainda estava descobrindo. E o programa, parecia careta demais para a personalidade das minha irmãs e dos seus grupos de amigos. Parecia careta demais para os seus namorados e depois maridos. Resolvi então, guardar esse momento só para mim e meus amigos.

Após ouvir um cara cantar para namorada, subo no palco e me posiciono

ao centro, o dono do copo d'água parece ser dramático, por isso, ele deixa apenas o centro do "palco" meio iluminado, é como se estivéssemos realmente em uma apresentação. Algo meio teatral, mas como disse, para nós, frequentadores do bar às sextas, isso é o mais legal.

Olho para todos aqueles que por mil motivos sempre param para observar quem vai estar no palco ou o que fará e suspiro. O olho o papel em minhas mãos, respiro fundo e então começo...

Cresceu

Floresceu

Criou raízes

Amou

Sonhou

Fincou raiz

Deu flor.

Aprendeu

Se entendeu

E por fim percebeu

Que era tudo

Raiz

Espinho
E flor.
Ah, a vida
mostrou
que se pode ser tudo
inclusive
Ser flor.

Quando finalizo encaro a plateia
e por mais louco que seja, tenho certeza
de que vi João Paulo.

Desço e caminho para fora, o
que o fisioterapeuta amigo do meu

cunhado fazia no copo d'água eu jamais saberia, mas o modo como me olhou, jamais sairá da minha mente.

De alguma forma, o olhar de João Paulo me tocou e me fez questionar por que nunca nos aproximamos. Porque nunca deixamos claro que já sabíamos quem o outro era. Quem era João além do melhor amigo dos meus cunhados de uma das minhas irmãs? Quem era João? O mesmo cara que ia em festas apenas para subir para um quarto com uma mulher gostosa e depois ir embora? Ou o amigo que Maria Júlia amava e com

quem se abria? Eu nunca realmente soube quem ele era e o olhar sério e bonito que me deu me assustou.

E não foi de um jeito ruim.

Quando saio do bar e o vejo encostado no carro entendo que os "mistérios" que nos cercam podem finalmente serem descobertos.

— Maria... — chama e caminho até ele. João foi o único que nunca me chamou de Madu. Sempre achou ser íntimo demais. Coisa que nunca fomos.

— Olá, João. — digo e o olho.

— Posso te levar em casa? —
pergunta e olho ao nosso redor. O mundo
estava de alguma forma brincando
comigo?

— Hmm... Não precisa se
preocupar, posso pedir um táxi, ir de
ônibus, ainda está cedo.

— Posso te levar em casa? —
repete e desisto, seguindo-o para dentro
do carro.

O que se passa na mente do
João? O que se passa em minha mente?
São perguntas que normalmente ficam

em silêncio.

— As coisas ditas no copo d'água precisam fazer sentido? — pergunta e o olho.

— Não e sim. Meus textos não têm muito sentido, mas falam comigo. O que acontece no copo d'água é para extravasar. Há histórias de amor começando, histórias de amor acabando, há quem fale do dia a dia, do chefe irritante. Há quem suba lá em cima e chore. É um pouco louco, é para apenas... ser você.

— E aquela é você? — pergunta e não o entendo.

— Não somos pessoas com vida dupla, somos o que somos o tempo inteiro, mas é no copo que relaxamos. Você ia a um bar tradicional com Igor e Heitor. Eu venho no copo. É para relaxar. E não ter medo de dizer o que sente.

— Você diz muito o que sente?

— Sempre que venho. Ou quase sempre.

— Achei o nome criativo, Entrei

por isso. Tive um dia de merda na clínica. Um dia de cão para ser mais exato. Quando meu horário acabou, eu só queria sair, andar e não pensar em mais nada. — fala algo pessoal pela primeira em anos que nos conhecemos.

— Como chegou até lá? Não fica perto da clínica.

— Dirigi sem pensar em um rumo certo.

— Quer falar sobre o que aconteceu?

— Paciente recebendo

diagnóstico ruim. É uma merda não poder ajudar todos como queríamos.

— É tão ruim assim?

— Trabalho basicamente cuidando de problemas causados por traumatismos, lesões ortopédicas graves. Quando falo casos graves são vítimas de acidentes, muitas vezes de trânsito, graves. Difícil recuperação, às vezes...

— Entendo.

— Então hoje, quando peguei o diagnóstico de uma garotinha e passei

para sua mãe, senti meu coração apertar. Uma garotinha que não tinha idade para estar em uma motocicleta e que por imprudência jamais vai sentir nada, faremos o necessário, iremos ajudá-la, mas o sonho do balé...

— Acabou. — completo por ele e sinto que ele realmente está machucado.

— Disse o discurso que sempre uso, sonhos mudam, se transformam, se adaptam, se realizam de diversas formas.

— Não partiu um coração.

— Tirei a esperança que a mãe daquela menina tinha. Ela provavelmente nunca mais irá andar.

— Disse provavelmente, então há uma chance.

— Disse provavelmente para não te chocar. Durante boa parte do dia de hoje, acreditei que nem mesmo um milagre a faria sentir algo, mas acredito em milagres, então... quem sabe um dia? Hoje, o que precisei dizer foi que o médico passou o diagnóstico

corretamente.

— Sinto muito. — falo e ele estaciona em frente à minha casa.

— Engraçado, convivo numa área onde vemos a importância e a necessidade de se aproveitar todos os minutos do dia, da vida, mas sinto que estou sempre desperdiçando meu tempo.

O olho novamente sem entender.

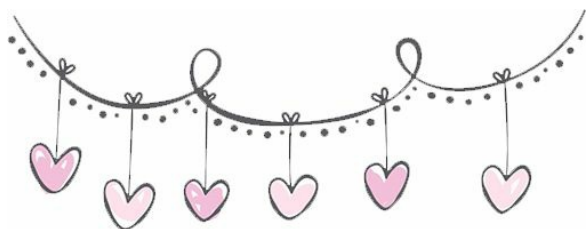
— Desperdiçar tempo é o que fazemos de melhor. É humano. Não se cobre, João. E não deixe a vida passar. É melhor se arrepender de ter feito algo

e vivido o momento, do que chegar no fim da vida e se perguntar “e se”. Existem coisas, momentos, que não voltam. É como oportunidades. Às vezes, elas não batem na mesma porta duas vezes.

Ele me olha em silêncio. João é um mistério. Um muito bonito, o tipo de mistério que queremos desvendar. Mas na verdade, eu não sei se estou pronta para desvendá-lo. Não sei se estou pronta para descobrir as facetas do homem que me olha quieto e pensativo. Do homem que sempre pensei ser um

mulherengo. Um homem que sempre julguei.

Não me despeço, desço do seu carro e entro em casa. A vida nos dá oportunidades, mas nem sempre estamos prontos para elas. Estou pronta para desvendar João?



Capítulo 2

Maria Eduarda

Escrever sempre foi um passatempo para mim. Nunca tive pretensão de ser escritora ou algo parecido, mas sempre amei o modo como as palavras me faziam sentir. Sempre amei o fato das palavras serem "mágicas". Algo sobre te fazer feliz ou magoar. Nunca sabemos o poder que as

palavras têm até ouvi-las.

Por isso que me apaixonei pelo copo d'água. É um lugar onde posso derramar as palavras que muitas vezes me sufocam. Um meio de mostrar uma parte minha que muitas pessoas ainda não conhecem.

Como disse, não é algo secreto, mas não é algo que quero revelar. São palavras descoordenadas que para muitos não fazem o menor sentido.

É sexta-feira, duas semanas depois de encontrar João no bar, mais

uma noite onde me reúno com amigos no copo d'água. Uma noite em que vemos um cara falar o quão mal julgamos os homens. Ele fala sobre amar e ter um coração ferido. É triste ver que as pessoas realmente não acham um homem capaz de sofrer por amor, mas ele está tão aberto, tão nu diante de uma plateia que come, bebe e o ouve.

João seria o tipo de homem que ama e se machuca ou o que quebra corações?

Nunca tive meu coração partido, mas também nunca o entreguei. Minhas

irmãs, me acham a mais romântica das Marias, mas a verdade é que não quero relações rasas. Quero intensidade. Não quero o efêmero, quero o eterno. Não quero casos, quero um amor.

E nunca o achei. Nunca senti meu peito bater forte, nunca senti o desejo enlouquecedor, nunca quis mais. Minhas paixões foram poucas e passageiras, mas mostraram que não é esse tipo de relação que me motiva.

Não quero sexo por sexo, não quero apenas pele. Eu quero alma.

Volto a focar no cara do palco tão entregue ao seu relato. A sua dor.

— *Amar é um risco. O amor me feriu, mas não há beleza maior que o amor.* — finaliza e suspiro.

— Está séria demais, Madu. — Sofia, minha melhora amiga e colega de trabalho diz.

— Não é estranho que a pessoa que pode te fazer feliz, seja também a pessoa capaz de te destruir? — pergunto.

— Amar é um risco, Maria

Eduarda. Às vezes magoamos as pessoas em nome do amor. Mas não amar é algo mais triste do que ter o coração partido.

Volto a suspirar, imaginar uma vida inteira sem amor soa tão frio. Tomo um gole da minha Coca gelada e olho a batata frita na mesa. Novamente olho para o palco, agora vazio, e penso em como o amor tem suas faces.

Viro o rosto para o fundo do bar e o vejo. João Pedro me olha. Não o entendo. Talvez nunca o entenda. Não é sempre que venho ao copo d'água e

sinto-me impelida a falar, mas hoje... por algum motivo sinto que preciso dizer algo.

Levanto-me da minha mesa e caminho até o palco. O bar não está tão lotado, mas há um número significativo de alunos e festeiros. Pessoas que logo hoje resolveram prestar atenção em tudo.

Sinto os olhares, mas não me detenho. Nunca tive medo de falar sobre o que sentia. Sempre achei que precisamos conversar, expor o que sentimos e então seguir.

— Não preparei nada especial, na verdade, nunca preparamos, quando subimos até aqui não queremos apenas mostrar os trabalhos, afinal, há muitos poetas e cantores que sobem nesse palco nas sextas. Muitas vezes, desconfio que na maioria delas, só queremos nos abrir. É estranho e maluco porque mostramos nossas vulnerabilidades a pessoas desconhecidas, mas fazemos. Como o cara que falou sobre estar quebrado, mas que não irá desistir. O amor sempre fez parte da minha vida, meus pais sempre tiveram um casamento feliz,

minhas irmãs encontraram o amor, por isso, sinto que apesar dos erros e das mágoas que nós causamos, o amor é belo. Nunca o vivi, não conheço esse sentimento, mas penso como cara machucado que se expôs aqui. Não há beleza maior do que o amor.

Desço do palco, olho novamente na direção do João. Ele está colocando a gorjeta na mão da garçonete, por um instante ele me olha e então vai embora.

— Alguém realmente acredita que o amor é belo. — Sofia diz, me empurrando de leve.

— Não é? Eu sempre o achei. É como disse, vivi cercada de amor. Não tenho motivos para não acreditar nele, ou para negá-lo. A vida acontece para quem estar disposto a viver, assim é o amor. — falo e Sofia sorri.

— Está disposta? — questiona.

— Deveria se perguntar se você está disposta. Oportunidades passam, Sofia. Hoje, Júlio está solteiro, tentando chamar sua atenção e está presa na ideia do “se”. “Se” não constrói histórias. O quer? Agarre o cara, Sofia.

— Sempre sabe do que falo.

— É muito clara, sei ler as pessoas. — respondo e penso em João.

É, eu consigo ler as pessoas, ou pelo menos, boa parte delas. Nunca João.

— Vamos?

Olho para Sofia, minha única companheira que permaneceu até tarde comigo no copo e sorrio.

— Somos duas malucas. Duas adultas que dão os melhores conselhos uma a outra e nunca os põem em prática.

— O mal de toda e qualquer pessoa. De fora, sempre vemos o todo, achamos que dá para indicar um caminho, mas quando o assunto é nós mesmos, nunca sabemos o que fazer. Nem os conselhos mais sábios parecem fazer sentido.

— Sinto uma vontade de descobrir mais dele. Ao mesmo tempo, sinto que não estou pronta para o que posso descobrir.

— Ah, o medo. Se o amor é belo, o medo é paralisante. É o que nos traz uma falsa sensação de segurança.

Sente-se segura em não dar esse passo, mas na verdade, é apenas medo de descobrir que o cara que faz parte da sua vida há alguns anos pode ser o amor da sua vida. — brinca.

— De misterioso ao amor da minha vida? Agora você foi longe. Não é isso. Acredito em amor, mas acredito na construção. Tenho medo do que ele parece sentir.

— Do que ele pode te fazer sentir. Sabe o que acho? Que vocês têm medo de descobrir que se querem desde o casamento da sua irmã mais velha. Ou

até antes disso.

— Não vamos repetir a história da Maria Júlia.

— Viu! É isso. Sabem que há algo no ar, mas não querem repetir o clichê. Medo de não viverem uma própria história? De estar forçando algo?

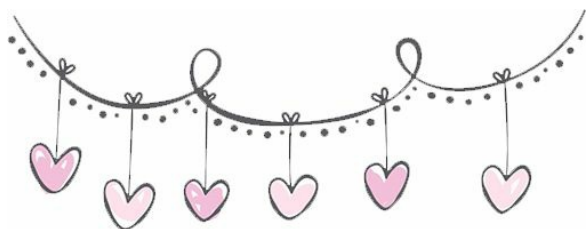
— Medo da intensidade.

— A vida acontece para os que estão dispostos a correr riscos, Maria Eduarda. Se ele for o seu risco e deixar passar? — pergunta e paramos no ponto

de táxi.

E se ele for o meu risco? A minha oportunidade?

Não. João não é do tipo que vive clichês românticos e sentir algo por mim seria o mais típico clichê. Não seria?



Capítulo 3

João Paulo

Maria Eduarda é minha incógnita. É a única mulher que já me prendeu sem nunca a ter sequer beijado. É a única que já me intrigou. A que me assusta e me deixa inquieto.

Há muito tempo ela me deixa inquieto.

Mexe comigo muito antes do casamento de Maria Luana, muito antes

do copo d'água. Lembrar do bar me faz sentir algo estranho. Uma tristeza por aquela menina que em meio a sua dor se tornou minha paciente, uma menina cheia de fé e dedicada. Faz meu peito se inquietar por Maria. Por algo que vi dela que ninguém viu. O coração.

Realmente conheci o copo d'água como falei a ela. Em um dia ruim no trabalho, saí sem pensar em nada, até achar um lugar onde pudesse desopilar e beber sem culpa. O encontrei no copo d'água e nele a encontrei. Desde então não consigo deixar de ir lá.

Após nosso primeiro encontro no bar, passei a ir durante todos os dias, queria saber qual era realmente seus dias no lugar, sua rotina ali. Até que entendi que não vai todos os dias, nem todas as semanas seguidas. Eu realmente achava que ela iria a um bar todos os dias?

Maria Eduarda vai ao copo d'água algumas sextas-feiras. Tentando entender sua rotina, percebi que o bar, na maior parte dos dias é apenas um bar comum. Um lugar para ir com os amigos e beber. O dono disse que a ideia das

sextas-feiras surgiu ao comprar outro bar. Um onde havia música ao vivo. Sua nora, era formada em música, a melhor amiga dela em cinema, disse que atraíam os jovens de artes, literatura, música. E trazê-los para o bar rendia.

Foi lá onde descobri que Maria Eduarda o frequentava desde a faculdade. Com o mesmo grupo de amigos. Uma mulher, um ou dois homens.

Não consigo ficar longe, de alguma forma sinto que preciso vê-la. Por isso, muitas vezes, ao invés de sair

com as “amigas” que fiz ao longo da vida, vejo-me sentado na mesa de sempre. Um tanto escondido, mas ainda assim, capaz de vê-la sorrir, prestar atenção em cada pessoa que sobre naquele palco. E às vezes, a vejo subir. Maria sobe aquele palco para mostrar um lado seu que nunca achei existir.

Parece entender de amor. Mas diz nunca ter vivido. É delicada, traz romance escrito em seus olhos. O que me faz questionar o que Maria fazia naquela festa há anos atrás. Uma festa onde todos combinaram previamente o

que fariam, com quem fariam. O que Maria fez ali?

Buscar essa resposta me fez continuar indo ao bar. Mentira, comecei a ir apenas vê-la. Ouvir o que tem a dizer. Conhecer seus pensamentos ou os que permite ver.

Sei que em alguns momentos ela me vê. Gosto disso. Gosto de saber que ela sabe que fui, a vi, a ouvi e então saí.

Essa se tornou a rotina de algumas das minhas putas sextas-feiras. Ir ao bar, vê-la, ouvi-la e ir embora,

afinal, nunca mais nos falamos.

Ela me confunde. Não a entendo. Pelo menos, não totalmente. E não consigo entender a necessidade que sinto de saber mais dela. De conhecer a fundo a professora infantil que gosta de ouvir dramas de amor e falar sobre tudo e nada em um palco de um bar escondido da cidade e ia em festas planejadas apenas para...

Por que ela me prende? Por que Maria Eduarda me chama?

Hoje é mais um desses dias

confusos. É sexta-feira, estou em casa e meu coração pede que vá até ela. Apenas ouvir, ver que está bem, que se diverte. Mas não posso continuar com isso. Não posso me prender a uma mulher que está tão próxima e tão distante.

Respiro fundo, procuro as chaves do carro no aparador, saio de casa e me vejo batendo na porta da minha nova melhor amiga. A esposa do meu melhor amigo. A irmã da mulher que me inquieta.

— Olá, João. Não disse que

vinha. A comida hoje é especial, sopinha de criança e pão. — Maria Júlia diz e sorrio.

— Todas estão aqui? — pergunto querendo saber se Alice, a filha fora do casamento e mais velha do meu amigo, está passando a semana com eles.

— Uhum. Bem-vindo a casa das cinco mulheres. — diz sorridente e penso no quanto meu amigo ainda sofrerá. Pensando em Heitor, ele aparece com uma nos braços e sorrio. Tanto ele quanto Igor olham para as

filhas como se o mundo inteiro estivesse a sal frente. Seguram as meninas como se o cristal mais delicado do mundo estivesse em suas mãos.

— Bendito entre as mulheres, cara. — brinco — Como vai?

— Ficando careca, mas bem. Nunca mais tinha vindo. Já sabe o cardápio do jantar?

— Sopinha de bebê com pão? Fala sério. Vou pedir uma pizza. — falo e ele sorri, percebo que estou dando a eles tudo que queriam. Não cozinhar

algo decente após as filhas dormirem.
— Você é um mão de vaca, cara. Eu sou a visita, vocês deviam pedir para mim, que casal mais safado. — brinco.

— Me dá o celular que peço.
Você paga e eu peço. — Maju diz cheia de graça.

Faço o pedido e enquanto a pizza não chega, vejo as meninas jantarem e subirem com o pai para serem colocadas para dormir, só após isso a comida chega. Até parece que a porra toda foi combinada.

— E então... Aconteceu alguma coisa? — Maria Júlia pergunta e não sei bem como agir. Ou o que falar.

— Estou me segurando para não ir até a Maria Eduarda. — falo e Maju levanta a sobrancelha de um jeito que só ela sabe. — Estou confuso. Sua irmã é uma incógnita para mim. Desejo conhecê-la. Parece que a olhar se abrir no copo d'água não é suficiente. Quero saber quem é a Maria Eduarda, ela por inteira.

— Copo d'água? Bar? — Maju pergunta e suspiro sabendo que falei

demais.

Caralho!

— Sim, um bar. Pessoas vão até ele para falar sobre histórias de amor, coração quebrado, conquistas pessoais.

— E a minha irmã se abre lá?

— Ela lê poemas.

— A Maria Eduarda vai a um bar ler poemas? Que porra! Era isso que aquela caçula escondia? Nenhum segredo obscuro? Apenas... Ler poemas?

— Que houve amor? — Heitor

volta e senta-se ao lado de Maju.

— A Madu vai a um bar ler poemas e ouvir pessoas falarem sobre o amor e corações partidos.

— Esse é o segredo que você queria descobrir? — pergunta e ela resmunga.

— Não podemos nem chamar de segredo. Ela sempre adorou ler. Achei que estava namorando escondido, um cara mais velho, um cara com filhos, ou sei lá, estivesse se descobrindo...

Sorrio.

— É maluca. — digo e ela volta a me olhar séria.

— Está querendo conhecer minha irmã porque quer levá-la para a cama?

— Não quero levá-la para a cama.

— Heitor dizia isso e hoje temos um monte de meninas correndo pela casa gritando mamãe e papai. — brinca.

— Eu não dizia não. Eu apenas te levava.

— Tanto faz. — volta a

resmungar.

— Sua irmã tem algo que me envolve. Não sei o que é, e tenho medo de descobrir.

— Desde quando é medroso? Quer conhecê-la, vai atrás. Quer descobrir? Pula, João!

Fico em silêncio. Essa é Maria Júlia. Intensa. Que gosta de se arriscar. Ela não tem medo.

Será que Maria Eduarda também era assim? Assustadoramente corajosa? Livre, entregue?

Apesar de já a "conhecer" há alguns anos, nunca fomos próximos. Nunca enxergamos a profundidade um do outro. Não sei os seus gostos, não sei suas manias. A verdade é que não a conheço realmente. E isso é o que mais me afeta. Quero conhecê-la. No entanto, me pergunto até que ponto ir.

E se eu descobrir mais do que estou pronto para encarar? E se ela for tudo o que pensei? Ou se for exatamente o contrário?

Caralho.

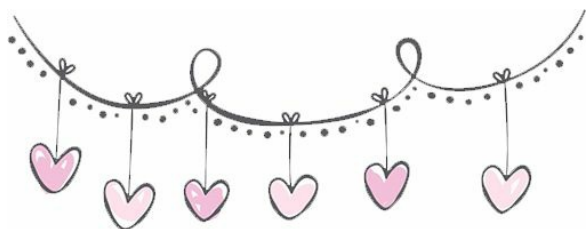
O que aquela mulher fez comigo?

O que faz com minha mente?

Maria Eduarda, com aqueles olhos doces, aquele jeito calmo e tranquilo, a risada suave, o jeito mais tímido, contido me puxa para ela. Se isso nos trará paz ou guerra não sei.

Se estou disposto a descobrir?

Talvez.



Capítulo 4

Maria Eduarda

Maria Luana e Maria Júlia entram no meu quarto como um furacão, assustando-me e fazendo borrar a maquiagem que fazia.

— Acha mesmo que ir a um bar chamado copo d'água, ler poemas e ouvir dramas alheios é um segredo? — Maria Júlia fala se jogando em minha cama. Dramática.

— Acha que precisaria esconder isso de nós por todo esse tempo? Acabou com toda a emoção que achamos que íamos sentir ao descobrir o que tanto escondeu. — Maria Luana fala e sorrio.

— Não era um segredo, não escondi. É apenas um programa entre amigos. E como ficaram sabendo? — pergunto e Maria Júlia sorri. — Ah, sim. João! Pelo visto é fofoqueiro.

— Ele está nervosinho por você. — Maju fala e Maria Luana a olha.

— Esse é um modo novo de dizer que ele a quer? Porque se for, não é segredo para ninguém. Que decepcionante. Achei que teríamos emoção e os dois estão... Quando a mamãe souber. — minha irmã mais velha diz e volto a sorrir.

Elas imaginam demais, observam de menos. João e eu não estamos... não combinamos em nada.

— Ele não está "nervosinho" por mim. João não faz o meu tipo. Ele é... — Lembro-me da festa de anos atrás — João é o homem safado clichê.

— Diz isso porque não o conhece. — Maria Júlia o defende. — E está guardando segredo por quê?

— Não era segredo. Miguel sempre soube onde eu ia, apenas não contou. E a mamãe... Não tem nada a ver com isso.

— Posso saber com o que não tenho nada a ver? — minha mãe pergunta ao entrar no quarto.

Minhas irmãs me olham, desafiando-me a contar o grande “segredo” que elas juravam existir.

— Estão decepcionadas por achar que eu guardava um segredo quando na verdade eu vou ao copo d'água ouvir dramas alheios e ler poemas com o grupo da faculdade. — falo acabando com a curiosidade.

— Decepcionadas por isso? Nunca foi segredo. Sexta-feira à noite. Sofia e Júlio sempre vão. Já se resolveram? Aqueles olhares quando vinham aqui me fazia querer gritar para se agarrarem longe do meu sofá. — mamãe diz e sorrio — Se sua irmã guarda um segredo, envolve o João. Há

anos essa garota fica tensa ao vê-lo.

— Seu segredo envolve meu amigo? — Maju questiona e suspiro.

— Não guardo segredos. — insisto.

— Tem certeza? É tão fechada. — Maria Luana diz.

— Tenho certeza, não sou fechada, eu só não saio falando de tudo o que vivo. Não guardo segredos.

— Que injusto. — Maju reclama.

— Ah, ela guarda sim. O nome

dele é João. Pode anotar aí. Essa garota sente algo e esconde de todos. E sente por aquele fisioterapeuta bonitão. — dona Maraiza fala e sai do quarto, deixando-me com olhares curiosos e sorrisos debochados.

— Não tem nada para falar? —
Maju questiona.

— Não há o que falar, Maria Júlia. Apenas esqueça.

— Podemos ir ao copo d'água?
— Malu pergunta curiosa.

— Se quiserem ouvir dramas e

histórias de amor alheias podem sim, Maria Luana.

— Vou marcar com Heitor. Estaremos lá na sexta. Não quero perder por nada. Vai ler algo? — Maju se empolga.

— Não sei. — digo por que eu realmente não sei.

— Deveria.

— Cadê as crianças de vocês? — Tento mudar de assunto.

— Suas sobrinhas estão brincando todas juntinhas no parquinho

com os papais. Um descanso para nós aqui. — Maju fala e sorrio.

Elas amam as crianças, vivem a maternidade com intensidade, mas quando se cansam, fogem para a casa da mamãe. Ou deixam as crianças com a mamãe.

Tentando fugir do assunto que mais mexe comigo, foco em falar das crianças. Sou ótima em fugir de assuntos delicados. Dona Maraiza volta com comida e quando percebo, a tarde se vai e não saí.

— Para onde ia? — Maria Luana pergunta e fico sem graça por ter esquecido do encontro.

— Um encontro. Ver um filme novo com o primo da Sofia.

— E por que não foi?

— Estavam aqui, esqueci. — falo sem graça.

— Esqueceu? Quem esquece um encontro? Pelo amor de Deus, Maria Eduarda. — Maria Júlia pega meu celular, entra nas mensagens procura até achar a mensagem certa e remarca o

encontro dando a entender que não me senti bem.

Irmãs, sempre invasivas e curiosas.

Quando finalmente vão embora, desço para jantar. Minha mãe me espera na cozinha.

— Sempre soube que iam achar que você guardava um segredo. Ler poemas no copo d'água, Maria Eduarda? Isso lá é coisa para se guardar?

— Como soube do copo? — pergunto curiosa.

— Miguel fala muito quando é bem servido.

Sorrio. É bem cara dele passar informações a mamãe em troca de comida.

— Agora, João. Esse sim é um segredo.

— Não é segredo. — rebato.

— Verdade, está tão na sua cara que não tem como esconder. Realmente, não dá para ser segredo.

— Mãe...

— É adulta Madu, faz o que

quer, como quer, com quem quer, mas mentir sobre o que sente é feio em qualquer idade. E bom, esconder que gosta dele, conta como segredo para mim. Já o beijou?

— Mãe...

Sei o que está fazendo. Dona Maraiza é inteligente demais.

— Já sei, vai dizer que como a Maju, transou com João no casamento da Malu. Eu criei filhas para serem abertas comigo e elas escondem o ouro.

— Não beijei, não transei, não...

— resmungo, afinal não fiz nada.

— Mas queria.

— Querer não é poder.

— Te peguei, Madu. Te peguei.

— Olha para mim, sorri e me deixa sozinha.

Eu quis?

Deus do céu, João me confunde tanto que enlouqueço. Ele é lindo, cheiroso e... desde aquela maldita festa, João é incógnita para mim.

— Nada disso, esqueça, Maria Eduarda! — murmuro sozinha.

Apenas João é capaz de me fazer falar sozinha. A que ponto cheguei.

Ah, João! O que faz com minha mente?

Pior, o que pode fazer com meu coração?

É loucura pensar nele assim. não nos conhecemos, raramente nos falamos, não poderíamos...

Céus!

Graças a minha mãe não poderei parar de pensar em como seria beijá-lo, como seria ir para a cama com aquele

fisioterapeuta.

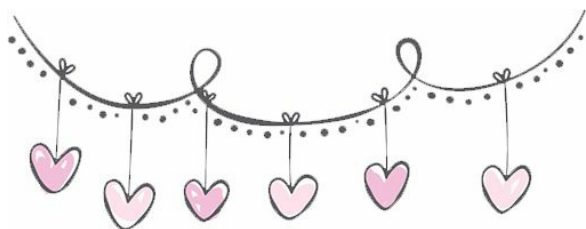
João é muito mais do que um rostinho bonito. Naquele dia em que mostrou vulnerabilidade ao falar de sua paciente, João mostrou um lado seu que nos anos que nos “conhecemos” nunca tinha visto.

Um lado humano e sensível que ele nunca tinha me mostrado. E isso atizou ainda mais o que sinto por ele. Estou envolta em confusão. Minha mente, meu coração estão perdidos nesse desejo de descobrir mais sobre ele.

Tantos anos depois e agora...

Que mentira, sempre o vi, parcialmente, mas vi. João não é um total desconhecido. Não é um total cafajeste. É o padrinho das minhas sobrinhas, o melhor amigo do meu cunhado, da minha irmã. Ele é figurinha carimba nas festas da família. O bonito e observador amigo da família.

O quão perdida estou?



Capítulo 5

Maria Eduarda

Enquanto muitas pessoas acham que a vida de professora infantil é simples, nós, da área, nos vemos responsáveis por apresentar aos pequeno o mundo mágico da educação.

Graças a isso, acabo sempre ou quase sempre trazendo trabalho para casa. Não ligo. Eu realmente amo o que faço. Sou realizada profissionalmente.

Amo ser professora, adoro ser chamada de tia, sou apaixonada pela educação e me realizo ao ver os pequenos crescendo e aprendendo.

É sexta-feira, guardo o material que separei para fazer as atividades da próxima semana na mesa de apoio que há no agora quarto único e entro no banheiro. Não esqueci que minhas irmãs querem ir ao copo, mas achei que desistiriam. As ações do copo não fazem o estilo delas. Maju é mais livre e Malu mais tranquila. O copo é mais do que um bar, é um lugar para falar de sentimentos

ou apenas relaxar. Pelo menos, nas sextas-feiras.

Quando saio do banho, ouço o celular tocar, vejo o nome da Maria Júlia na tela e sorrio. Curiosa, é isso que minha irmã é. Atendo a chamada e ela logo metralha:

— Estamos prontos para sair. Encontramos você lá? — pergunta e olho o relógio.

Apressada!

— Em uma hora.

— Tudo isso? — reclama.

— Se chegar agora perderá toda a graça. É no meio da noite que as pessoas se liberam.

— Tem certeza de que não há nada ilícito?

Sorrio.

— Certeza.

— Encontro você em uma hora. Espero textos. — Desliga e visto-me com pressa.

O táxi para em frente ao copo e desço apressada. Estou quinze minutos atrasada e vejo Maria Júlia caminhando

de um lado a outro. Maria Luana abraçada ao marido.

— Finalmente! — Maju fala e indico a entrada.

— Cadê o Heitor? — pergunto por ver minha irmã sozinha.

— Plantão. E antes que pergunte, as meninas estão com meus sogros.

Entramos no copo d'água e acabamos na mesa que quase sempre fico. Começamos fazendo os pedidos. Minhas irmãs pedem cerveja e petisco. Enrolo na Coca, batata fritas com queijo

e calabresa.

Maria Júlia está agoniada, quer logo o "show", Malu está apenas aproveitando a noite com seu marido.

Uma moça sobe ao palco e fala sobre ser pedida em casamento.

"Amo o meu namorado, quero uma vida com ele, mas antes de tudo quero uma vida comigo. Uma carreira. Antes de me casar, quero morar sozinha. É errado? Eu disse sim, mas sinto que não era o momento."

Ela continua falando sobre estar

confusa, com medo. Continuo comendo. E pensando no quão confuso o amor pode ser. Não há regras, muito menos tempo para acontecer.

Quando a moça termina seu diálogo cheio de declarações para o noivo e medos do futuro, da mudança. Crio coragem e sigo até onde ela estava.

Diferente de algumas vezes, não dou explicações sobre o que vou falar. Apenas foco no lugar onde ele sempre estar, exceto hoje, suspiro e por fim começo.

Há quem ame alguém
Há quem ame a ideia de amar
Há quem não arrisca
Por amor se machucar.

Há quem se joga
E na verdade não se importa
Se com o amor se machucar.

Há quem ame
E quem só queira brincar
Há quem lute
Para o amor não encontrar

E há quem sem esperar

Acaba,

De o amor achar

Há quem tem coração grande

E quem com pouco sabe amar

Há amor

Ideia de amar

E há a dor

Do amor encontrar

E a ele não se entregar

Há quem seja amor

E quem só saiba amar

Há amor

E há amar

Nessa loucura da vida

Espero ser amor

Espero amar

E se a vida permitir

*Não ter medo de sentir, quero
então*

Encontrar

Alguém que a mim

Vá amar

Desço rapidamente e volto para minha cadeira. Maria Júlia está me olhando curiosa. Maria Luana orgulhosa.

— Está apaixonada. João sabe?

— Maria Júlia pergunta.

— Não estou apaixonada. — rebato Maju.

— Mas falou de amor com tanta... Paixão.

— Não falo de amor por amar. Falamos sobre o que sentimos e sobre o que queremos sentir.

— Quer amar? — Malu pergunta

e vejo Igor encostar-se ao banco para observar.

— Quem não quer amar e ser amado? O ponto não é esse. O amor acontece, Maria. Não há como eu defini-lo, nem apressar. Acontece.

— Mas se estar disposta achar, a busca fica mais fácil. — fala.

— Ou não. Se está desesperado para sentir, quem garante que não é ilusão? Fogo de palha?

— Nunca haverá garantias, irmãzinha. Por isso, se sente nem que

seja uma paixãozinha por aquele fisioterapeuta que acabou de chegar, é melhor pular e viver essa loucura — Maria Júlia diz e viro-me rapidamente para a entrada.

A porta vazia reflete a mesa que sempre fica. Olho para Maju que sorri. Espertinha como a mamãe, ela sabe como me pegar.

— Eu sabia. Ele falando de você lá em casa, você o querendo aqui. O que há com vocês? Medinho de amar?

— Não seja ridícula. Não o

quero. Apenas... — suspiro sentindo muito por ele não ter vindo — Não importa.

— Realmente. Seu encontro de domingo está de pé? — pergunta mudando o assunto para a remarcação do encontro com o primo de Sofia.

— Está, mas péssimo dia para remarcar. Segunda acordo cedo.

— Relaxa não é como se realmente quisesse um encontro longo. Mal vai aguentar o filme. Quando não vivemos o que queremos nunca nos

saciamos. Devia saber disso.

— É muito boba, sabia?

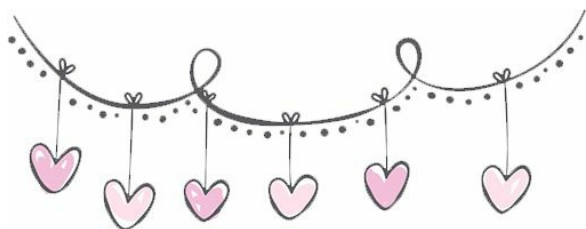
Foco em terminar meu pedido, como a batata murcha enquanto minha irmãs e cunhado sorriem.

Sim, eu sei que não nos saciamos. Não é à toa que estou tão curiosa sobre ele. Quando mais me nego a aproximação, mais curiosa fico, quanto mais quero descobrir, mais medo sinto do que posso encontrar.

João é minha incógnita e por mais que eu negue, ele é capaz de

provocar em mim, algo que nunca senti. Algo que me assusta e me faz desejar mais. Um mais que ainda não sei definir. A única certeza que tenho, em meio a todas as dúvidas que tenho sobre ele, é que João é o único a me fazer enlouquecer, sem sequer o conhecer.

Não conheço realmente, mas meu coração deseja isso. Como sobreviveremos a esse gigante abismo, eu realmente não sei.



Capítulo 6

Maria Eduarda

Estou há uma hora separando uma roupa para finalmente me arrumar e ir ao bendito encontro com o primo da Sofia. Porque ela o marcou não entendo. Talvez esteja seguindo a mesma lógica de Maria Júlia. Tanto minha irmã quanto minha melhor amiga acham que preciso ver que nenhum homem me atrai para perceber que minha curiosidade por

João nada mais é do que desejo não assumido.

Discordo. Quer dizer, nos conhecemos há alguns anos, como só agora tenho passado a pensar nele? Enquanto elas tentam provar o ponto delas, eu tento provar o meu.

O que João e eu sentimos não é paixão. É um abismo.

Finalmente decido ficar com o básico, jeans, camiseta simples e tênis. Encontro com Marcelo no cinema. Ele é bonito e simpático. Juntos compramos

pipoca e chocolate e fomos até a sala indicada em nosso bilhete.

Um filme de comedia foi o escolhido, passamos uma hora e meia rindo, quando o filme termina, aproveitamos a praça de alimentação do shopping e acabamos dividindo uma pizza.

Marcelo é legal, é divertido e todo aquele mais que esperamos do primeiro encontro. Não se gaba, não fala besteira, torna tudo leve, mas ainda assim, não causa aquele frio na barriga.

É quase oito da noite quando finalmente chego em casa. O barulho na cozinha me convida até lá. Quando entro me deparo com a mamãe tirando uma fornada de salgados do forno e três meninas babando na mesa. Maria Júlia poderia passar por cima das filhas pelos salgados, mas se estiverem tão gostosos quanto o cheiro, até eu pularia na frente das meninas.

— Chegou? — minha mãe pergunta e dou de ombros.

— Nenhum beijinho? — Maju pergunta e sei que deseja mesmo provar

sua teoria.

— Não.

— Ganhei mamãe. Ficaré com as meninas para que eu possa ter uma noite especial com Heitor.

— Por que não beijou, Maria Eduarda? — mamãe pergunta e sorrio.

— Ele era divertido, bonito, parecia inteligente, mas não rolava. O frio na barriga não acontecia.

— Falei! Ela não vai ficar a fim de ninguém, ela já é. João Paulo está dando bobeira e você também. Ele é

bonito, as mulheres na clínica são loucas por ele, mas você não anda com isso, Madu.

— O que quer que eu faça? Que o chame para sair? — pergunto irritada.

— Sim! É exatamente isso que quero que faça. Que o chame para sair, o beije, transe com ele se quiser. Apenas parem de achar que ignorar um ao outro é normal. Parem de achar que sentem curiosidade, que há um mistério, uma abismo entre vocês. Não há. Há apenas tesão. Pior, tesão não reconhecido.

— Não sentimos.

— Claro que sentem. E possuem medo do que sentem.

— É tão filosófica, por que então não marca? — reclamo.

— Quer saber, farei isso mesmo.
— diz pegando o celular do bolso e ligando para João.

Fico em silêncio, boa parte de mim está chocada com o que estou vendo e outra não está acreditando.

— Fala docinho. — ele diz e ela me olha sorrindo por tê-lo colocado no

viva-voz.

— Então, Madu quer saber se você beija bem.

— O que está inventando, Maria Júlia?

— Eu? Nada. Estou dizendo que a minha irmã topa sair com você. Você não disse que queria conhecê-la? Ela sente o mesmo. Na minha humilde opinião isso não é curiosidade, é tesão. E tesão a gente mata.

— Se você acha que eu vou sair com seu amigo depois disso está

enganada, Maria Júlia. Esqueça. Comece a agir como uma adulta. Saiba respeitar os espaços dos outros. Isso é forçar a barra. Seja madura. — falo e saio da cozinha.

Ainda ouço quando diz a João que precisa desligar, entro no quarto e quando bato a porta percebo que ela estava me seguindo. Maria Júlia entra e me encara.

— Sinto muito. Não quis soar estúpida.

— Mas foi.

— Sinto muito, Madu.

Novamente, eu não queria ser estúpida, só estou querendo ajudar.

— Pedimos sua ajuda? —
pergunto de forma grosseira.

Maju percebe que me magoou.
Ela suspira e senta-se em minha cama.

— Não pediram minha ajuda,
mas eu sei o que é perder tempo, sei o
que é deixar a felicidade escorrer entre
os dedos, eu sei o que é esconder o que
sentimos.

— Mas não estou sentindo...

— Tem certeza?

Fico em silêncio, eu não tenho mais certeza de nada.

— Às vezes a vida acontece e não percebemos, Maria Eduarda. Não estou dizendo que precisa correr para ele e viver uma paixão que não sente existir, estou dizendo que às vezes precisamos estar munidas de coragem e tomar as rédeas da nossa vida. Não é errado deixar as coisas acontecerem, mas e se nunca acontecer?

— Se não acontecer não era para

ser.

— Ah, Madu! É mais inteligente que isso. Sabe que isso entre vocês precisa acontecer. Qual medo?

— Se tudo der errado, será uma tragédia. Ele é um dos padrinhos das minhas sobrinhas. É seu melhor amigo, um dos melhores amigos do Heitor e do Igor. E é um cafajeste.

— Eu pensava exatamente isso sobre o Heitor e olha como estamos hoje! A felicidade é algo simples, o amor acontece no dia a dia, na rotina. E

não conhece o João. Ele é um homem livre, como você é uma mulher livre. Se pode ficar com quem quiser e não assumir um relacionamento porque ele não poderia? Fui assim, antes de Heitor vivi as paixões que apareciam em minha vida. Pare de julgá-lo como medida para se afastar. Sinta seu coração e decida se deve se aproximar.

— Não consigo entender o que sinto.

— Precisa descobrir. E só irá descobrir se tentar. Resultados são consequências de tentativas. Dizem que

o não a gente sempre tem. Que precisamos correr atrás do sim.

— E se ele não se sentir igual?

— Seguirá sua vida. Como acha que as pessoas vivem após um coração quebrado? Elas continuam vivendo. O amor... Às vezes nos machucamos. Em todas relações nos machucamos. Eu acabei de te magoar e meu coração está partido por isso. O que faremos agora? Seguiremos em frente. Não vou mais me meter.

— Acha que ele sairia comigo?

— pergunto e ela sorri.

— Acho que qualquer homem inteligente sairia com você. É linda. É a mulher mais educada, sensível, doce, apaixonante que conheço. Se quiser, posso ser a fada madrinha. Prometo que não falarei merda para ele. — Se empolga.

— Jura que não irá insinuar nada? — O sorriso da minha irmã se amplia.

— Juro solenemente que tentarei fazer esse encontro acontecer da

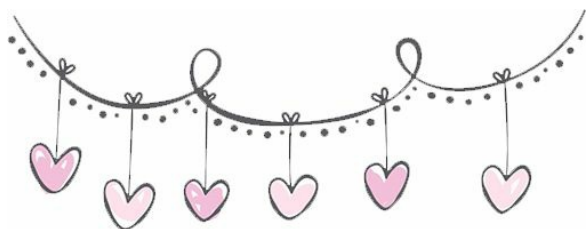
maneira mais... — fica em silêncio — o mais sua cara possível.

— Ok.

O abraço apertado que recebo mostra o quão preocupada ela está. Sim, quero descobrir o que sinto. Extravasar e ouvir a Maria Júlia, me dá um pouco de coragem para dar o primeiro passo. É loucura seguir como Maju acha que deveria, mas sinto que também pode facilitar.

E agora, enquanto minha irmã digita rapidamente no celular e exhibe um

sorriso vitorioso no rosto, começo a pensar que essa pode ser a aventura mais louca da minha vida. E que sim, eu preciso conhecer o João.



Capítulo 7

João Paulo

Olho confuso para o celular, a chamada de Maria Júlia finalizada de maneira abrupta. Não entendo. Elas estavam brigando e me colocaram no meio? Como cheguei ao assunto? Por que Maju desejaria que saísse com sua irmã? O que porra a esposa do meu amigo está planejando?

Largo o celular na cama e vou

até a cozinha onde pego uma bebida. Apesar de ainda sair com meus melhores amigos, evito interferir na rotina deles. Já não saio tanto para festas, barzinhos ou afins. A verdade é que minhas idas ao copo d'água são para vê-la. Ouvir os pensamentos da mulher que sempre representou o desconhecido para mim.

Graças a isso, meus casos diminuíram. Não gosto de ficar, mesmo que casualmente, com uma mulher sem tirar outra da cabeça. Como não tenho saído ou marcado nenhum programa “a

dois”, tenho focado apenas em estudar. Estudo para cacete. Desde cursos para especializações quanto casos da clínica. Tenho trabalhando em excesso. Segundo Igor e Heitor, estou perdido em mim mesmo.

Que loucura!

Estou voltando da cozinha com uma lata de cerveja, pronto para ler mais um capítulo do material de um curso quando vejo o celular notificar mensagens. O nome de Maria Júlia na tela não me surpreende. Se eu realmente entendi a briga das irmãs, Maju estava

passando dos limites com a irmã e de alguma forma me colocou no meio.

“Desculpe por antes. Pisei na bola com a Maria Eduarda e acabei colocando-o no meio. Não era minha intenção magoar nem a ela, nem a você. Queria ajudar. Quero ajudar. Estão perdidos, cegos nessa ilusão que criaram. Não queria interferir.”

“Está tudo bem. Não estou magoado ou algo parecido.”

“Posso continuar ajudando?”

“Não há necessidade, Maju.”

Cuide da sua vida.”

“Por que estão tão reticentes sobre isso?”

“O que acha que está rolando?”

Envio e espero sua resposta. Conheço Maria Júlia, ela é intensa, assim como o marido, gosta de viver tudo o que a vida coloca diante dela.

“Acho que vocês dois estão atraídos um pelo outro. Que estão fugindo, tentando amenizar a situação. Não é errado sentir isso, João. Falando

a você o que disse a minha irmã, a vida passa. As oportunidades são colocadas diante de nós e se não as aproveitamos, não voltam. Quase perdi o Heitor. Passei muito tempo sofrendo, esperando um momento certo, quase nos perdemos. Não consigo imaginar minha vida sem ele, João e por isso digo que precisam viver. Qual foi a última vez que saiu com alguém?”

“Sei lá, um mês?”

“Foi bom?”

Sei onde ela quer chegar.

“Transei, gozei e fui embora. Isso responde algo?” Digito e tentando fazê-la parar.

“Hoje Maria Eduarda encontrou um cara.”

Pergunto-me como ela se sentiu em seu encontro. Apesar de ter me “aliviado” não me senti satisfeito. Não acabou com o “vazio” que estava sentindo.

“Foi bom?”

A curiosidade me vence.

“Não rolou nenhum beijo.”

Quando falei de você os olhos dela brilharam exatamente como o seus brilharam quando falei dela para você.”

“O que exatamente está tentando fazer?”

“Estou tentando dizer que vocês podem sair e descobrir o que exatamente sente um pelo outro.”

“Sua irmã não aceitaria.”

“Ah, ela aceitaria sim.”

“Tem certeza?” pergunto curioso.

“Absoluta.”

“Se isso der merda a culpa será sua.”

“Se der casamento serei a madrinha.”

Sorrio.

“Onde posso levá-la?”

“Deixa comigo. Pode relaxar. Cuidarei de tudo.”

“Esse é o meu medo.”

Tento voltar a ler meu artigo, mas não consigo. Maria Júlia conseguiu

seu primeiro feito. Fez-me duvidar do que acreditava. Eu acreditava que Madu não olharia para mim com segunda intenção. Nós sempre estivemos tão separados. Mesmo nos aniversários das meninas, dos meus amigos, saídas, nunca realmente nos aproximamos. Sempre existiu aquele espaço vazio e estranho entre nós dois.

Encontrar-me com ela agora, em um sentido romântico será no mínimo estranho. O que fazer ou dizer? Não quero ser um cara idiota no primeiro encontro, não quer ser o estranho sem

nada para falar. Maria Eduarda sempre me prendeu e desconcentrou. Não sei como agir com ela. E diante disso, me pergunto se ela sente o mesmo.

Há como mantermos um encontro assim?

Entro no grupo que mantenho com Heitor e Igor e começo a digitar:

“O que fazer em um primeiro encontro que nunca imaginou acontecer?”

“Finalmente vai levar a Maria Eduarda para sair?” Igor manda e me

pergunto o que ele sabe.

“Como sabe quem é?”

“Vocês acham mesmo que ninguém nunca percebeu a distância forçada e os olhares atravessados? Para muitos isso poderia não significar nada, para vocês, significa tudo. Apenas negam.” Igor continua.

“Achamos que já tinha se pegado e não tinha dado certo. Madu é muito amorzinho. E você... bom, você é você.” Heitor diz

“Nunca ficamos.” Mando.

“Nem um beijinho de leve?”

“Não.” Limito-me a dizer.

“Cara, isso é ruim. Há acúmulo demais em você” Igor diz e sorrio.

“O que pensa fazer?” Heitor pergunta.

“Sua esposa está à frente.”

“Fodeu!”

Nenhum deles me apresenta algo realmente aproveitável. Esse encontro com Maria Eduarda não é sobre sexo. É sobre entendermos o que nos cerca. Queremos ver o que acontece conosco.

O porquê de termos essa sensação de ligação quando na verdade somos distantes. Será que foi algo não dito naquela festa de anos atrás? Não, uma festinha não nos deixaria assim.

É fato que as Marias possuem personalidades diferentes. Maria Luana é tranquila, Maria Júlia é atrevida, mas ela... Maria Eduarda é tímida, linda, inteligente, um mundo inteiro para se descobrir. Quando estamos juntos não consigo deixar de olhá-la. Ela rouba meus pensamentos e isso me deixa desconfortável.

Quando estamos juntos, nenhum de nós arrisca muito. Acho que ambos temos medo de estragar o “grupo” que fazemos parte. Somos tios das mesmas crianças, sou amigo de todos os cunhados dela, estamos nas mesmas reuniões. Dar errado implica muito. Significa criar um climão entre os nossos. Fazer escolhas difíceis. E quando o assunto é família, porque sim, meus amigos, suas esposas e filhas são família para mim, eu realmente não arrisco. Os quero em minha vida. Relacionamentos não se comparam ao

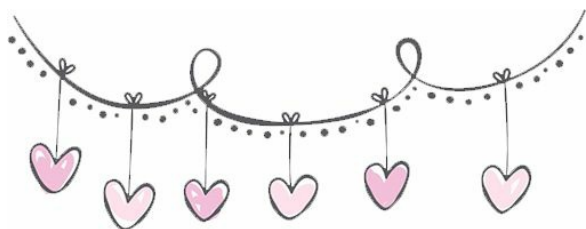
vínculo criado com eles.

A notificação de mensagem me faz olhar o celular. Novamente, o nome de Maria Júlia pisca na tela. Demoro a olhar, não sei bem o que esperar vindo de um encontro arquitetado por ela e sua mensagem é absolutamente clara sobre o que pensa.

“O melhor encontro da sua vida será no sábado. Prepara-se João. Sua vida nunca mais será a mesma. Estou ansiosa para tê-lo na família.”

Leio e sinto que Maju quis mais

do que organizar um encontro. Ela quis
nos enlouquecer.



Capítulo 8

Maria Eduarda

Deixar nas mãos de Maria Júlia um encontro era extremamente perigoso. Eu não sabia se Maju seguiria sua linha "jogue-se na vida" ou se seria neutra. O que a maluca da minha irmã levaria em conta ao planejar esse momento era assustador, mas esperar uma semana inteira para finalmente descobrir o que sentimos é ainda mais assustador.

E não deveria ser, deveria?

Tenho vinte e cinco anos. Sou uma mulher adulta e realizada profissionalmente, e que sabe bem o que deseja da vida e para sua vida. Mas graças a minha irmã começo a semana ansiosa. E não consigo esconder isso de Sofia, minha amiga, fiel escudeira e colega de trabalho.

— Está assim pilhada por quê?

— pergunta enquanto observamos as crianças brincarem no intervalo.

— Maria Júlia me convenceu a

ir em um encontro com João Paulo.

— Jura? Eu preciso dizer que sua irmã é maravilhosa.

— Ela é. Mas... Maju está à frente de tudo e isso é assustador.

— Eu aposto que ela vai seguir a linha romântica, assim como você.

— Não sei bem o que esperar.
— digo, porque sinceramente, eu não sei o que esperar.

— Um momento de entrega e um momento real. Sem frescuras, sem medo. Se precisa entender o que sente por

aquele homem, vá disposta a isso.

— Se parece muito com ela.

— Não, só achamos que não há razão para temer o que podemos sentir.

— Diz isso e foge do Júlio.

— Ele me beijou.

— E só me diz agora? Como foi?

— pergunto interessada em saber mais.

— Fomos ver um filme, estava chovendo e ele me deu carona até em casa. Quando ia sair do carro, ele me olhou daquela forma, se inclinou e beijou minha boca.

— Já pensou que parecemos duas adolescentes falando do primeiro amor?

— João é seu primeiro amor?

— Qualquer pessoa com quem me relacionar será meu primeiro amor.

— Por que tem tanto medo, Madu?

— Porque o amor pode nos fazer sofrer.

— Está errada. As escolhas que fazemos em nome do amor pode nos fazer sofrer.

— E a vida é muito curta para não viver intensamente? — brinco com a pergunta e Sofia sorri.

— Aprende rápido.

— E o intervalo acabou. — Sorrio e sigo até onde minha turma está voltando a ser a "tia" empolgada e brincalhona.

No fim do dia, quando entro em casa e encontro a mamãe sozinha na cozinha, sento-me a mesa e a olho.

— Sempre disse que devíamos seguir nossas vidas. Fazer escolhas e

lidar com elas. Que devíamos ouvir
nosso coração.

— Sair de casa. — brinca e
acabo sorrindo.

— Mas como entender o que está
acontecendo?

— Se faz confusão com aquilo
que sente, não está pronta.

— Existe isso de estar pronto ou
não?

— Pare de buscar nas
experiências alheias a resposta para
suas dúvidas e medo. Sua vida, suas

experiências.

— Mas saber o que já viveram ajuda a...

— Não cometer os mesmos erros? — resmunga e vira-se para mim.

Vejo a mamãe se sentar diante de mim e me olhar com aquele olhar de "presta atenção no que vou falar porque falarei apenas uma vez."

— A vida das pessoas, por mais parecida que seja é sempre diferente. Cada pessoa é um mundo. Cada pessoa possui expectativa, medo, sonho,

experiências de vida diferente. Não pode comparar a vida que levei e levo com seu pai como modelo. Cada casal é único. Acha que suas irmãs possuem um casamento igual?

— Não, mas...

— Não existe "mas", Maria Eduarda. Cada pessoa é um mundo. Deixe de medo. E mais, quando vai parar de deixar de lado as coisas boas da vida por medo do que podem trazer?

Suspiro.

— É a mais quieta, romântica e

medrosa. É adulta e sabe o que faz da sua vida, mas se posso dar um conselho de mãe... Vá até lá no sábado e agarre o João. Mostre para ele o que sente e o traga para sua vida. Viva, Madu. E se der errado, segue o baile.

— Segue o baile? — pergunto e ela ri.

— Maria Júlia anda me ensinando umas frases novas.

— Essa casa fica cada vez mais estranha.

— Estranho vai ser você deixar

aquele homem bonito escapar.

— Por que sempre sou a culpada?

— Acha mesmo que já não estamos falando com João? Vocês são dois cabeça dura. Abismo, desconhecido, mistério? Fala sério. Estão dando nomes diferentes a paixão desde quando?

— Vocês possuem tanta certeza do que sentimos. E nós...

— Estão com uma venda nos olhos. Com medo de serem amigos, com

medo da paixão. Pegue esse encontro e faça dele uma guinada na sua vida. Ou vá disposta a viver o que tem que viver, ou cancele.

— Sabe do encontro? —
pergunto assustada. A família inteira deve saber.

— A família inteira sabe. Acha mesmo que a Maria Júlia estava guardando isso só para ela?

Minha cara de surpresa faz a mamãe sorrir, se levantar e caminhar até mim. Ela toca meu rosto.

— Será interessante ver a mais inocente das minhas filhas perder o coração. Aliás, reencontrá-lo. O perdeu para aquele menino há muito tempo. Será a última Maria a partir e que mais sentirá. Está tão confortável aqui.

— Quer que vá embora?

— Quero que construa sua vida. Ir embora é...

— Criar asas e voar. Já sei.

— Maria Júlia? — pergunta sorrindo.

— Acha mesmo que ela iria

guardar para ela?

— Menina fofoqueira.

— Acha mesmo que esse encontro dará certo? — pergunto.

— Conte-me o realmente quer falar.

— Há alguns anos, conheci o João. Não o conheci realmente, não chegamos a conversar de verdade. Uma amiga nos apresentou, estivemos em uma festa, como aquelas de fraternidades. Trocamos poucas palavras, ele subiu para um quarto com uma loira gostosa e

depois foi embora.

— Ah, está pensando que ele continua o mesmo?

— Ele não continua? —
questiono.

— Quem sabe, Maria Eduarda?
Não pode julgá-lo por isso. João, assim
como você é solteiro. Há muitas
relacionamentos casuais, coisas de pele,
como vocês costumam dizer.

— Não quero pele.

— Chegamos ao ponto central da
questão. Você quer, talvez sempre tenha

desejado conhecer mais dele, mas acha que João pode estar apenas pensando em pele. Precisa parar de pensar que as pessoas não mudam, que os desejos não mudam. Aceitou o encontro, vá para ele aberta. Se chegar achando que ele não quer nada mais do que uma noite, não terá nada além de uma noite. Vá disposta a descobrir o que sente e o que os dois querem.

— Obrigada, mãe. Sinto-me muitas vezes perdida. Uma mulher vivendo os sonhos adolescentes.

— Tome as rédeas da sua vida.

As fases passam. É adulta, viva como tal. Se apaixone, se já não fez, caia e levante sem medo. Arranhões fortalecem a caminhada. Se nunca cair, nunca saberá se levantar. Agora, pare de pensar demais e aproveite sua semana. Aproveite seu encontro.

— Amo você.

— Amo você, menina.

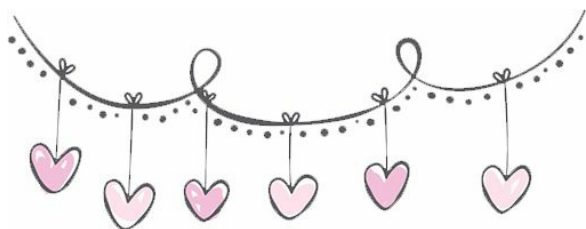
Ela sai, me deixando sozinha na cozinha.

Viver. É isso que preciso fazer. Os medos nada mais são do que uma

etapa do processo, vencê-los é mostrar que você é mais forte.

Sou mais forte. Muito mais forte do que todos os medos que ainda habitam em mim.

Sorrio porque algo me diz que por mais confuso que possa ser, esse encontro pode mudar nossas vidas. E no fundo, tudo o que nós estamos buscando são mudanças.



Capítulo 9

Maria Eduarda

Maria Júlia segue sem dar pistas sobre o encontro. É quarta-feira, sinto que preciso saber onde vou e como devo me vestir, mas ela apenas sumiu. Minha irmã evaporou. Já Miguel, nosso quase irmão, primo e melhor amigo, tem aparecido apenas para tripudiar.

Hoje é o terceiro dia que ele e Debora vem jantar. Enquanto minha mãe

baba nos filhos de Miguel, ele me atormenta, afinal, para isso servem os amigos. Tripudiar e enlouquecer.

— Relaxa, Maria Eduarda. Você só precisa extravasar.

— Extravasar na sua cara? — reclamo e ele sorri.

— Não. Extravasar com seu escolhido. Você sabe... — Insinua.

— Miguel...

— Por que vocês Marias ficam nervosinhas quando falamos deles? — pergunta.

— Miguel... — Volto a insistir pelo olhar que pare.

— Sexo é apenas sexo, Maria Eduarda. Pele, tesão.

— Sexo é apenas sexo, amor? — A voz de Debora me faz sorrir e ele piscar para mim. Miguel continua o mesmo.

Meu amigo, vira-se para a esposa e sorri de modo cínico, safado.

— Não com você. Com você é sempre amor. — fala de forma melosa. — O que acha de irmos para casa?

Miguel e Debora saem de casa sorrindo enquanto a mamãe fica com as crianças. Isso sempre acontece. Maria Júlia, Maria Luana e Miguel trazem as crianças que mamãe “ilude” com docinhos e salgados, para que os pais tenham momentos a sós. Espertos? Sim. Mas quem não fica feliz em ver aquelas crianças na cozinha ajudando a avó a cozinhar suas comidinhas favoritas?

Subo ao meu quarto, pego o celular e digito rapidamente para Maju:

"Pode dizer onde será o encontro?" Envio.

"No dia você saberá"

"O que devo vestir?" Insisto.

"Seja você mesma "

"Nenhuma pista?"

"Nenhuma."

Depois disso Maria Júlia volta a me ignorar. O silêncio volta e não recebo nenhuma notícia ou sinal de fumaça. O sábado chega e ela passa o dia inteiro sumida. Estou quase achando

que esse encontro não vai rolar quando ela manda:

"Está pronta? Ainda não que eu sei. Tem uma hora para se arrumar, entrar no táxi que estará te esperando e ir para seu encontro. Conte-me tudo depois!"

Como não sei bem o que vestir ou para onde vou, opto por uma calça jeans escura, um salto baixo, uma blusa branca e por ser noite, coloco um blazer

por cima. No cabelo, faço apenas um coque. Pego a bolsa e desço.

O olhar da minha mãe ao me ver é engraçado.

— É assim que vai a um encontro romântico? — questiona e acabo rindo.

— Como deveria ir?

— Com um vestido leve, mas sensual. Um salto, sei lá Maria Eduarda. Assim parece que está indo trabalhar. Quem está indo encontrar o João, a professora ou a mulher apaixonada? —

pergunta.

— Essa sou eu. — falo e ignoro o apaixonada.

— Essa é você. E está linda. Promete contar todos os detalhes? — pede e posso quase sentir a curiosidade que sente. Tão familiar. Tão Maria Júlia.

— Não.

— Maria Eduarda, eu sou sua mãe! Se não contar tudo o que acontecer hoje...

— O que fará?

— Vou deixar Maria Júlia descobrir da forma dela e quando ela contar a todos...

— Conto tudo, mãe. —
interrompo e ela sorri. Sabemos que deixar tudo para Maju será um pesadelo. Minha irmã é um anjo quando quer, mas também consegue ser uma diaba.

— Bom encontro. — diz e suspiro.

Vejo o táxi estacionado na frente de casa, caminho para fora e entro rumo ao desconhecido.

Quando finalmente o motorista estaciona em frente ao Encontro de sabor sorrio. Maria Júlia é realmente uma diabinha. Ela sabia que estava louca para vir aqui.

Caminho em direção a entrada e o vejo. Despojado, João me aguarda. Percebe que o vi por que sorri.

— Oi. — falo ao me aproximar.

— Oi. — Caminha ao meu lado até entramos.

Um garçom se aproxima, pergunta nosso nome e nos guia a parte

superior. Fico encantada com a beleza do lugar. A parte reservada para nós tem um pequeno jardim suspenso, cheio de flores coloridas, delicado. Uma música toca baixinho, não consigo identificar qual seja, mas sei que combina com o lugar.

Se Maria Júlia escolheu esse lugar apenas porque desejava conhecer ou se o escolheu pelo clima intimista e romântico que possui, ainda não sei, mas sei que minha irmã acertou na pedida.

O garçom que nos trouxe a nossa mesa volta a se aproximar, com um

sorriso no rosto e voz educada e gentil deixa claro o que Maju aprontou.

— *Meu nome é Gustavo e estarei à disposição de vocês hoje à noite. Nossos pratos são especiais, preparados com ervas finas e por um chefe renomado. Vou trazer o cardápio e dar privacidade para que escolham. Ao escolherem, é me chamar.*

Ele nos entrega o cardápio e se afasta. João me olha e sorri. O sorriso mais bonito que já o vi dá.

Não é aquele sorriso que dá para

as crianças quando se diverte com ela. Não é o que dá aos amigos, ou a minhas irmãs. É um sorriso único, o tipo de sorriso que causa frio na barriga. O tipo de frio que nunca senti e que agora... Agora me assusta e me acalma.

— Sua irmã realmente soube o que fazer. — João diz.

— Maria Júlia sabe aprontar e sabe bem.

— É, ela realmente sabe. — fala e me olha com um novo tipo de olhar.

Sorriso. Novo tipo de olhar? O

que está passando em minha mente?
Volto a olhar o cardápio e uma nova
música começa a tocar.

*Pra você guardei o amor que
nunca soube dar*

O amor que tive e vi sem me deixar

Sentir sem conseguir provar

Sem entregar

E repartir

Pra você guardei o amor

Que sempre quis mostrar

O amor que vive em mim vem visitar

Sorrir, vem colorir solar

Vem esquentar

E permitir

*Quem acolher o que ele têm e
traz*

*Quem entender o que ele diz
No giz do gesto o jeito pronto
Do piscar dos cílios
Que o convite do silêncio
Exibe em cada olhar*

Guardei

Sem ter porque

Nem por razão

Ou coisa outra qualquer

*Além de não saber como fazer
Pra ter um jeito meu de me mostrar*

Achei

Vendo em você

E explicação nenhuma isso requer

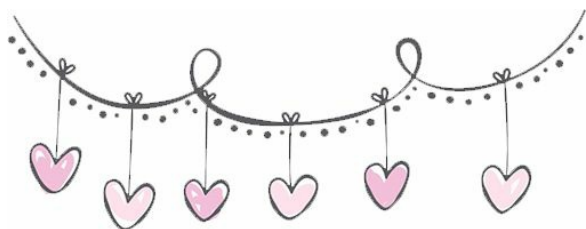
Se o coração bater forte e arder

No fogo o gelo vai queimar

— Maria Júlia, você pensou em tudo. — falo baixinho.

O sorriso que desponta nos lábios de João mostra que ele me ouviu. Não ligo. Minha irmã realmente pensou

em tudo. Espero que no fim desse encontro possamos mais do que entender o que sentimos, possamos viver.



Capítulo 10

João Paulo

Não posso mentir que me surpreendi ao chegar. O lugar era bonito, delicado e intimista. Um restaurante onde nunca coloquei meus pés. É, Maria Júlia sabia armar um encontro. Mas a surpresa ao ver Maria Eduarda sorrindo ao me observar foi ainda maior. Ela me olhava como se estivesse vendo algo

novo. Quando começou a caminhar até mim entendi por quê. Ela estava vestida exatamente como sempre, ou quase sempre a vi, no entanto, havia algo mais. Algo que eu não sabia decifrar.

Os olhos tímidos e reveladores de Maria Eduarda me chamavam, fazendo-me perceber que tudo o que eu mais queria era desvendá-los. Desvendá-la.

Caminho ao seu lado até nossa mesa, na parte de cima do restaurante. O jardim suspenso a faz sorrir admirada. E novamente, começo a sentir algo novo.

Reconheço que em meu peito há o desejo de viver o que finalmente seria uma nova etapa em minha vida. Sou profissionalmente realizado, me esforço para a clínica ser reconhecida pelo bom atendimento. Aprendi ainda na faculdade que todo atendimento precisa ser humanizado e digno. E é exatamente isso que faço e peço em meu emprego dos sonhos. Sim, a clínica é um sonho realizado.

Mas esse não é o ponto. O ponto é que ela me encanta e mostra que apesar de estar realizado, há uma parte

de mim incompleta.

Depois de reconhecer a música que suavemente começou a tocar, Maria Eduarda me faz rir. Ela sabe que sua irmã é esperta demais e que claro que apelaria e acertaria em tudo que aprontasse essa noite.

Após fazermos os pedidos, Gustavo volta a nos deixar a sós. O vinho que nos serviu antes de sair parece fazer Maria Eduarda relaxar.

— Sinto muito pelo que ouviu na ligação. Fui rude e...

— Está tudo bem. Eu entendo.

Maria Júlia pode ser bem persuasiva e intrometida. — falo e ela sorri. — Fiquei surpreso por você topar. Convenhamos que Maria Júlia não é uma boa cupido.

— Acredita que fiquei mais surpresa por você aceitar do que eu mesma? — pergunta.

— Fiquei surpreso porque você sempre esteve perto e longe. Sempre a vi, mas nunca consegui decifrar o que me fazia sentir. — digo por que é verdade. Maria Eduarda me faz sentir

algo que nunca senti, mas não sei decifrar.

— Também nunca consegui entendê-lo. Há uma intensidade em você que sempre desconheci. Algo que me puxa e me afasta.

Entendo o que fala. Sinto-me assim. Sempre nos buscamos, trocamos olhares furtivos que nunca tinham explicação. Os eventos familiares sempre tinham essa tensão sobre nós.

Encontrar o outro e nunca entender o que sente. A necessidade de

manter a distância segura.

— Senti sua falta no copo — diz, me fazendo sorrir.

— Senti falta de ir. De ouvi-la falar, de te ver observar o palco e as histórias.

— Demorei a acreditar que me percebia lá. Sempre entrava se sentava, ouvia, bebia e ia embora.

— Era impossível não perceber você. Fui ao copo querendo uma fuga e te encontrei. Passei a sentir ainda mais a necessidade de entender o que sinto

quando te vejo.

— Sente mesmo algo? —
questiona e vejo um relance de medo em
seus olhos.

— Sinto. Já disse não consigo
tirar meus olhos de você. Fica em minha
mente mais do que seria possível, mais
do que seria ideal.

— Sinto o mesmo. — confessa.

— Uma inquietação.

— Curiosidade e medo. —
brinca.

— Medo. Engraçado como as

melhores coisas da nossa vida acontece por ele ou através dele.

— Acha?

— O medo de nunca sabermos nos trouxe até aqui. O medo de errar queria nos impedir. O medo pode ser uma força impulsionadora ou paralisadora. Decidimos então pela impulsionadora? — pergunto querendo saber exatamente em que ponto estamos.

— Sim.

— Estamos no mesmo ponto? — questiono para ter certeza.

— Estamos. — responde.

Tenho medo de assustá-la se disser tudo o que sinto, então apenas mudo de assunto.

— O que fazia naquela festa? — pergunto e ela se inquieta.

— Nada. Foi um erro.

— Um erro? Sabia o que aconteceria naquela festa, por que seria um erro?

— Acho que aquela festa teve significados diferentes para nós.

— Tinha? Todos, quase todos

ali, marcaram com alguém. Apenas se encontraram lá.

— Eu com certeza fui a exceção.
Era a festa de um amigo de um amigo.

— Sabia que o amigo do amigo dava festas para casais se encontrarem?
— pergunto curioso.

— Não fazia a mínima ideia. Eu realmente achava que seria uma festa.
Foi apenas para ficar com a loira?

— Sim.

— Que loucura estarmos falando disso essa noite.

— Não contou a ninguém que já me conhecia.

— Não te conhecia, nos esbarramos em uma festa.

— É, olhando por esse lado, não nos conhecíamos. Agora, sinto que naquela noite fiz uma escolha errada. — falo e ela me olha curiosa, então continuo — Afastei-me de você.

— Então foram duas escolhas erradas, porque se afastou e subiu para um quarto com a loira gostosa da festa. — diz e mostra que realmente lembra de

tudo que aconteceu.

— Duas escolhas erradas no passado me deixaram certo das escolhas que devo fazer hoje.

— Qual escolha deve fazer, João?

— Não te deixar, escolher você.

O sorriso doce de Maria Eduarda revela que ela sabe que o passado não importa. Não importa porque naquele momento não era nosso tempo, não importa porque estamos aqui dispostos a descobrir o que o presente

tem a nos oferecer.

O jantar se passa de forma leve. Maria mostra um lado engraçado e leve. Falamos sobre coisas tão aleatórias que Maju nos mataria. Quando terminamos de jantar, chamo o garçom que diz que a conta já está paga. Nos fazendo duvidar de como Maria Júlia se encarregaria disso.

Caminhamos para fora e ofereço uma carona. O olhar sorridente que me dá é me deixa mais certo de tudo que podemos viver. No carro, continuamos falando sobre aspectos de nossas vidas

que o outro desconhecia. Músicas, filmes, séries e até mesmo clube de futebol virou assunto e tornou nosso percurso leve.

Estaciono em frente a cada de Maria Eduarda e ela me olha.

— Estamos mesmo no mesmo ponto? — pergunto.

— Estamos.

— Quero te beijar. — Sou sincero e ela sorri.

— De "desconhecidos" a temos times em comum, a quero te beijar.

Agora entendo o porquê de sempre fugirmos.

Fico em silêncio esperando que continue.

— Porque talvez essa distância que nos colocamos seja o receio do sentimento que temos.

— Olhando por esse lado. —
Dou de ombros e na medida que posso, a puxo mais perto de mim. O cheiro do perfume toca meu nariz. É doce. Como ela. Toco seu rosto. Quero mesmo beijá-la. Quero muito. Sinto por todo o corpo

o efeito que Maria Eduarda me causa.

Desejo. Atração. Medo.

É a mulher mais poderosa que conheço. Na simplicidade de Maria há força.

— É bonito demais para estar sozinho. — diz e não consigo não sorrir.

— Nunca tinha encontrado a pessoa certa.

— Nunca?

— Não. Até hoje. Acho que talvez a tenha encontrado. — falo e vejo o quanto se assusta.

É, você também me assusta, Maria. Mas mais do que medo, percebo que você me traz paz.

Volto a tocar seu rosto, pedindo em silêncio permissão, com um gesto quase imperceptível o recebo. Encosto minha boca na sua e sinto um choque percorrer todo meu corpo.

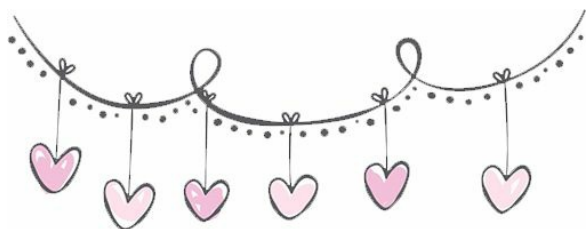
Quando eu imaginei que isso seria possível? Nunca. Nunca me imaginei sentindo choques em um beijo. Mas sinto.

O beijo antes calmo se

transforma em algo sedutor. Línguas e mordidas entram em cena nos elevando, nos levando a outro patamar.

Se um dia achei que poderia viver sem ela, descobri em um simples beijo que isso já não é possível.

De alguma forma, Maria Eduarda precisa ser minha.



Capítulo 11

Maria Eduarda

Entro em casa suspirando. Pela primeira vez preciso dizer que Maria Júlia acertou em cheio e não cometeu nenhum equívoco. Não acho que tenha sido sorte, Maria Júlia nos conhece bem demais, sabe exatamente o que gostamos. E por mais louca que tenha sido a noite, eu realmente gostei. De

cada pequeno detalhe, afinal, cada um deles mostrou o cuidado que minha irmã teve não apenas em nos agradar, mas em mostrar que ela nos enxergava, ou me enxergava muito bem.

Sorrindo, entro em meu quarto e me assusto com minha mãe em minha cama comendo salgados e vendo filme.

— Que susto, mãe! O que faz aqui? — pergunto e ela dá de ombros.

— Esperando minha filha chegar. O que mais estaria fazendo? No meu quarto tem uma TV poderia ver filme lá.

Seu pai está no décimo sono. E aí como foi? — questiona e não consigo não sorrir. Minha mãe é um amor.

Tiro o salto, vou tirando a roupa em silêncio, deixando-a louca.

— Vai falar ou vai me deixar te ver pelada sorrindo sozinha?

Solto uma sonora gargalhada. Minha irmãs tem a quem puxar. Dona Maraiza é curiosa, doce a sua maneira, adora um suspense e uma boa história. Esse encontro será uma boa história a se contar. O momento que ela e todos

esperavam, afinal, segundo eles, desde que Igor entrou em nossas vidas, Heitor e João vieram juntos. Quase como se o universo estivesse mostrando que o par das Marias. Sonhadores. É o que todos eles são. Românticos incuráveis.

— Um minuto mãe. Juro que vou tomar um banho rápido e volto para contar tudo.

— Absolutamente tudo! — diz entregando-me o pijama que já estava em cima da cama.

Quase quinze minutos depois

volto ao quarto e a vejo minha mãe brava.

— Quinze minutos? Isso não é voltar rápido.

— Paciência é uma virtude, mãe.

— Não a tenho. Anda. Conta logo.

— Fomos a um belo restaurante. Delicado, romântico, intimista. Flores coloridas em um jardim suspenso. Na parte de baixo tocava uma música suave. Tínhamos um garçom só para nós. A comida, extremamente deliciosa.

— E ele?

— Lindo. Absolutamente lindo.

Vestido casualmente, me olhando como se me encontrasse sua alma. Ofereceu carona, falamos sobre tudo, inclusive nossos times de futebol, me olhou novamente nos olhos e me beijou.

— Beijou? — questiona chegando mais perto de mim. Ansiosa por mais.

— Um beijo delicado e então...ah, mãe. O melhor beijo da minha vida. Senti um choque, um arrepio por

todo meu corpo. Parecia as cenas dos livros de romance que leio. O coração bateu descompassado. Acho que estávamos em um mundo paralelo, nos descobrindo. Descobrindo um mundo novo.

— Paixão. Está apaixonada. Não é a primeira vez, eu sei, mas a intensidade, sim. Essa é a primeira vez que se apaixona com essa intensidade. Seus olhos ao falar dele brilham. É uma mulher tão incrível, Maria Eduarda. Espero que ele realmente mereça você. Formariam um lindo casal.

— Não falamos sobre mais.

— Nunca falam. Você e suas irmãs têm uma mania de ir deixando a vida acontecer. Cuidado, Madu. Ela passa e passa rápido. — diz e sai do meu quarto.

O celular em cima da cama vibra e vejo que há notificação de mensagens.

"Boa noite, Maria. Obrigado pela melhor encontro da minha vida."

"Boa noite, João. Obrigada pelo encontro mais intenso da minha"

vida."

Jogo-me na cama e sorrio abraçada ao travesseiro. O sorriso bobo que me lembra o primeiro encontro que tive, a emoção de ter talvez, encontrado o amor. Novamente o celular volta a vibrar, olho o nome de Maria Júlia na tela.

"De nada."

Leio e volto a sorrir. Maju sabe

que esse foi o melhor encontro da minha vida, ou pelo menos acredita nisso. O mais romântico com certeza foi.



Duas semanas depois, estamos Maria Júlia, Maria Luana e eu na casa de Miguel. Debora preparou o jantar e nos convidou. Sei que na verdade, todas elas ainda estão curiosas sobre o encontro. Até Miguel está. Querem saber todos os detalhes assim como a mamãe.

Somos todos curiosos.

— Você vai realmente manter só para si? — Maju pergunta e vejo que a mamãe não contou. Nem João.

— O que querem saber? — pergunto e todos os quatro me olham como se fosse louca.

— Há duas semanas foi a um encontro e não abriu a boca. Tenho certeza de que contou a Sofia. — Maria Luana diz parecendo chateada.

A menina que habita em cada uma das minhas irmãs gosta de dar as

caras. E sim, contei a Sofia. O único olhar realmente de fora.

— Foi o melhor encontro da minha vida, foi romântico. O jantar foi perfeito, o lugar é lindo. João é lindo e o beijo foi o mais gostoso que já ganhei.

— E escondeu até agora? —
Debora pergunta também chateada.

— A mamãe sabe de tudo. —
respondo.

— E escondeu o ouro. Dona Maraiza vai se ver comigo. — Maju fala.

— E comigo. — Malu replica.

Irmãs.

— Se encontraram novamente?

— Debora pergunta o que todos querem saber.

— Não. Também não sei quando vai acontecer, se vai acontecer. — falo sendo sincera.

— Está brincando? — Miguel se manifesta. — O encontro não foi bom?

Dou de ombros.

— Vai ver era um momento único no sentido real das palavras. —

falo e tento me convencer do que digo. João não me mandou mais mensagens, também não nos vimos mais.

— Idiota. Vou falar umas verdades para ele amanhã quando formos almoçarmos. Quem pensa que é para ignorar minha irmãzinha assim? Babaca. — Maju diz.

— Não quero que fale. Agradeço o encontro, foi de verdade o mais lindo que já tive, mas quero seguir a partir de agora nos meus termos, nos meus passos. Se acontecer ou não, dependerá apenas de nós dois.

— Mas...

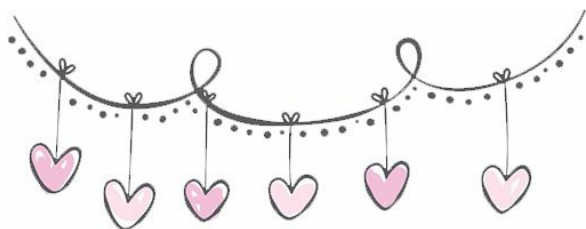
— Maria Júlia, quando precisou de espaço te aconselhamos e respeitamos o seu tempo. Faça o mesmo agora. — peço.

— Tudo bem. — resmungo e me faz pensar que há duas semanas eu estive no melhor encontro da minha vida e agora estou mais confusa do que antes. Muito mais confusa do que antes.

É, João soube exatamente como me confundir.

E meu coração soube exatamente

como se iludir.



Capítulo 12

João Paulo

Os dias que seguiram após o encontro foram difíceis. Comecei perdendo o celular, tendo que passar uma semana na cidade vizinha, convencendo uma prima a começar seu tratamento e acompanhamento com uma amiga fisioterapeuta. Na volta, a clínica parecia ter acumulado problemas de um ano. De consultas a se pôr em dia a

novos pacientes chegando, alguns problemas com pagamentos de contas, já que perdi o celular e não tive como ir ao banco.

Passei a sentir que fui ajudar um parente e ferrei com quem estava ao meu lado, já que a clínica que abri tinha salas também para dermatologia. A sensação de ter prejudicado alguém que sempre está ao meu redor me consumiu e decidi que só resolveria problemas pessoas quando colocasse em dia os atendimentos e resolvesse o problema com o banco.

Como todos os problemas resolveram aparecer juntos e tornar meus dias longos demais. Não consegui falar com Maria Eduarda, muito menos obter seu número novamente, já que o meu anterior não consegui resgatar.

Entre as consultas da clínica, precisava checar se minha prima estava realmente cumprindo com os pedidos da sua fisioterapeuta o que me deixou estressado pra caralho. A cada conversa com ela, lembrava que às vezes, as pessoas conhecem suas dores e a ignoram, como se ignorar o problema o

fizesse sumir. Ledo engano, esquecem momentaneamente e então precisam voltar e cutucar na ferida que já devia estar sendo tratada, curada.

Dentre todas as loucuras que vivi nas duas semanas seguintes ao encontro, meu erro foi apenas um. Focar demais em pôr em ordem a minha vida profissional. Na verdade, foram dois. contei apenas a Heitor tudo o que estava acontecendo e então me fodi.

Marquei de almoçar com Maria Júlia assim que minha vida começou a normalizar, o olhar era bravo mostrava

que estava irritada comigo e eu não sabia bem o porquê, no entanto, sabia que o que quer que tenha feito, não será fácil ser perdoado por ela.

Que mulher difícil meu amigo tem!

Mais uma vez, Maria Júlia chega irritada ao restaurante próximo ao Medvida. Heitor a acompanha com um jeito debochado, risonho demais.

— Alguém pode me explicar o que está havendo aqui? — pergunto, porque eu realmente não sei o que posso

ter feito a Maria Júlia. Ela é ótima, mas também sabe como ignorar alguém.

— Maria está chateada que você sumiu. — Heitor fala e toma seu suco tranquilamente.

— Mas eu te avisei. Não falou a ela?

— Por que eu diria a minha esposa que você precisou colocar juízo na cabeça da sua prima?

— Está falando sério? É meu amigo ou não porra? Pedi que dissesse por que talvez, eu estava saindo com a

irmã dela, seu filho da puta.

— Calma lá. Você só encontrou minha cunhada uma vez. — zomba.

— Se Maju está assim, Maria Eduarda não desejará me ver nem pintando a ouro. Sabe o que fez? — pergunto chateado.

— Soube que hoje ela vai até o copo d'água. — fala já sem o sorriso.

— Está tentando limpar seu rabo? Comigo não vai funcionar. — continuo de cara fechada.

— Ah, cara! Foi tão engraçado

esses dias. Maria Júlia espumando pela boca, você voltando e dando de cara com essa enfermeira gostosa raivosa. Fala sério, minha esposa é maravilhosa, mas brava é o capeta.

— Acha mesmo engraçado? Quando era você não tinha graça. — digo e ele dá outro gole no suco. Sabe que ferrou comigo.

Levanto-me, sigo até o balcão, pago o meu almoço e vou embora sem me despedir. É difícil explicar para todos que minha prima me deixou esgotado. Que perdi o celular, a clínica

me consumiu e claro, que não consegui falar para Maria Eduarda porque ou ficava de olho na peste ou falava com a mulher por quem posso estar me apaixonando.

Para tentar consertar meu erro, decidido ir até o copo d'água após o fim do expediente. Sem me dar tempo para ir em casa ou fazer qualquer outra coisa, apenas sigo até o bar, escolho a mesma mesa de sempre, peço uma Coca gelada e a espero.

Não demora até que seus olhos encontram os meus. A mágoa nos olhos

doce de Maria Eduarda me faz encolher.
Ela se magoou, sei disso porque a ouço
claramente. No meio do palco, Maria se
abre e expõe o que sente:

Calou-se quando deveria gritar

Sorriu quando deveria chorar

*Fechou-se quando deveria se
mostrar*

*Perdeu a fé quando deveria
acreditar*

Se permitiu sofrer

Se permitiu cair
Jamais se levantou
Agarrou-se a dor
Perdeu-se
Sufocou
O vazio
O tomou.

Tão nu.

Tão cru.

Tão ela.

Maria Eduarda é intensidade,

beleza. É poesia. É isso. Palavras que impactam, cruas, nuas. Maria sente demais. E ali, diante de todos do bar, está uma Maria magoada. Magoada por mim, que não pesei o que devia fazer, não a priorizei.

Sinto suas palavras e a dor que está sentindo. Sei que Heitor não fez por mal. Meu amigo não nos machucaria por querer, entendo o que fez. Agora, enquanto olho para ela, sei que ele jamais faria por mal, ainda assim, sei o quanto sua brincadeira pode ter custado. Maria Eduarda e eu vivemos por muito

tempo em uma distância segura, sempre foi mais fácil nos afastar a enfrentar a realidade. Fingir sentir que havia um abismo grande demais entre nós era mais simples, mais seguro do que reconhecer os sentimentos que batiam em nossos corações.

Meloso? Eu sei que sim. Talvez eu tenha me tornado um homem bobo apaixonado. Mas o que entendo de paixão?

Vejo Maria caminhar segura de si até a mesa onde sempre fica. A mulher ao seu lado sorri para confortá-la. A

tristeza que exibem em seus rostos, me faz desejar matar Heitor. Custava não brincar com isso e passar o recado as Marias?

Respiro fundo, levanto-me da minha mesa e caminho até ela. O olhar, agora sério, diz que se pudesse sairia correndo. Fugiria de mim. Até eu fugiria. Depois de tudo que falei no jantar e então...

É, não pensei direito como agir. Reconheço que posso não ser bom em relacionamento. Nunca tive um.

Uma mulher sobe ao palco fala sobre como acabamos magoando as pessoas por tomar decisões erradas, não pesar sobre as escolhas que serão feitas. Fala sobre não priorizarmos o que realmente importa, sobre perceber apenas quando perdemos a pessoa que amamos ou queremos. De alguma forma, aquela mulher desconhecida narra o meu medo.

Agora, enquanto caminho até ela, sinto que meu maior medo é não ter mais a chance de conhecê-la por completo. Tenho medo de que desista e sei que

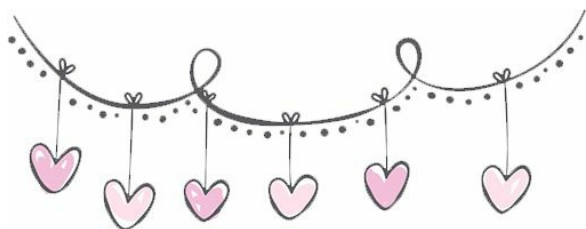
embora não haja culpados de fato, fiz uma escolha ao voltar de viagem e essa escolha não foi falar com ela.

Boas escolhas, prioridades, ações. Sempre foi algo que prezei em minha vida, mas percebo que nem sempre consigo fazê-las. Não quero me tornar um babaca que justifica suas ações na escolha impensada que fez, mas não quero achar que preciso colocar de lado meu trabalho para tê-la.

Paro a sua frente em silêncio. Quero tanto poder me aproximar mais e beijá-la. Matar a saudade que sinto. O

que essa mulher fez comigo?

Roubou a porra do meu coração?



Capítulo 13

Maria Eduarda

Leio o poema de hoje sentindo-me nua. Como se estivesse expondo algo íntimo demais. Coisa que nunca fiz. Sempre falei coisas gerais. Nada tão pessoal, mas ver João me olhando me causou um misto de dor e alegria. A dúvida e o medo voltaram.

Estar certo sobre ter encontrado

o seu caminho? Babaca. Penso enquanto desço do palco e caminho de volta até minha mesa. Sofia me espera com um sorriso condescendente. Hoje viemos apenas nós duas. Afogar as mágoas, sofrer juntas.

— Tira esse sorriso de pena do rosto. Odeio a sensação que traz. — resmungo sabendo que a raiva que sinto não é dela.

— Sinto muito. — diz e me arrependo de ter sido grossa.

— Sinto muito, Sofia. Não é

culpa sua. Estou apenas chateada.

— Por tudo o que disse, é bem normal está chateada. O babaca disse que tinha encontrado a pessoa da vida dele e sumiu. Se não queria mais seguir adiante apenas seguisse a vida. Então falou da vida com você, falou sobre sentir coisas novas, descobrir a paixão, te fez acreditar em...

— Sofia... — tento interrompê-la ao ver João caminhar até nos.

— Falou como se você fosse o caminho dele. A certeza que precisava.

Quem faz algo assim? Quem se declara quase apaixonado e some? Um babaca. — finaliza quando ele para exatamente atrás dela.

Gemo fechando os olhos.

— O babaca pode se explicar.

— A voz forte faz minha amiga pular.

Sofia vira-se ficando de frente para João e ao meu lado.

— Sinta-se à vontade. — diz e João me olha. Vira-se para ela e diz:

— Desculpe, moça...

— Sofia. Meu nome é Sofia.

— Desculpe, Sofia. A conversa é entre Maria Eduarda e eu.

Ela o olha chateada. Olha para mim perguntando em silêncio o que deve fazer, digo que nos deixe um minuto. A vejo caminhar a contragosto até outra mesa. Sinto vontade de sorrir, mas a verdade é que estou mesmo chateada. Uma conversa e nada ficaria estranho entre nós. Por que apenas me ignorar?

— Curiosidade, apenas. Sofia é gente boa. — Tento amenizar o lado da minha amiga.

— Imagino que sim. Se preocupou com você.

— O que deseja João?

— Explicar-me.

— Não há necessidade. Não temos nada!

— Não temos? Eu disse a você que eu queria descobrir o que sentimos, acho que isso é algo importante.

— Também sumiu e achei que foi importante.

— Precisei ir até a cidade vizinha. Minha prima precisava começar

o tratamento e não estava aceitando os acompanhamentos de fisioterapia. Precisei ser duro, ouvir choro, grito e trabalhar por dias seguidos ao lado do fisioterapeuta designado a ela.

— Grave? — pergunto assustada.

— Um pouco preocupante. Se ela seguir à risca o que pedimos se recupera logo, se não... O processo de aceitação é complicado. Há negação, há aceitação, há medo. Há um período de molho. Para quem é independente, ficar, por menor que seja o tempo, dependente

de alguém é cansativo e enlouquecedor. Perdi meu celular, não consegui resgatar a porcaria do número. Então voltei, a clínica estava cheia de trabalho. Precisava colocar em dia as sessões que cancelei para viajar. Clientes novos chegaram, parecia que a semana não teria fim. Na viagem, dei um jeito de falar com Heitor. Expliquei o que houve. E hoje descobri que ele não falou a ninguém. A Maria Júlia está revoltada comigo. Ele está achando engraçado. E estou aqui, desesperado para saber se podemos ser amigos e continuarmos nos

conhecendo.

— É tudo tão complicado, João. Confuso, bobo e assustador. Sou uma mulher de vinte e cinco anos, chateada porque o cara que me beijou sumiu. Então descubro que não era nada do que pensava e que ele quer continuar tentando.

— Ele quer muito. E está louco para saber se ela também quer. — fala e vejo que sente mesmo isso. João, assim como eu, realmente quer descobrir o que sentimos.

Olho seus olhos sinceros e reconheço que eu também quero. Quero continuar conhecendo-o, descobrindo o prazer que é gostar de alguém.

Sorrio. João sabe que me "rendi", se aproxima, vira-me para ficar totalmente diante dele e me beija. Um beijo delicioso, que arrepia meu corpo e me faz querer mais. Muito mais. Sua língua encontra a minha e o deixo conduzir o segundo melhor beijo da minha vida.

— Agora chega. Ainda estou por aqui e não estarei indo embora. — A

voz de Sofia faz João se afastar.

Ele me olha, toca meu rosto e senta-se ao meu lado. Fazendo Sofia ir para o outro lado da mesa.

— Então... Qual a desculpa que te convenceu, Madu?

— Sofia... Sem ataques. — peço

— Homens. — resmunga.

Sei que está chateada porque Júlio mentiu para ela. Nosso amigo foi ingênuo demais. E Sofia é esperta demais. Agora ele precisa se revirar para conseguir o perdão dela.

— Olá, Sofia. Não nos conhecemos muito bem, sou João.

Observo João se apresentar e explicar a ela por cima tudo o que aconteceu, diz que Heitor não contou a Maju e que graças a isso todo o mal entendido se fez.

— Sabe o que eu faria? Eu manteria esse encontro e todos os outros que virão escondido deles. Iria ao cinema, jantar, para a cama, seja lá o que fariam, e não contaria. Fariam acreditar que não deu certo. E no fim, quando o convite de casamento

chegasse, eles surtariam.

João me olha sorrindo.

— Isso enlouqueceria minha irmã.

— Eu topo! — ele diz e espera que faça o mesmo.

— A Maria vai me matar. Não me olha assim.

— Vai ser tão divertido, Maju.
— Sofia dá corda.

João se aproxima ainda mais, o ar quente de sua boca em meu ouvido faz os arrepios voltarem.

— Pensa na delícia que vai ser viver tudo em segredo. Escondido é bem melhor.

Volto a olhá-lo. João está louco.

— Não, João.

— Só por uns dias, Madu.

Presto atenção ao meu apelido saindo de sua boca. Essa é a primeira vez que ouço João me chamar de Madu. Para ele sempre fui Maria ou Maria Eduarda, nunca Madu.

Sorrio vencida.

— Apenas alguns dias.

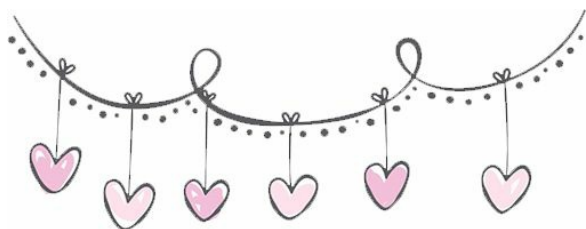
Ele vira-se para Sofia e sorri vitorioso.

— Ela vai matar você, João. Minha amiga estará viúva antes de se casar.

— Nenhum de nós estaremos sendo assassinados. Muito menos ficando viúvos. Estaremos vivendo perigosamente, mas vivendo. — fala e rouba batata frita.

Em meu peito, a certeza de que apesar de tudo, podemos fazer acontecer volta a surgir e espero de verdade, que

João não parta meu coração.



Capítulo 14

Maria Eduarda

Quando Sofia deu a ideia de esconder de todos que João e eu estamos nos conhecendo mais achei que seria loucura, mas então marcamos de ver um filme juntos na casa dele e mudei rapidamente de ideia.

Chego a casa de João numa quinta-feira. Foi difícil fazer minha mãe

acreditar que realmente o encontro com João morgou, mas consegui. Menti, mas consegui.

Enquanto todos acham que estou no cinema com minha amiga, estou na verdade, sendo muito beijada pelo fisioterapeuta gato amigo dos meus cunhados e irmãs.

O beijo se intensifica. A boca faminta de João me devora, desce por meu pescoço, querendo mais. Sua boca volta a minha boca cheia de promessas. Promessas que estou mais do que pronta e ansiosa para cumprir.

A campainha toca, nosso jantar.
O filme roda na TV e não sabemos sobre
o que é. Não queremos mesmo ver.

— Está com fome? — pergunta e
o vejo colocar tudo sobre uma mesa no
centro da sala.

— Estou. Mas não de comida. —
respondo e os olhos dele se acendem
mais.

— Maria, não me tenta.

— Estou falando a verdade. —
respondo cheia de bom humor.

— Não quero apressar nada

Maria Eduarda.

— Por que não me chama de Madu? Ouvi apenas uma vez o apelido saindo da sua boca.— pergunto curiosa.

— Seu nome é bonito, por que não o usar?

— Tem medo da intimidade que o apelido pode trazer. — afirmo e João para de organizar a comida no centro para me olhar.

— Mais intimidade do que te beijar como beije? Mais intimidade do que te ouvir dizer que está com fome e

não é de comida? Não. Acho seu nome bonito.

— Tem medo de me chamar de Madu. — insisto.

Ouço o suspiro e sorrio.

— Tenho medo de não mostrar o quão especial é. Todos te chamam de Madu.

— Gostaria que se soltasse. Você tem me feito sentir que sou especial.

— É especial.

— Então não é o modo como me

chama que faz isso.

— Quer que te chame de Madu?

— Quero que se sinta livre para chamar como desejar. Mas que saiba que não é a modo como me chama que me torna especial, é o modo como me olha, como me trata, como me beija.

Aproximo-me sentindo o cheiro de parmegiana.

— Por que pediu almoço para jantar? — pergunto sorrindo e mudando de assunto.

— Não tive tempo de almoçar

direito hoje. Eu tinha pedido para o almoço, mas como tudo no trabalho desandou, pedi que o restaurante fizesse na parte da tarde.

— Estava com vontade mesmo de *parme*.

— Você é linda, Madu.

Sorrio ao ouvi-lo me chamar pelo apelido.

— Olha só, não arrancou pedaço. — brinco e ele me puxa para seus braços.

O beijo que deixa em meu

pescoço me arrepiava.

— É da melhor cozinheira dessa cidade.

— Já provou a comida da minha mãe?

— Não.

— Então não conhece a melhor cozinheira dessa cidade. — falo e provo à parmegiana.

O sabor delicioso me faz fechar os olhos e gemer.

— Eu falei.

— Ainda assim, não bate a

mamãe.

Ouço a risada de João. Ele serve uma Coca gelada e pergunto se foi mais uma parte do seu almoço tardio.

— É linda assim, leve. Sorridente. A mulher mais bonita que já vi. Durante todos esses dias foi em seu sorriso que pensei ao acordar.

— Falando assim acreditarei que está apaixonado por mim.

— Talvez eu esteja.

— Muito apaixonado. — brinco.

— Muito.

João me beija e finalmente aproveitamos o filme.

É tarde quando ele insiste em me levar em casa. Reclamo que poderia ir de táxi, mas João reclama que é perigoso.

Como ainda queremos manter em segredo nosso "envolvimento", ele para algumas casas antes da minha e desce do carro para me olhar entrar em casa. Entro em silêncio, fazendo o impossível para não ser ouvida. Até que ela me assusta.

— Isso são horas, Maria Eduarda? — A voz da minha mãe na sala escura me faz pular e pôr a mão no peito, sentindo as batidas do meu coração aceleradas.

— Que susto, mãe.

— Isso são horas? — Volta a perguntar.

— Estava com a Sofia. O filme acabou tarde, fomos jantar, esquecemos a hora.

— Tem certeza? Não quero você metida com homens aleatórios porque o

fisioterapeuta bonito deu para trás.

— Não estou com ninguém. —
minto.

— Poderia estar. Não ligo. É livre para amar e viver, mas sinto, aqui no meu peito que é ele. Embora ele seja um fujão.

— Ah, mamãe. A paixão é tão confusa.

— Tão linda. O frio que causa no estômago, os arrepios na pele, a vontade de viver como se fosse o último dia. Aquele menino não sabe o que

perdeu. É a mulher mais incrível que ele poderia encontrar. Quem perde é ele, meu bem.

— Todos perdemos um pouco mamãe. Tempo, coração partido. Mas isso não define nada. Somos maiores do que as paixões que passam em nossa vida. Elas nos instigam a querer mais, viver mais, reforçam que somos humanos.

— Admiro o quão madura é. Minha mais delicada e madura Maria. Siga seu coração filha. Todos os dias, em qualquer situação. As respostas para

seus medos, para suas inquietações estão dentro de você. No coração puro e bondoso que possui.

— Por que quer me fazer chorar quase de madrugada?

— Para que na próxima vez que mentir para mim saiba que sou sua mãe e conheço você muito bem. Pode não estar com ninguém, mas apenas com a Sofia? Não estava não. — diz levantando-se e indo em direção ao seu quarto.

— Estava com Júlio, Sofia e o primo dela.

Mamãe para, olha-me por cima do ombro e diz:

— O que não rolou beijo?

— Exatamente.

— Não aprendeu de primeira?

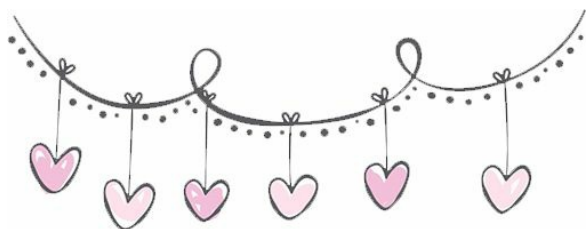
Química não se força. Acontece ou não.

Volta a caminhar e sorrio. Se quiser mesmo manter tudo isso para nós dois, precisarei ser mais firme com a mamãe.

— Escondido é mais gostoso. —
brinco com a frase de João e subo para o quarto.

Sim. Escondido pode ser delicioso, mas tenho certeza de que qualquer momento com ele seria. Com João qualquer momento seria uma aventura incrível. Talvez, apenas ele faça meu coração bater tão forte e meu corpo queimar.

Paixão. É o que dizem ser isso.



Capítulo 15

João Paulo

O ruim de conseguir esconder de Maria Júlia, Heitor e todos os outros que estou com Maria Eduarda é não conseguir esconder o sorriso que exibio. Nossa primeira noite de filmes a sós foi realmente algo novo. Ela é uma mulher sedutora e não se esforça para isso.

Maria Eduarda é natural. Seus atos, suas palavras. Tudo nela é natural, convidativo. A verdade é que quero descobrir todas as facetas da mulher que é.

Seus sonhos, suas realizações, seus medos. Quero continuar ouvindo-a ler os poemas no copo d'água, quero saber sua rotina como professora, se planeja o futuro, se apenas deixa as coisas acontecerem.

Ela é o desconhecido que me atrai, faz nascer em mim o desejo de conhecer o amor.

— Esse sorriso bobo tem nome?

— Maria Júlia pergunta, trazendo-me para a realidade. Estamos em um horário corrido de almoço.

O fato do restaurante ser próximo a clínica e ao hospital em que Maria Júlia e Heitor trabalham nos ajuda a sempre manter contato. Muitas vezes, almoçamos juntos, exceto quando há emergências. Em dias corridos, eles não deixam o hospital.

— Algumas vezes me pergunto por que aceitei sua ofertar de sempre almoçarmos nesse restaurante. Ah,

lembrei. Você está grávida e fazia chantagens.

— Não fazia chantagens, mas todos sabem que não se pode negar os pedidos de uma grávida. Mas não falei disso, perguntei se o sorriso tinha nome.

— Sim — falo e ela olha curiosa. — Chama-se sossego.

— Deixa de palhaçada, João! Se não quer falar o nome da *talzinha* tudo bem. Não é como se essa louca fosse fazer parte do nosso grupo.

— Não vai aceitar minha

namorada no grupo? — questiono e ela me olha brava.

— Não. Achava que você era diferente — diz e a olho em expectativa.

— Dos machos escrotos. Achei que seria gentil e apaixonado pela MINHA irmã. Errei feio. Você não merece a mulher que ela é. Ainda bem que ela está saindo com o primo da Sofia de novo. Quem sabe ele não a faz feliz?

— Ah, sua irmãzinha arrumou um encontro melhor?

— É, arrumou sim. Não é nada

do tipo, transei, gozei e fui embora. —
fala irritada e engulo o sorriso.

— Muito bom para ela.

— Maravilhoso.

Maria Júlia se levanta, paga o almoço e vai embora antes de falar mais elogios irônicos para o novo "encontro" da irmã e sorrio.

Tiro o celular do bolso da calça e envio para Maria Eduarda:

"Então você está saindo com o primo da Sofia novamente? Ele ao

menos beija bem?"

Demora um pouco até que ela responde:

"Maravilhosamente bem. E sim, estou saindo com um tal de primo de Sofia. Mamãe detestou."

"Sua irmã também. Apesar que a essa altura, eu duvido que alguém não conquiste o coração dela."

"Não é o coração dela que ele precisa conquistar"

"E ele está conquistando?"

"Logo ele descobrirá."

Meu horário de almoço acaba e suspiro. Guardo o celular no bolso e caminho até a clínica onde finalmente posso escovar os dentes e voltar ao trabalho. Heitor me manda mensagem dizendo que indicou a clínica para um paciente, que em breve ele irá aparecer. Peço um resumo do caso. É quase o mesmo de sempre.

Homem, na casa dos trinta anos,

acidente de moto, fraturas, há pouco operado. Já vem pronto para começar um bom tratamento, mas quer ouvir novamente o que um fisioterapeuta pode dizer.

Uma hora depois, o homem entra em minha sala. A acompanhante que o trouxe em uma cadeira de rodas me apresenta os exames. É, a situação poderia ser pior, mas Heitor tem uma boa equipe de cirurgiões e médicos. O cara também teve sorte. Estava em alta velocidade. Sempre assim.

Suspiro. Faço algumas anotações

e o olho pronto para explicar o que vi.

— Vi que sua cirurgia está recente, inicialmente, vamos trabalhar apenas a recuperação das mãos e perna esquerda. Quando tirar esse gesso, começaremos a recuperação da perna operada.

— Quanto tempo até a recuperação total? — pergunta. A cara de dor que faz me toca.

— Alguns meses. Inicialmente três.

— Tudo isso?

— Apenas isso. Foi sortudo, cara. Agradeça ao céus, ao universo, a Deus ou aos deuses. Agradeça a quem ou o quê acredita porque no seu caso, foi um milagre. Sabe quantas pessoas morrem em acidentes de carros no país? Milhares ao longo do ano. Sabe quais são as causas? Excesso de velocidade, conduzir sob efeitos de álcool ou drogas, desrespeito às leis de trânsito, ultrapassagens irregulares, falta de sinalização e muitas outras. Combine algumas delas e teremos condutores irresponsáveis.

— Está me julgando doutor? —
pergunta chateado.

— Estou explicando seu caso. Quero sua melhora. E quero que prometa que jamais voltará a conduzir acima da velocidade e muito menos alcoolizado.

— É, eu prometo. — fala sem acreditar no que diz.

— Espero que cumpra. Hoje está aqui. Mas poderia não estar. Poderia ter tirado a vida de alguém. Sua família poderia estar destruída, ou poderia ter destruído uma. Não quero ser duro, mas

preciso ser. Não brinque com a vida.

— Não vai se repetir doutor. —
fala agora com mais certeza.

— Estaremos começando depois
de amanhã, o que acha?

— Tudo bem.

— Seu plano de saúde cobre as
sessões, assim que terminar cada sessão
pode agendar a próxima. Começamos
aos poucos e vamos evoluindo.

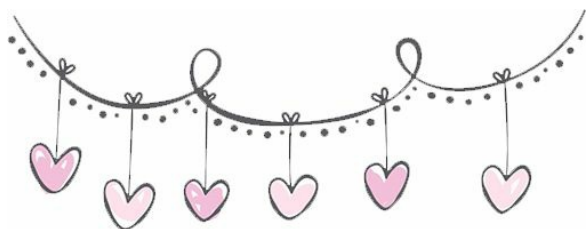
Ele me olha triste. Sabe que fez
merda. Muitos fazem. E embora saiba
que não deveria julgá-lo, faço. Faço

porque lembro da pequena paciente que amava dançar e não poderá, porque lembro dos pacientes amputados graças a motoristas irresponsáveis. Faço, porque sei que Heitor já deu muitas respostas ruins a familiares.

Não é fácil lidar com o que fazemos, mas queremos apenas o bem dos nossos pacientes. Sempre queremos. Não estamos para julgar, nosso maior objetivo é ajudar, é mostrar uma luz e ajudá-los a recomeçar. Ver que precisam seguir um dia de cada vez. É assim que precisamos lidar com a vida.

Firmes e intensos, porque a única certeza que temos é o nosso agora.

Infelizmente, o meu agora não é ao lado de Maria Eduarda. É correndo entre as sessões, ajudando pessoas, mostrando suas novas realidades, ajudando-as a aceitarem e se readaptarem.



Capítulo 16

João Paulo

Deixo Maria Eduarda em casa no domingo à tarde. Sinto-me como um adolescente vivendo sua primeira paixão escondida. É bom, gostoso e novo. Ela é diferente de tudo que pensei. Na dela, mas intensa. Linda, esforçada. Uma mulher decidida, delicada. Meus pais costumavam dizer que o amor

existia e nascia de diversas formas. O amor deles nasceu da calma, levou alguns meses para entenderem que a paixão era mais do que pele. Meus amigos se perderam rapidamente. Igor e Heitor mal perceberam que estavam caindo aos pés das Marias, embora Heitor tenha levado algum tempo para conseguir levar Maju ao altar.

O fato é que segundo minha mãe, paixão é mais livre, amor é mais companheiro. Amor é construção. O dia a dia, a vida. Não sei bem como definir o que sentimos, a verdade é que

vivemos a intensidade e a construção. Sinto que sempre seremos assim.

Após uma noite pensativa, levanto-me cedo, preciso estar na clínica antes do meu horário para pôr em dia a agenda, mas ainda assim, acabo sorrindo pelos corredores.

A noite, vou até a casa de Heitor. Maria está colocando as meninas na cama, por isso apenas Heitor me recebe. Como estou feliz, acabo sorrindo mais do que deveria. É, talvez eu não tenha aprendido a ser discreto.

Meu amigo me olha, senta-se ao meu lado e estica suas pernas para a mesinha cheia de folhas e desenhos rabiscados pelas filhas. Olha-me curioso e percebo que dei mole demais.

— Viu passarinho verde ontem? Está derramando sorrisos por onde passa.

— Quer que eu trate mal os meus melhores amigos? Vocês merecem mais!

— Não quero não. Mas você pegou alguém.

— Não peguei não.

— Ah, pegou.

— Quem pegou quem? — Maria Júlia volta para a sala, senta-se ao lado do marido e me olha.

— João. Está com cara de quem pegou alguém, amor. — meu amigo responde a esposa.

— Transou, gozou, foi embora. João não fica com ninguém. — fala chateada pelo falso "desastre no encontro com sua irmã".

— Está me julgando tão baixo, Maria Júlia. Achei que era minha amiga.

E que amigos não julgam.

— É, somos amigos. Mas você é um homem safado, que não se relaciona.

— Dá de ombros.

— Está colocando sua irmã em tão pouco. — Entrego-me.

— Minha irmã? — pergunta me olhando atenta.

— É.

— Ficou com minha irmã? A Maria Eduarda?

— Sim. — respondo.

— Ontem?

— Sim, Maria Júlia.

— E esconderam isso? Madu
topo esconder?

— Escondido é mais gostoso,
Maria Júlia. Sua irmã e eu estávamos
aproveitando alguns momentos a sós.
Criando histórias a sós.

— Desde quando? — pergunta
brava.

— E também estávamos nos
vingando de um certo cunhado que não
explicou a situação da viagem que fiz e
me deixou em maus lençóis.

— Está dizendo que por culpa do Heitor não sabíamos que estavam juntos?

— Estamos juntos. — ênfase.

— Há quanto tempo João?

— Pouco.

— Pouco é desde o encontro que planejei? Planejei o melhor encontro e sou tratada assim? Não mereço nem um obrigada, deu tudo certo. Não ganho uma fofoca? Isso que dá ser boazinha com amigos.

— Sinto informar, mas preciso

ir. — É melhor bater em retirada agora do que quando ela surtar. — E por favor, se não for pedir demais, não enche a Madu.

— Está pedindo demais, João.

Heitor sorri e só agora percebo onde me meti. As Marias, independente de qual for, são curiosas. Elas são astutas.

Tiro o celular do bolso, abro o aplicativo de mensagens e digito rapidamente:

"Maria Júlia sabe. Prepare-se"

Não recebo respostas, imagino que pelo horário, Maria Eduarda esteja em dormindo para a aula do dia seguinte. Volto a pensar que escondido é mais gostoso e eu não consigo segurar.

Agora percebo por que minha mãe dizia que eu não sabia guardar segredos muito bem. Bastou Maria Júlia diminuir o que vivi que abri o bico e dei a ela o que queria ouvir. Dei de bandeja.

Em casa, penso que nada do que pensam importa realmente. Na minha vida, a única opinião que vale é a dela. Maria Eduarda. A minha mulher romântica, doce, intensa e sedutora. A mais sensual, mais livre, mais leve. Mais humana que já conheci.

No dia seguinte, entro no consultório para mais um dia de trabalho e o sorriso me acompanha. Estou assinando a guia de uma senhora que graças a uma queda, vem há alguns meses, se tratando na clínica quando percebo que ela me olha atenta.

— Dizem que sorrisos bobos é sinônimo de paixão, doutor. — fala e acabo sorrindo um pouco mais.

— Ah, dona Adélia percebi que estou apaixonado. E não é assustador quanto eu pensei que seria.

— É um bom rapaz. Bonito, inteligente, bom ouvinte. Essa moça é sortuda. — diz e entrego sua guia.

— Acho que na verdade, o sortudo da história sou eu.

— Se posso dar um conselho, conte a ela. Não esconda.

Sorrio sem graça e ela acha que falou demais por isso completa:

— Desculpe-me. Velhos gostam de se intrometer e falar demais.

— Ao contrário dona Adélia. Obrigado pelo conselho.

A filha e a recepcionista entram na sala, peço que marque a última consulta e despeço-me da senhora. Quem sabe em sua próxima consulta não terei algo para contar-lhe?

Quando o dia de trabalho termina, dirijo até minha rápida casa,

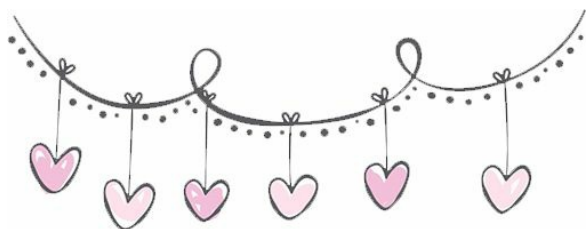
tomo um banho, procuro as chaves do carro e volto a sair.

O caminha até a casa dela não é longe, mas o faço ansioso. Nunca pensei que sentiria algo assim por uma mulher. Madu entrou na minha vida de forma maluca. Nunca soube reconhecer o que me fazia sentir. Até hoje.

Hoje, minha mente e meu coração finalmente reconheceram o que sinto. É novo, nenhum pouco assustador. Definitivamente é algo único e forte. Posso não saber exatamente que dizer, ou melhor, sei exatamente o que dizer, se

Madu está pronta para minha intensidade eu não sei, mas entendi que o amor às vezes acontece na calmaria é as vezes, ele nasce rápido demais. Como sempre ouvi falar.

Achei que iria construir aos poucos, que passaria anos até finalmente dizer que era amor. Mas não. Alguns meses e já tenho certeza. Não é gostar, não é apenas paixão, não é apenas pele. Madu é dona do meu coração. O que sinto por ela é amor. E o meu nasceu assim. Intenso, rápido e tranquilizador.



Capítulo 17

Maria Eduarda

Li e reli a mensagem de João Paulo tentando entender o que aconteceu para Maria Júlia descobrir. Como ela pôde descobrir. Não vivemos nossa paixão escondida por medo de não ser o que é, vivemos apenas pela liberdade de sentir a intensidade de tudo.

Pelo desejo de guardar apenas

para nós, de estarmos descobrindo algo que cabe apenas a nós. É louco, mas somos apenas nós dois vivendo uma paixão, um sentimento novo. Algo só nosso.

Entro em casa e me deparo com mamãe, Maria Júlia e Maria Luana me olhando.

— Estavam me esperando? — pergunto e elas me olham sérias.

Sim, elas estavam me esperando. O que eu esperava encontrar? Elas sabem, afinal.

— Como pôde esconder de mim que estão juntos? Sou sua mãe, Maria Eduarda. Te fiz, te vi nascer, cuidei de você a vida inteira e agora isso. Disse que estava saindo com a Sofia e aquele primo sem graça dela. — dona Maraiza diz, me fazendo sorrir.

Não é fácil mentir para ela, mamãe consegue farejar mentiras, consegue ver nossas almas. Não sei como não descobriu sobre nós antes de todos.

Sento-me no sofá e espero o drama de Maria Júlia. Ele virá por ela

não saber, mas principalmente por ter planejado o encontro. Ter sido nossa cupido.

— Ou para mim. Eu organizei o melhor encontro que uma pessoa poderia ter. Nunca planejei tanto um encontro como planejei o seu. E o que ganho? Um amigo que me esconde as coisas, uma irmã que não me acha digna de saber da sua vida sentimental. — finaliza e olho para Maria Luana esperando drama dela. Ele não vem.

— Não olha para mim. Eu só quero saber como tudo aconteceu. Minha

pequena passou uns dias cansada, teve febre, mal tive tempo para deixar o drama me dominar. — fala e me preocupo. Isis é querida por todos nós. A primeira menina da nova geração que chegou em nossa família.

— Está bem? — pergunto.

— Vai melhorar. Coisa de criança, não precisa se preocupar. — diz.

— Já sabe da sua sobrinha, agora fala! — mamãe manda.

— Não sei bem por onde

começar. Foi sem dúvidas o melhor encontro da minha vida. A música era perfeita, o jantar, o papo. O espaço, as flores. Tudo. Achei que estávamos no mesmo ponto, querendo descobrir o que nos afastava e nos prendia. João se abriu comigo, e então ele sumiu. — falo relembrando o encontro e o sumiço.

— Besta. João não sabe como é viver um romance. Não sabe o que é cuidar para não magoar o outro. — Maria Júlia diz e sorrio.

— Uma prima precisava aceitar um diagnóstico e começar as

fisioterapias, foi para lá, então teve alguns problemas na clínica. Não quis conversar por telefone, aliás, o perdeu. Ele explicou ao Heitor sobre a viagem, mas seu marido, Maju, achou que poderia ajudar se não contasse.

— Não me lembra essa parte. Já expliquei ao meu doutor que não se ajuda assim. O que merda Heitor pensou? Queria tirar uma onda comigo e se ferrou. Três dias de castigo.

Sorrio e digo o que querem ouvir.

— João me procurou no copo, enfrentou uma Sofia brava e explicou sua versão. Aceitei sem dramas. A vida pode ser mais do que dramas, mais do que fugas. Decidimos que seria interessante continuar nos conhecendo em segredo. E não contar nada deixaria os mais curiosos dessa família loucos. Começamos a nos ver com mais frequência. João é lindo. Estamos felizes. Acho que totalmente apaixonados. Estou apaixonada. Pedi que namorasse comigo. Ele disse sim. Estamos juntos. Vivendo esse momento.

Descobrimo tudo, a intensidade de cada sensação, de cada toque, beijo. É algo, às vezes sinto-me vivendo um romance parecido ao dos livros que lemos.

— Minha menina está amando. Minha pequena e doce Maria está quase pronta para voar e ir embora. — mamãe chora.

Levanto-me e a abraço apertado. Olho em seus olhos, limpo suas lágrimas. Família dramática.

— Disse-me que precisava viver. Que escolhas precisam ser feitas.

A vida é cheia dela. Escolhi viver a paixão que sentia e estou descobrindo que é a coisa mais intensa que já vivi. E descobri que quero viver essa intensidade por todos os dias da minha vida, até mesmo nos dias mais difíceis.

— Olha que boba sou. Chorando por uma filha que se apaixonou.

— Seu coração é lindo, mãe. Obrigada por me incentivar.

— Quero agradecimento também. — Maria Júlia pede e agradeço.

— Estou perdoada? — pergunto e elas sorriem.

Mamãe me abraça, seguida de Maju e Malu. Ambas dizem que ficarão para o jantar. Heitor está com as filhas numa noite de pai e filhas e Igor está com a filha, jantará com a filha em casa. Aproveito enquanto todas vão até a cozinha organizar a mesa e subo para um banho rápido.

Penso que amar nada mais é do que sentir-se livre. E finalmente, tenho me sentindo verdadeiramente livre. Pronta para viver a fase mais incrível da

minha vida. Pronta para as descobertas que apenas o amor pode trazer.

Olho o bloco de notas em cima da mesa de cabeceira e sorrio. Pego o lápis ao lado e escrevo.

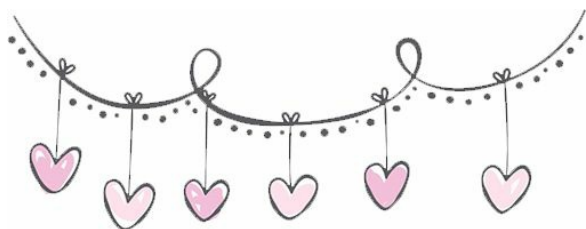
“Amar é estar livre para viver as pequenas e grandes paixões. É estar aberto, completo. É jogar-se de cabeça, viver. É sobre estar feliz consigo e com o outro. Não é sobre corpo ou pele. É sobre alma. É reconhecer no outro o sentimento mais puro e bonito que existe. É calma e intensidade. É sol, chuva, dias bons e ruins. Amar é viver

a plenitude. Apenas com você encontrei tudo isso. Apenas você me causa a sensação de paz. Amo-te com meu coração, com meu corpo, com minha alma”

Após deixar o papel na gaveta, entro no chuveiro, a água quente me faz relaxar, visto uma roupa leve, faço um rabo de cavalo simples no cabelo. Olho-me no espelho e consigo ver em meus olhos a felicidade que sinto. Lembro-me de um dia meu pai me dizer que quando estamos verdadeiramente felizes, o sentimento poderia ser tão forte que

quase poderíamos tocá-lo. Minha família sempre foi intensa, romântica. Todos nós acreditamos na força do amor, no poder das palavras. Em uma vida construída, sonhada. Somos assim.

Nós nos entregamos ao amor, a felicidade, a vida.



Capítulo 18

João Paulo

Desço do carro certo de que a primeira coisa que falarei ao vê-la é eu te amo.

Na minha mente eu bateria na porta, Maria Eduarda a abriria, sorriria para mim, eu diria o quanto a amo, ouviria a mesma frase volta e assumiríamos para sua família. O que eu encontrei? Dona Maraiza me olhando

séria.

Não consigo falar nada.

Nenhuma palavra sai da minha boca. Eu, um homem feito, fico em silêncio diante da mulher que deu vida a mulher que amo.

— Vai entrar vou vai ficar parado na minha porta, João? — fala me dando as costas e voltando para dentro de casa.

Entro em silêncio.

— Achou que mentir para mim era engraçado? — pergunta seguindo até

o que imagino ser a cozinha e não sei se devo seguir ou esperar.

— Não senhora. — falo sem graça. Eu realmente não pensei muito sobre o que os pais de Madu achariam sobre mentirmos sobre nosso relacionamento.

Uma coisa é não sairmos gritando ao mundo, outra é realmente agirmos como adolescente.

— E por que mentiu?

— Achei que seria bobagem. Uma trolagem para Maria Júlia e Heitor.

Não pensei muito além. — digo e opto por seguir a mulher.

— O que faz aqui? — questiona pondo a mesa.

— Maria Eduarda.

— Ah, minha filha. Claro. O que achei que tinha vindo fazer? Mostrar o quanto corajoso é por ter mentindo para mim e para Maria Júlia? O que você e Madu tinham na cabeça? Queríamos saber de tudo. Cada pequeno detalhe. Sabe o quanto falamos mal de você por ter sumido?

— Imagino.

— Ah, não imagina não. Falamos que era um bobo, que não enxergava a felicidade a sua frente, que estava perdendo uma mulher doce, inteligente, bonita. — fala e sorrio. — E estavam rindo de nós.

— Não estávamos rindo.

— É, sei que não. A última coisa que faziam era pensar em nós. — fala, volta a sala e grita: — Madu, o bobinho está aqui.

Em pouco tempo Maria Eduarda

está diante de mim. Linda. Não sei se a beijo, a abraço ou me mantenho longe.

Para sair daqui vivo, opto pela segunda opção. Mantenho-me firme, ao seu lado, mas sem tocá-la.

— Pediu segredo e você mesmo contou. — diz.

— Saiu.

— Foi só eu falar um pouquinho mal da situação e ele deu com a língua nos dentes. — Maria Júlia entra na cozinha seguida de Malu. — Aliás, graças a sua ideia, meu maridão e eu

teremos um mês de jantares fora.

Olha minha cunhada sem entender. Impaciente, ela revira os olhos.

— Ficarão com as meninas nas sextas-feiras para que Heitor e eu possamos ir jantar. — pisca para Madu.

— Tudo bem. Adoro as meninas. Não será um castigo, Maria Júlia.

— Não mesmo. Elas amam os padrinhos.

A risada de Maria Eduarda enche o lugar.

— Então, João. Maria Eduarda já está aqui, pode dizer o que veio fazer.
— minha sogra diz e suspiro.

Maria me olha de forma apaixonada, mas há um traço "sapecado" em seu olhar. Ela quer me ver dizer na frente de todas.

— Vim porque enquanto eu atendia a uma senhorinha percebi que tinha perdido meu coração. Sentia que precisava dizer o quão especial a pessoa que o tem é. Que é linda, doce, sedutora, apaixonante. Precisava dizer que adoro ouvi-la no bar, adoro ouvi-la

em casa. Amo a dedicação com que se entrega ao trabalho. Como ama a família. Vim correndo porque precisava dizer que a amo. E que meu coração está nas mãos dela.

Maria Eduarda joga-se em meus braços.

— Eu te amo. É cedo, ou não... Mas amo. Cuidarei do seu coração. Espero que cuide do meu. — Maria fala.

— Com muito amor, Madu.

— Sente-se João. Esse será seu primeiro jantar em família. Bem-vindo a

nossa família. — dona Maraiza diz e sorrio, afinal, ser aceito na família é quase tão importante quanto ser aceito por ela.

Depois do jantar, Maria Júlia e Malu vão embora. Dona Maraiza diz que precisa organizar umas coisas e nos deixa sozinhos na sala.

A carinha feliz de Maria Eduarda me encanta. Puxo minha namorada para próximo e a beijo. Um beijo cheio de saudade, paixão. Beijo dizendo em silêncio que a amo, que a quero. Beijo e esqueço o mundo. Tanto

que seu pai entra e não ouvimos.

— Boa noite! — A voz forte me faz afastar Madu de mim.

— Boa noite, seu Milton.

— Olá, João.

Ao mesmo tempo em que é fácil encará-lo por conhecer toda a família, é também estranho estar em sua sala, beijando sua filha sem nunca a ter pedido em namoro oficialmente.

Isso ainda existe? Acho que não, mas me vejo pedindo para falar com ele e levanto-me. Madu sorri e sigo seu pai

até a cozinha.

— Primeiro, gostaria de pedir a mão de Maria Eduarda em namoro. — falo e Milton para de colocar água em seu copo e me olha sério.

— Está falando sério? Isso ainda existe? Achei que já namoravam. Estavam no meu sofá provando isso.

— Desculpe. Gostaria de dizer que estamos namorando e que a amo. Estou apaixonado por ela. Quero algo realmente sério com Madu. Estou pronto para viver uma relação, construir algo

com ela.

— Está tudo bem. Elas são minhas filhas, mas são adultas. Livres para viver as paixões e a vida da forma que sente e desejam. São maduras para construir a história delas.

Suspiro tranquilizando-me.

— Mas estarei sempre de olho.
— completa e passa ao meu lado.

— Quer dizer que veio pedir minha mão ao meu pai? — Madu brinca.

— Para, Maria Eduarda. Achei que era isso que se fazia.

A gargalhada enche meus ouvidos. O som de sua risada é suave, assim como ela. Abraço seu corpo de forma apertada. Respiro seu perfume.

— Preciso ir, mas meu corpo não consegue separar-se do seu. Meu coração parece não desejar se separar do seu. É tão difícil de dizer adeus.

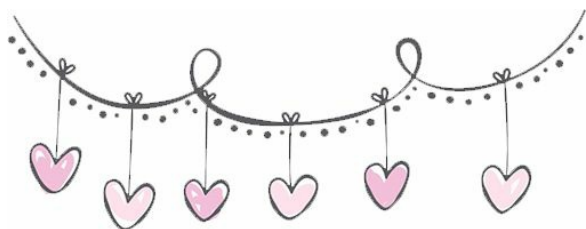
— Não dizemos adeus. Falamos até logo. Adeus, para mim, é ponto final. Não estamos dizendo adeus. — fala e beija meus lábios.

É tarde, realmente preciso ir.

Madu terá aula, precisamos nos separar,
mas não conseguimos.

— Amo você. — diz e beija
minha boca uma última vez.

Sem querer, afasto-me dela e
sigo para casa. A casa que é minha e um
dia poderá ser nossa.



Capítulo 19

Maria Eduarda

Os dias se passam e João reclama sobre estar sendo zoadado por todos os seus amigos sobre o pedido de namoro. O que posso fazer se do nada meu namorado se mostrou um cavalheiro? Um homem romântico do século passado?

Sorrio apenas de lembrar o nervosismo que ele sentiu. Sei que

sentiu. Agora, mais tranquilos, continuamos descobrindo as alegrias do amor. Aos poucos conhecemos também as "dores".

Não somos ciumentos em excesso, mas reunir-me com o grupo de faculdade de João não foi fácil. Para fazê-lo sentir na pele o que senti ao ouvir suas amigas falando com duplo sentindo o quão bom ele era na época, resolvo marcar um jantar com meus amigos de faculdade.

João resmungou a maior parte do tempo. No fim da noite, enquanto ele

reclamava eu sorria. Terminamos a noite em sua casa. Seu corpo quente sobre o meu. Se movendo sobre mim. Saciando-me, mostrando que ele é o único dono do meu coração.

Os dias se passam tranquilos. Nossas noites também. Ou eu achava que estava, já que Maria Júlia nos manda mensagem informando o horário para ficar com as crianças.

Achei que tinha esquecido, mas Maju é assim. Ela espera que você esqueça e então volta a dar o bote. É sexta-feira, estamos na casa da minha

irmã, olhando suas filhas enquanto ela e Heitor aproveitam a noite.

— Não está tarde para ainda estarem jantando? — João pergunta e sorrio.

— Acha mesmo que estão jantando?

— Não era o que iam fazer? — pergunta e beijo seus lábios.

— Não seja inocente, João. Todo mundo sabe que eles saem as sextas para transar. Sexo barulhento e sei lá...apenas alguém fica com as meninas.

— Todo esse tempo que fico com as meninas...

— É para que os pais delas sejam felizes. Bem-vindo ao mundo safado de Heitor e Maria Júlia.

— Eu realmente achei...

Sorrio. Ele não pode estar falando sério. É tarde quando Maria Júlia e Heitor chegam. Estou cansada, com sono, mas atenta.

— Obrigada por ficarem com minhas meninas. — Ouço minha irmã e os resmungos de João.

Em seu carro, seguimos até sua casa. Tomamos um banho quente e nos largamos na cama.

O sono, rapidamente foi embora. Deixando-nos acessos, prontos para saciar nosso desejo, matar um pouco a fome que sentimos um do outro.

— O cheiro da sua pele é o melhor perfume que existe. — fala e beijo seu peito nu.

— Que bom que gosta do meu cheiro.

— Gosto de tudo em você.

— Ainda melhor.

— Maria Eduarda, Maria Eduarda... Não brinca com fogo. — diz com a voz cheia de desejo.

Movo minha mão mais uma vez por seu corpo. Tentando-o com carinho.

— Vai se queimar, amor.

— Estou louca para isso. — falo e recomeçamos.

O bom de ser amada por João é que ele é entrega, intensidade e romance em uma única pessoa. João, diz muito que me ama, mas mais do que isso, ele

me prova todos os dias que ele me ama.

E saber disso me deixa feliz. Saber disso mostra que independente de qualquer coisa, amar e ser amado, ainda é a coisa mais linda do mundo.

Acordo cedo, como todos os dias. Costume de uma rotina de trabalho, vejo João de pé em frente a cama. Ele organiza nosso café da manhã em cima de um pequeno aparador, encosta-se na parede e me olha. O lençol que cobre meu corpo está ao lado, ele me olha como se estivesse me vendo de lingerie em sua cama pela primeira vez.

Sorrio, olho em seus olhos e
lembro-me de algo que escrevi há um
tempo.

*Há algo em você que reflete
em mim*

Entendo seu silêncio

Percebo seu olhar

*Há algo em você que reflete
em mim*

Te vejo vagar

Procurando um lugar

Está sozinho

Em busca de lar

*Há algo em você que reflete
em mim*

Ninguém sabe

Ninguém viu

Mas eu estou aqui

Te vejo

Te sinto

Te entendo

*Há algo em você que reflete
em mim*

Segredo

Teu, meu, nosso.

Há algo em você que reflete

em mim.

— Se chama reflexo — falo já
que me olha atento.

— Como se lembra de todos os
textos que escreve?

— Lembro os que são especiais.
Os que me marcaram. Os que significam
algo pessoal.

— São lindos.

— Confusos.

— Lindos como a mulher que os

escrevem. Sabe o que mais há em mim que reflete em você?

— O desejo? — brinco e João se coloca em cima de mim.

— O amor, Maria Eduarda. O meu amor reflete em você. O seu amor reflete em mim. — fala e mordisca minha boca.

— Agora, além do amor, o seu desejo está refletindo em mim. — digo ao senti-lo contra mim.

A risada gostosa que João dá me faz sorrir. Estamos tão livres e unidos.

Nossos sorrisos morrem quando ele volta a me beijar, quando suas mãos apressadas tiram minha lingerie e redescobrem meu corpo. Quando o sinto sobre mim, em mim.

João Paulo é o amor que eu sonharia em ter, se tivesse sonhado com o amor. Calmo, desafiador, intenso. Um misto. Um combo. Um mundo a se descobrir e redescobrir.

— As minhas manhãs ao seu lado tem se tornado especiais. — fala em meu ouvido e acabo rindo.

— Eu sei bem o que isso significa.

João levanta-se e me puxa com ele.

— Um banho e um café da manhã, topa? — pergunta e me abraça. A pele quente em contato com a minha, os beijos espalhados por meu pescoço.

— Não há como resistir a isso.

— Isso dá até um poema.

— Faria um para mim? — pergunto.

— Não sou bom com as

palavras.

— Sabe um? Qualquer um, fora os meus.

— De tudo, ao meu amor serei atento. Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto Que mesmo em face do maior encanto Dele se encante mais meu pensamento. Quero vivê-lo em cada vão momento E em louvor hei de espalhar meu canto E rir meu riso e derramar meu pranto Ao seu pesar ou seu contentamento. E assim, quando mais tarde me procure Quem sabe a morte, angústia de quem vive Quem sabe a

solidão, fim de quem ama Eu possa me dizer do amor (que tive) que não seja imortal, posto que é chama Mas que seja infinito enquanto dure.

— Soneto da Fidelidade é o poema que mais amo de Vinicius de Moraes.

— É o único que decorei. Acho bonito.

— É especial para você, por isso sabe.

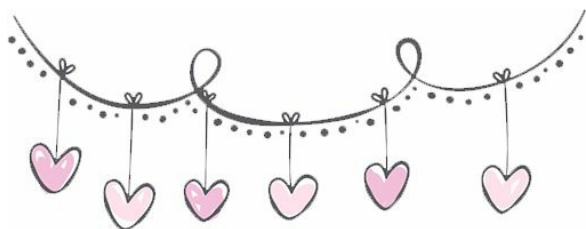
— Você é especial para mim, por isso amo você.

— O que seus amigos diriam agora?

— Que sou um idiota apaixonado, mas não me importaria. Estou apaixonado, mais do que isso, estou amando você.

Beijo sua boca e entro no banheiro com um sorriso idiota no rosto.

Eu também estou amando você, João Paulo.



Capítulo 20

Maria Eduarda

Um mês após pagarmos de babá para Maria Júlia e Heitor finalmente temos as sextas para nós novamente. Não que fosse um problema ficar com as meninas. Elas são doces, educadas, amamos aqueles pingos de gente, mas assim, temos nossas noites livres para namorar.

O trabalho na clínica tem sido

constante, mas João gosta do que faz. E faz muito bem seu trabalho. Ele é dedicado, inteligente, ama a profissão e a clínica. Mas com nossos horários confusos, afinal, nem sempre os horários de um fisioterapeuta e uma professora infantil batem, tivemos que organizarmos melhor para curtirmos um tempo só nosso.

Combinamos de ir ao copo. João finalmente conhecerá Júlio, já que Sofia e ele fizeram as pazes e assumiram um relacionamento. Minhas irmãs estavam loucas para ir, mas acabaram tendo

imprevistos. Maju foi escalada num plantão de emergência com Heitor, Malu teve uma emergência na clínica e Igor ficou com a filha. O fato é que estaremos no bar em um programa de casais. O tipo de programa que ainda não fizemos.

João e eu temos ficado muito em sua casa. Isso significa que temos visto muitos filmes, cozinhado juntos, também pedimos muita comida pronta, até faxina já fizemos juntos, mas também significa dizer que estamos conhecendo muito um ao outro. Tanto que já achei coisas

minhas largadas por seu quarto.

Quem diria que a mais calma das Marias teria coisas pessoais espalhadas na casa do namorado? Minhas irmãs não! A mamãe com certeza não. Mas me sinto tão em casa na casa dele que se tornou normal nossas coisas se misturarem.

— Dizem que quando sorrimos sozinhos estamos pensando na pessoa que amamos. Está pensando em mim? — João diz ao terminar de se arrumar e sentar-se na cama para me esperar.

— Estava pensando que ninguém acreditaria que eu teria coisas minhas espalhadas por sua casa.

— Prova que deveria estar aqui. Todos os minutos de todos os dias. — pisca e viro-me para ele.

— Não fala isso na frente da mamãe. — brinco porque se João insinua algo assim, minha mãe surta e prepara nosso casamento em um dia. E nunca falamos sobre casamento.

— Jamais. Dona Maraiza me mata. Filha dela só sai de casa

devidamente casada. — brinca com uma
fala da mamãe. — Pronta? Podemos ir?
— pergunta e finalizado pegando minha
bolsa e ele aproveita para me puxar para
si e me beijar. Eu amo os diversos tipos
de beijos do João.

No carro, Kiss and Make up da
Dua Lipa começa a tocar. Enquanto João
dirige acompanho a música e acabo
cantando baixinho

Touch me like you touch nobody
Put your hands all up on me
Tired of hearing sorry

Kiss and make, kiss, kiss and
make up

How about we leave this party?

'Cause all I want is you up on
me

Tired of hearing sorry

Kiss and make, kiss, kiss and
make up

Kiss, kiss and make up

Kiss and make, kiss, kiss and
make up

Kiss, kiss and make up

Kiss and make, kiss, kiss and

make up

Já no bar, pedimos uma mesa diferente, acabamos ficando mais afastados. Vemos de mais longe pessoas indo até o "palco" contar coisas importantes do dia delas. Pedimos nosso cardápio de sempre, rimos com alguns depoimentos e então inquieto-me a subir lá. Não tinha me preparado para isso, mas raramente me preparo. Sempre achei que as coisas aqui no copo aconteciam do jeito que precisavam

acontecer, por isso, nunca fui de planejar bem, apenas sentia, subia e falava tudo o que precisava. Hoje, pelo visto não será diferente. Levanto-me, caminho até o centro e sorrio.

— Tantas histórias felizes me inspiraram a dizer o que sinto.

O silêncio que quase sempre conseguimos arrancar aqui de cima revela a atenção de todos. Não é para eles que quero falar. Olho João me admirando de longe e sem nenhum medo abro meu coração. Abro porque meu coração é todo dele.

*Sentiu o coração bater
acelerado*

O peito ficar apertado

*O estômago totalmente
revirado*

Um arrepio percorreu a pele

Um beijo suave tocou os lábios

Sentiu mais uma vez

Acelerado, apertado, revirado

*Novas sensações,
Acelerado, apertado, revirado
Intensidades que só descobriu
Quando se permitiu
Viveu
e
Por fim entendeu
O que é amar e ser amado*

Finalizo desço do palco
apressada. Volto a nossa mesa e ele me
abraça apertado. O calor que sempre
sinto ao estar em seus braços me toma.
João me faz feliz. Mostra-me a leveza da

vida.

— Linda, Madu. Você é linda, as palavras parecem suas melhores amigas, sabe como usá-las.

— Mágicas, João. Palavras são mágicas. — Sofia brinca.

Acomodo-me melhor e passamos o restante da noite observando as histórias contadas de diversas formas. Há histórias tristes, felizes, de amor. Histórias inspiradas na raiva, engraçadas. Histórias leves e intensas.

— Acho que agora realmente

entendi o copo. É um misto de sentimentos. Maluco e intenso esse bar. — João fala e sorrimos.

— O copo é demais. Às sextas-feiras são assim, nos outros dias é apenas um bar comum, como outro qualquer. — Júlio diz e percebo que nunca falei a João sobre isso.

Optamos sempre pelas sextas-feiras pelas histórias, mas os outros dias são normais.

— Já me sinto frequentador. Embora seja diferente do meu favorito.

— João fala.

— Seu bar favorito não é o meu bar favorito? — pergunto enquanto roubo batata frita do prato dele.

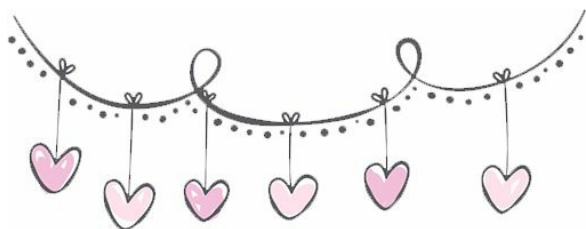
— A comida daqui lembra muito a minha adolescência. Já me acostumei com o bar que ia com Heitor e Igor. No entanto, tudo se torna especial se você estiver. Prefiro estar onde você estiver.

— A baba vai escorrer e estragar a comida, João. — Sofia brinca e João apenas sorri.

A noite vai passando, é tarde

quando pagamos a conta e nos dividimos para voltar para casa. A casa dele. Casa que aos poucos se torna algo para mim. Há pedaços de quem sou por aqui. Roupas, livros, sapatos, itens pessoais. Fotos, histórias, laços.

Percebo então que a casa de Heitor tem se tornado na verdade um pedaço de nós. Uma combinação linda e mesmo em meio a nossa bagunça, uma combinação harmoniosa, uma combinação feliz.



Capítulo 21

João Paulo

Os meses se passam e estar ao lado de Maria Eduarda torna os dias leves, nosso relacionamento é assim, leve, tranquilo, suave como ela é. Nos entendemos até nos pequenos detalhes. Aprendi a estar com ela. Maria faz os meus dias, até mesmo os mais corridos deles terminarem de forma felizes. Ao lado dela sinto que a vida finalmente

está acontecendo. Ela é tão delicada e amorosa. Não faz cobranças, respeita os limites, vive um dia de cada vez e se entrega a eles com intensidade.

Hoje é dia de jogo, Heitor e Igor estarão aqui em casa, combinamos há semanas. Madu combinou de sair com Sofia e as irmãs. Uma noite dos homens aqui e uma noite de mulheres lá.

Aproveito que chego cedo da clínica e organizo a sala. Embora termine uma bagunça, afinal, dia de jogos somos apenas cervejas, petiscos e comida, deixo tudo apresentável para

meus amigos.

Organizando a casa, percebo que mais coisas de Maria Eduarda estão espelhadas por aqui. Em meu quarto há roupa, sapatos, até as lingeriees estão no armário. Na sala há alguns livros que usa no trabalho. Fotos, alguns dos livros de romance que gosta de ler. A verdade é que aos poucos Maria foi se inserindo em minha vida, se tornando minha.

Termino a sala e sigo até a cozinha. Pego as cervejas, os petiscos e organizo tudo rapidamente, já que não demora e Igor e Heitor chegam, jogam-

se no meu sofá como se estivessem em casa, sempre fomos folgados um com o outro.

— A Madu dominou a casa mesmo. — Heitor diz prestando atenção nos livros organizados próximo a TV.

— Ela deixa algumas coisas por aqui. É mais fácil quando fica no domingo e precisa ir para a escola cedo.

— Dona Maraiza está bem liberal com Maria Eduarda. Na época que namorava Maria Luana, a cada visita minha, ela falava em casamento.

— Igor fala e sorrio.

— Ela pode não falar de casamento comigo de forma aberta, mas ela vive dizendo que o padre se recusará a casar Maria Eduarda. — falo e a gargalhada de Heitor enche a sala.

— Maraiza é um misto de perigo e fofura. Quando menos esperar estará de terno, na frente do padre. — fala.

— Ele estar ansioso para isso. É só olhar a cara de idiota dele. — Igor diz e não nego.

Não nego porque seria mais do

que bom ter Maria Eduarda ao meu lado todos os dias. Seria delicioso tê-la todos os dias para mim. Tê-la em minha cama todos os dias. Sorrio só de imaginar. Heitor e Igor continuam me zoando até que o jogo começa, como um bom amigo, os deixo gritar a vontade, já que não me concentro na partida.

Meu pensamento está em Maria Eduarda vestida de noiva caminhando até mim de braços dando com Milton. Nossos familiares reunidos enquanto o padre, que segundo minha sogra não celebraria o casamento de Madu, está

falando sobre o amor.

Perco-me nessa ideia, no desejo que sinto de que realmente tudo isso aconteça. Cálculo mentalmente que em quatro meses faremos um ano de namoro. Um ano ao lado dela. Sendo feliz e tendo a oportunidade de fazê-la feliz. Um ano de romance, declarações e cumplicidade. Graças a Maria Eduarda tenho ficado tão meloso que às vezes, até eu zombo de mim mesmo.

— Está babando, João. Perdeu a partida inteira. Não sabe dizer nem qual time de merda ganhou. — Heitor diz

— O meu. E não é time de merda. É o ganhador. — digo por que ouvi o grito da torcida, eu realmente não prestei atenção ao jogo.

— Sorte. — resmunga.

— Só se for desse seu time pequeno. Que não ganha uma. — rebato.

— Um caralho que não ganha. Se esse juiz não fosse comprado, teríamos levado a partida. — insiste.

— O que estava pensando? — Igor muda de assunto.

— Em pedi-la em casamento.

Vamos fazer um ano de namoro, pensei em organizar tudo. E então...

— Casamento surpresa? —

Heitor pergunta como se isso fosse possível.

— Não, cara. Organizar algo especial. Talvez no restaurante onde Maju marcou nosso primeiro encontro. Escolher um anel delicado e forte.

— Romântico. — zomba Heitor

— Até parece que nunca viveu isso. — digo e o vejo tomar um gole da cerveja gelada.

— Ouro branco e diamante.
Tranquilidade e segurança. — Igor diz e
o olho atento. — O anel para noivado.
No casamento, uma aliança em ouro com
isso de gravar os nomes e uma frase ou
data.

— Entende muito de casamento.
— brinco, pois adora o cuzão zombar de
mim.

— Casei-me não foi? Algo tinha
que saber.

— Vai pedir a Milton? — Heitor
volta a zoar.

— Não sei. Talvez sim.

— É o que faria. Quando se tornou tão romântico, cara? Maria Eduarda te mudou.

— Quando me apaixonei. Reclamam, mas são iguais ou piores. Acham mesmo que não sei sobre jantares românticos, músicas temas e toda essa merda? — reclamo.

— Fofoqueiras do caralho. — Igor reclama e sorrio.

As Marias nos fazem ser românticos, o que nos dá munição para

zombar um dos outros. Amigos são para isso, não? E nos enfiarmos todos na mesma família algo tinha que render. No fim, é quase madrugada quando vão embora.

Recolho todas as latas de cerveja, os pratos sujos e entro na cozinha. A ideia de deixar a bagunça para amanhã é tentadora, mas Maria Eduarda detesta louça suja, por isso acabo lavando tudo antes de finalmente entrar no banheiro para um banho.

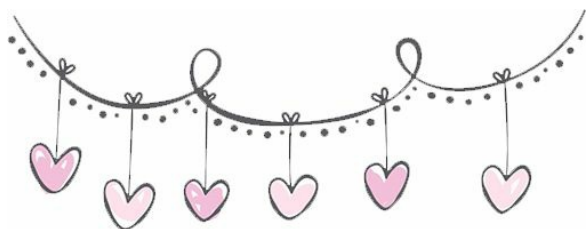
No quarto, é o perfume dela que me toma. O cheiro suave e doce de

Madu me fez perceber que sim, chegou o momento de fazer o pedido que para muitos é assustador e para mim é tê-la como eu desejo. Todos os dias ao meu lado.

Espero que Maria Eduarda sinta o mesmo. Espero que deseje o mesmo que eu. Estar todos os dias ao lado da pessoa que ama, construindo algo sólido e só nosso. Fortalecendo o sentimento e redescobrando o poder que o corpo do outro tem sobre nós. Aliás, o corpo de Maria tem muito poder sobre o meu. Até mesmo distante. O que eu mais quero é

que Maju esteja exatamente no mesmo ponto que eu. Planejando o nosso futuro.

Mais do que isso, espero que diga sim.



Capítulo 22

Maria Eduarda

Em quatro meses faremos um ano. Tudo passou tão rápido. Agora mais do que nunca entendo quando a mamãe dizia que a vida passa rápido. Quando estamos felizes os minutos parecem correr. As horas ao lado de João parecem minutos e longe dele parecem arrastar-se.

Amo aquele homem. Amo tanto que nunca saberia explicar com exatidão o que me causa. A alegria, os arrepios na pele. A ansiedade, o desejo de fazê-lo feliz. O coração que nunca para de bater forte quando estou com ele.

Amo João e isso parece nunca ter fim. Sinto que nunca terá fim.

— Acha que ele me pedirá em casamento? — pergunto as minhas irmãs, enquanto olhamos as crianças brincarem e correrem pelo parque.

— Acho que sim. — Maria Júlia

diz e pega um lanche na cesta de piquenique. — Acho que vocês foram feitos um para o outro. Despertou o lado romântico de João. Ele ligou a aventureira que havia em você. São iguais e opostos. Um completa o outro.

— Está pronta para casamento?

— Maria Luana pergunta e olho Isis correndo.

— Estou. Sei que passar muito tempo juntos não significa nada, mas tenho a sensação de que casamento será algo natural para nós. Quero começar a viver o mais.

— Sempre foi romântica, Madu.

Sempre quis o amor. — minha irmã do meio fala e a olho. Qual de nós não quis? Qual de nós não é romântica?

— Todas nós somos. Temos personalidades diferentes, mas no fundo, todas nós queremos o amor. Queríamos sentir a sensação, o coração batendo forte, aquele frio na barriga. A sensação de um olhar de amor. Não queríamos por carência, mas pelos outros sentimentos que podia trazer. A paz, a alegria. O novo.

— O desafiador. Quem diria que

Heitor e eu estaríamos aqui? — Maju pergunta e sorrio.

— Todo mundo. Eram iguais demais. Loucos demais. Apaixonados demais. Às vezes há apenas uma pessoa para você. Heitor é a sua.

— João é a sua pessoa. — Malu diz e acredito nisso.

Sem tirar os olhos dos pequenos, abrimos nossos corações como há algum tempo não fazíamos. Embora nunca consigamos nos preparar para o que ouviremos, nunca estaríamos prontas

para ouvir o que Maria Luana tinha a dizer.

— Estou grávida. — A voz de Malu soa assustada. — Embora tenha passado por isso, sinto um medo gigantesco me tomar. Há um tempo, seis meses atrás, engravidei. Igor ficou encantado, apaixonado pela ideia de mais um filho. Eu estava tão encantada, e então passei a sentir que algo estava errado. Ia trabalhar sentindo um medo diferente, em casa e tinha a mesma sensação. Não sei explicar. Então o perdi. E foi mais do que assustador.

— Não nos contou, Malu. Podíamos ter ajudado. — falo tocando sua mão. — A mamãe sabe?

— Ninguém. Mantivemos para nós. Nem a Isis soube. Sei que pode acontecer, mas senti como se uma parte de mim tivesse sido arrancada e agora...

— Vejo Maria Luana enxugar uma lágrima. — Agora ao mesmo tempo em que me sinto abençoada me sinto assustada.

— Está tudo bem? Já começou as consultas, está sendo acompanhada? — O lado enfermaria de Maju entra em

cena arrancando um sorriso de Malu.

— Está tudo bem. Alimentação saudável, vitaminas, um bebê saudável está no forno.

— Isis sabe? Mamãe sabe? — pergunto.

— Só vocês e Igor. Queremos passar por algumas fases antes de contar.

— Entendo. Independentemente de qualquer coisa estamos aqui. Estaremos ao seu lado. Vai enjoar de nos ter contigo. Brigaremos com Igor

para estar no parto desse bebê.

— Ravi. — diz e sorri.

— Um menino? — Olho a barriga que ainda não se mostra e Malu sorri.

— Sexagem fetal. Fizemos há uma semana. Igor está louco para contar a Isis. Quero contar a mamãe.

— Acho que deveria contar. — Maria Júlia diz e olhamos para ela. — Entendo o medo, mas estamos aqui. Para os momentos mais felizes e para os momentos em que precisar chorar. Ravi

chegará cheio de saúde e será amado por todos. Poderia nos permitir mimá-lo desde já.

Maria Luana abraça Maria Júlia e sinto a força que esse abraço tem.

— Agora, por que Ravi? —
Maju pergunta curiosa.

— Significa sol. Pensei que ele é nosso recomeço. Um novo amanhecer, uma nova vida. O sol que iluminará nossos dias junto com aquela menina que acabou de cair. — falo e vemos Isis se levantar e correr até nos.

— Mamãe eu caí e não chorei. *Levantei* e vou caí de novo. — fala empolgada.

— Amor, quando a mamãe e o papai falam sobre cair e levantar para cair de novo queremos dizer que precisa ser forte. Não que deve cair e se machucar fisicamente.

— O que é *fisiamente* mamãe?
— Isis questiona e sorrimos.

— É a vida real.

— Ah, então eu não posso cair na vida real?

— Pode. Mas só por acidente.

— Maria Luana explica com calma.

— Tudo bem. Nada de cair de novo, só se sofrer um acidente. — a pequena diz e volta a correr para as primas.

— É disso que falo. — digo e elas me olham — Quero momentos assim. Amo minhas sobrinhas, amo crianças e sinto que quero alguém me chamando de mamãe. — Minhas irmãs sorriem e acabo sorrindo junto.

— Precisarás se casar antes. Ou

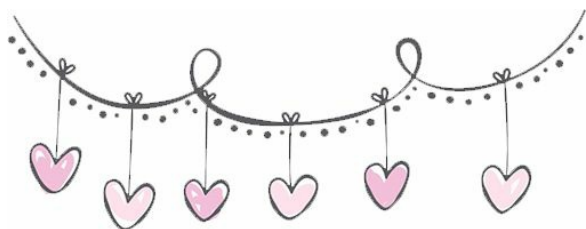
dona Maraiza enlouquecerá, mas pode deixar, sou uma ótima irmã e uma ótima amiga. Quando João menos esperar, estará dizendo sim diante de um padre. — Maria Júlia fala e nos faz sorrir ainda mais.

Volto a analisar minha irmãs. Maria Júlia se parece muito com a mamãe. Tão determinada. Já Malu é pura calma. É assim que as vejo. Determinação e força, calma e fé.

Minhas duas melhores amigas, metades de mim. Mulheres livres, amadas e inspiradoras.

Sem querer, estendo meu braço e toco a barriga ainda plana de Maria Luana. Sorrio ao perceber que tanto ela quanto Maria Júlia fizeram o mesmo. Sentimos a necessidade de mostrar amor e fé.

Assim, juntas, nós três enviamos a Ravi todo nosso amor. E no fundo sabemos que tanto ele quanto toda nossa família, viveremos sempre cheios de amor. É o amor que nos molda e nos inspira. É o amor que nos move.



Capítulo 23

João Paulo

Caminho pelo shopping junto com Heitor e Igor até a joalheria. Decidi que em nosso aniversário de namoro a pediria em casamento. Mas antes disso, quero falar com seus pais. Explicar que a amo e a quero ao meu lado. Sinto que preciso disso. Fazer tudo de forma romântica, como ela é.

Na busca da aliança perfeita,

entramos na primeira loja de joias e por mais que tudo seja lindo, nada me chama atenção, nada é a cara dela. A segunda loja o padrão se repete. Nenhum dos anéis mostrando é a cara de Maria Eduarda. Nenhuma aliança parece ser boa demais para ela.

Sáímos e procuramos a terceira joalheria. A última desse shopping. Meus amigos estão putos, estou cansado, mas decidido de que de hoje não passa. Heitor e Igor podem reclamar, mas só sairemos daqui com as alianças.

— Cara, se decidiu? Um anel,

aliança, os dois? — Igor pergunta e finalmente localizamos a terceira loja.

— Um anel? A aliança? — questiono em dúvida.

— Está em dúvida. — Heitor afirma como se não fosse claro.

Entramos na loja e a vendedora caminha sorridente até nós.

— Posso ajudá-los? — pergunta solicita.

— Poderia, se meu amigo aqui não fosse um romântico indeciso do caralho. — Heitor diz e ela sorri.

— Então eu realmente posso ajudá-lo. — fala e nos guia pela loja. — Como sua namorada é?

— Linda. Inteligente. Romântica, linda. Doce. Dedicada. A mulher mais perfeita que já vi.

— Recebemos muitas peças delicadas. Inspiradas no amor. Na tranquilidade que amar traz.

— Poderia mostrar? — peço.

— Claro.

Por meia hora ela me mostra anéis e alianças inspirados no amor.

Não me identifico com nenhum.

— Há outros? — pergunto e vejo Heitor e Igor bufar.

— Apenas mais um.

— Pode mostrar? — pergunto sem graça.

Ela guarda todos os outros, entra em uma sala e volta com uma caixa.

— Foi de uma coleção passada. É delicado, bonito como pode ver. Mas ninguém o levou.

O anel parece gritar por ela. A peça em ouro rosé, diamantes e um

topázio azul, ficará lindo nas mãos delicadas de Maria Eduarda. Romântico? Totalmente. Esse sou eu transformado pelo amor dela.

— É esse. — aviso deixando claro para a vendedora e aos meus amigos que finalmente encontrei.

— Posso colocar em uma caixa especial.

— Não. Essa caixa. Esse anel.

— Tudo bem. Posso ajudá-lo em algo mais?

— Onde posso pagar? —

pergunto enquanto olho mais uma vez o anel delicado na caixa.

A vendedora indica o caixa e caminho para lá com pena de separar-me do anel.

Na saída, Heitor e Igor tiram sarro da minha cara. Esquecem que já estiveram no mesmo momento que eu. Tão apaixonados que fariam qualquer coisa pela Maria que ama. Tão apaixonados que foram, em algum momento do relacionamento deles, falar com Maraiza e Milton.

Em casa, guardo o anel e mando uma mensagem para os meus sogros. Combinamos de jantar fora hoje. Apenas nós três. Acho que no fundo sabem que antes de tudo falaria com eles. No fundo, Milton e Maraiza sabem o que desejo.

Para não chegar atrasado, acabo saindo mais cedo de casa. O restaurante escolhido foi o favorito da minha sogra. Um italiano na avenida principal do centro. Aguardo os dois tomando uma água. Estou nervoso, confesso, mas não ligo.

Vejo quando Milton e Maraiza

chegam. Ela com certeza sabe o que estamos fazendo. Ele está sério, como quase sempre está. Senta-se diante de mim. Chamo o garçom, peço o jantar. Meu sogro me olha sério, crio coragem e finalmente me abro para eles.

— Marquei esse jantar porque em uma semana farei um ano de namoro com Maria Eduarda. Quero pedir a mão dela em casamento. Quero a benção de vocês. Vou amar e cuidar dela todos os dias.

— Sabia que era isso, Milton. Nossa última Maria saindo de casa. E

para um homem tão romântico quanto ela. — Maraiza fala sorrindo.

— Além de amar e cuidar, quero que sempre a faça se sentir especial. — meu sogro pede.

— Madu é especial.

— Ela é. — Milton afirma.

— Quero uma vida feliz ao lado dela. Farei o possível para deixá-la feliz.

— Sempre soube que tem nossa benção. Acho até que de todas, a Maria Eduarda foi a única que achou um

romance menos...

— Dramático? — pergunto e ele sorri.

— O correto seria mais romântico. Os outros foram chegando e simplesmente levaram. Você quer ser o que ela deseja.

— Quero ser o que ela precisa. O amigo, o namorado, o marido. Quero ser a pessoa que vai ouvir seus planos, sonhar seus sonhos.

— Está mesmo amando a minha Maria. — Maraiza diz.

— Acho que desde sempre.

— Faça o pedido. Será um prazer, tê-lo em nossa família, João. Maria merece alguém que a ame e se preocupe com ela. Alguém disposto a torcer por ela em cada sonho. Acho que essa pessoa é você. — a mulher que tanto se parece com minha Maria diz.

— Dessa vez, eu ajudarei no pedido. Se envolver a Maria Júlia, você se torna viúvo antes mesmo de se casar. — minha sogra diz.

— O mais especial possível. —

peço.

— Ah, com certeza será.

O restante do jantar se passa com dona Maraiza falando sobre tudo o que precisa ser o casamento da Maria Eduarda. Então percebo que sim, Maria Eduarda me torna romântico, feliz, um bobo apaixonado. Mas o principal, é que ela me torna um homem feliz.

Ao lado dela, me torno melhor, dou o meu melhor. Aprendo cada dia a viver com intensidade seja minha vida pessoal ou na clínica. Aliás, a clínica

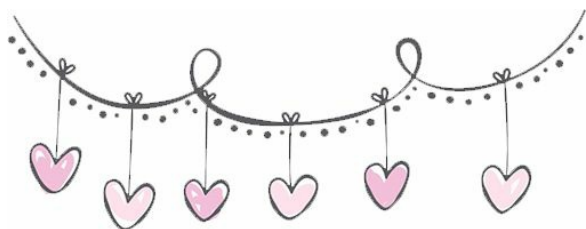
tem rendido bons frutos. Quando comecei com ela tinha minhas duas salas de consultas e exercícios, hoje, anos depois, tenho como parceiros dois dermatologistas e duas nutricionistas.

Se minha vida profissional está boa, imagino como a vida pessoal ficará quando a pedir em casamento. Puta merda! Casamento.

Já em casa, volto a olhar o anel e penso em como o amor é insano, mas ainda assim, é o que sentimento que mais queremos conhecer. Capaz de nós transformar. Mostrar novas facetas,

descobrir coisas.

Maria Eduarda me permitiu muitas coisas, a principal foi amá-la e isso é que eu faço de melhor.



Capítulo 24

João Paulo

Dona Maraiza é sensível e conhece demais a filha. Talvez seja instinto maternal, o lado mãe que sente e sabe o que filho precisa. O fato é que não tinha percebido que ela era tão perceptiva.

Quando me contou a ideia sobre o pedido de casamento achei uma loucura. Como levar Maria Eduarda até

o copo d'água na noite da comemoração do nosso primeiro ano juntos?

Ela me mataria, Maju me mataria, até Malu me mataria e enterraria meu corpo. Não haveria chances nem de pedir, quanto mais casar-me com ela. No entanto, quando ouvi dona Maraiza dizer que era só levar, entendi que eu poderia levá-la em silêncio. Sim, ela perceberia para onde estávamos indo, mas o copo foi especial para nós de algumas maneiras.

Foi lá onde a vi sendo ela por inteiro, foi lá que senti a necessidade de

mostrar a ela quem sou. Foi lá que a ouvi falar de amor. O pedido de casamento não poderia ser em outro lugar. O copo, era nosso lugar.

Durante o dia fico ansioso. Maraiza combinou tudo com o dono do copo, a família estará lá, meus pais estarão lá, até a minha secretária estará presente.

Sinto o celular vibrar em meu bolso quando estou me despedindo de um paciente. A secretária me olha da recepção e sorri. Retribuo, tiro o celular do bolso e vejo a mensagem da minha

sogra.

"Guardou bem o anel? Cuidado com ele. Se perdê-lo te mato, João. Minha menina merece um anel especial e pelo que disse esse é."

Sorrio e digito enquanto organizo a segunda sala de atendimento.

"Pode ficar tranquila. O anel está a salvo. Jamais o perderia"

"Acho bom!" Retorna e me faz

rir.

Como Heitor falou, dona Maraiza é um misto de perigo e fofura. Acho a sua maneira, cada Maria tem um pouco de Maraiza. São apaixonadas e maduras, mas também um pouco loucas. Tento focar no trabalho e no fim do dia, quando me despeço de tudo vejo Flávia caminhar até mim.

— Posso mesmo ir? A Madu parece ser muito especial e sabe o quanto gosto de você — diz e lembro

que Maria Eduarda e ela se conheceram. Flavia, uma senhora de uns quarenta e oito anos, poderia ser minha mãe, sempre que a olho vejo a mamãe, então apenas digo que sim.

— Obrigada, chefe. Ela vai dizer sim.

— Eu realmente espero que sim!

Caminho para fora e sigo até meu carro. Depois de me arrumar, pego o anel, coloco no bolso e sigo para buscá-la. Maria Eduarda é linda, mas quando sai vestindo um vestido

vermelho justo, delicado e saltos médios, me apaixono novamente.

Ela entra no carro e me dá um selinho, se acomoda e pergunta o que preparei. Brinco que nada. Eu realmente não fiz muito. Dona Maraiza cuidou de tudo.

— João, está indo em direção ao copo? — pergunta e sabia que perceberia. Tão atenta.

— Estamos.

— E vamos comemorar lá? — pergunta e não sei se está desapontada

ou apenas surpresa. Venho ao copo por ela. É o tipo de programa que faz mais cara da Madu.

Estaciono, a puxo pela mão e entramos no bar. Está com uma luz mais delicada. Em nossa mesa nossos pratos de sempre. Petiscos e batata frita. Maria Eduarda me olha em choque.

— Vamos mesmo jantar batata frita? No nosso primeiro ano, João?

— Achei que gostasse daqui.

— Adoro. Mas não era para onde eu imaginei estar indo — Senta-se

e sorrio.

Sento-me ao seu lado e belisco os petiscos. Apenas perdendo tempo. A enrolando. Até que vejo seu rosto cansado. Levanto-me, sorrio para ela e caminho até o palco que nunca fui, mas sempre a vi.

Sinto os olhos de Maria em mim. Ela deve estar se perguntando o que estou fazendo. Nunca fui de me envergonhar de nada, não vou agora. Subo no palco e a luz dramática do bar está em mim. Viro-me para ela.

— Essa é a primeira vez que subo aqui. Mas não é a primeira vez que venho. Cheguei neste bar por acaso. Cansado, um pouco desiludido após um dia de trabalho. Achei que encontraria uma bebida, talvez minha cerveja preferida. Mas não. A verdade é que nada me chamou mais atenção do que ela. A mulher que estava em minha vida já alguns anos e ainda assim se mantinha distante. A mulher de quem sempre tentei fugir, e em minhas fugas me prendi. Sei que está se perguntando o que estou fazendo. O que estamos

fazendo aqui hoje. Poderíamos estar em um restaurante tendo um jantar especial, não desmerecendo o copo, é só nosso aniversário de namoro e estamos comendo batata frita e petisco com Coca. — Ouço algumas risadas. — Talvez, em sua mente, eu te levasse para jantar em um lugar romântico, depois te levaria para minha casa, beijaria você com paixão, amaria você a noite inteira. Talvez pudesse ter feito isso. Mas conheço seu coração. Sei que esse poderia ser seu desejo, criar histórias e significados. Mas há significado maior

do que o começo? Aqui, neste bar, que é o seu preferido, nossa história começou. E é aqui, que pretendo fazer nossa história avançar mais uma página. Gostaria de saber se você, Maria Eduarda, está pronta para um novo capítulo. Mas mais do que isso, estou aqui, diante de todos para te dizer que embora não saiba escrever poemas, você é o meu favorito. E para que saiba que a amo. Que nossos dias são todos especiais. Minha vida é especial graças a você. Eu te amo. — Tiro a caixa do bolso e a olho em minhas mãos, em

gesto ainda mais maluco, fico sobre um joelho e a olhos.

— Você gostaria de se casar comigo? — pergunto e a vejo sorri entre lágrimas.

Suas mãos suaves, enxugam as lágrimas que escorrem por entre seu sorriso. Madu chora, sorri, concorda com um balançar de cabeça. Levanto-me, caminho até ela, puxo a mulher da minha vida para meus braços e beijo seus lábios molhados.

— Sim. Eu aceito me casar com

você.

— Claro que sim, meu amor. Vai perder esse fisioterapeuta? — brinco e coloco o anel em seu dedo.

— É lindo, João. — Maria me beija mais uma vez, o dono do bar acende as luzes e a vejo olhar ao redor. Nossos familiares estão sorrindo. Maria Júlia, puxa aplausos que deixa Maria Eduarda envergonhada.

— Prontos para finalmente jantarem? — brinca e a Madu percebe que todos estão jantando alguns pratos

especiais.

— Só estão aqui nossos parentes e amigos.

— Sua mãe fez o dono fechar o bar.

— Estávamos comendo batata frita enquanto todos estão comendo comida francesa? — pergunta

— Sua mãe, meu amor. Tudo foi organizado por sua mãe. Meu único papel era não perder o anel, subir no palco e pedir sua mão.

— Achei que soubesse guardar

segredos, João. Pelo visto não. —
Maraiza diz e ao se aproximar.

Recebemos alguns abraços, focamos em nosso jantar, e antes da meia noite fugimos de todos. Claro, que todos entenderão, estamos apenas nos preparando para a fuga após o casamento. E fugimos porque, agora, precisamos de algo só nosso. Íntimo, leve e apenas nosso.

Dirijo para casa enquanto uma das bandas favoritas de Maria Eduarda toca. Entramos em casa desesperados um pelo outro. Ansiando tocar, beijar,

sentir, amar.

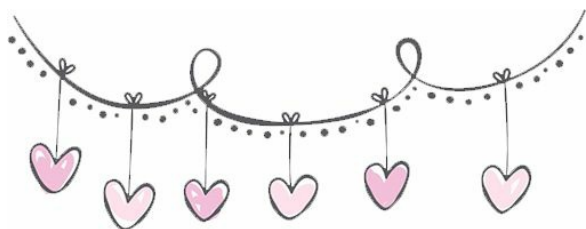
Maria Eduarda me transforma,
mas mais do que isso, ela me renova.

— Quero estar com você todos
os dias da minha vida. — diz enquanto a
levo para o quarto.

— Estou aqui, Madu. Hoje,
amanhã, ano que vem. Estarei aqui a
vida inteira. Até depois dela. Estarei
porque eu te amo, porque meu lugar é
você.

O sorriso apaixonado que dá é a
prova de que a vida pode não ser

perfeita, mas que se houver amor, nada mais importa. É a prova de que nossa escolha é a mesma. O amor.



Capítulo 25

Maria Eduarda

Um ano de namoro e a promessa da construção de uma vida.

Um ano se conhecendo, aprendendo sobre o outro, descobrindo até mesmo nossos melhores lados. Nossa individualidade.

Um ano de sonhos, amor, paixão, sexo. Um ano de vida ao lado do homem

mais perfeito que já conheci.

Mas apesar de tudo que já vivemos nesse nosso primeiro ano juntos quando vi João dirigir até o copo queria matá-lo. Não por não gostar de lá, o copo faz parte de mim, mas por imaginar algo só nosso. Quem não quer algo especial e único em uma comemoração assim?

Ser surpreendida por ele foi mágico. Nunca imaginei que João me pediria em casamento assim. Em um lugar que considera especial para nossa história. O pedido foi mais do que

romântico, foi nossa cara. Nossa família e amigos ao nosso lado tornaram tudo mais especial. E João sabia disso. O jantar servido foi perfeito, mas tirando o pedido, nada foi mais especial, mais perfeito do que fugirmos dali para comemorarmos sozinhos.

Uma noite inteira comemorando juntos, saciando nossos corpos e sentindo que nossa ligação é de alma.

Acordo cedo, minha rotina já me deixou acostumada. Olho João dormir tranquilo na cama e me levanto. Fujo para o banheiro e tomo um banho quente,

faço o café da manhã, organizo a mesa, volto para acordá-lo, mas acabo encontrando a cama vazia.

O barulho do chuveiro me leva até o banheiro. Abro a porta e o observo tomar banho.

— Fiz o café. — digo quando ele desliga o chuveiro e pega a toalha.

— Fugiu da cama. Queria ter acordado minha noiva com o melhor sexo matinal que existe.

— Posso voltar para a cama? — brinco apontando para o quarto e ele me

beija.

Toco o peito nu de João. O homem que mais me faz feliz. Todos os dias ao lado dele são únicos.

— Eu te amo, sabia? — pergunto e ele volta a me beijar.

— Falar que me ama quando acabo de sair do banho e estou tentando te seduzir é golpe baixo. — responde e é minha vez de sorrir.

— Vamos tomar café da manhã. E então quem sabe, antes de ir almoçar com minha mãe e irmãs, não sou

seduzida?

— Um ano, Madu. — fala.

— Um ano que eu te amo. —
brinco.

— Um ano é o máximo de tempo
que consigo esperar. Depois eu te quero
aqui. Para sempre e todos os dias.

— Estou ansiosa para isso.
Organizar nossas bagunças, dormir
agarrada a você, ver filmes abraçados
no sofá, pedir almoço para jantar,
cozinhar juntos.

— Um ano. — friza.

— Um ano.

— Conhecendo sua mãe nos casamos antes. — diz e sorrio.

Sim, por dona Maraiza em menos de um ano já estaremos casados, vivendo uma feliz vida a dois. Darei o prazo de um ano e juro que ela pode fazer em menos de seis.



Três meses e tudo está quase pronto. A lua de mel escolhida, a data

muito bem marcada, os convites escolhidos e enviados. O vestido está em fase de prova, alguns móveis da casa serão trocados, a pintura refeita.

Os doces estão quase escolhidos, o bolo também. O buquê, nem tanto. Nenhum apresentado reflete o que espero. Maria Júlia e Maria Luana achavam que ficaria ansiosa, mas a verdade é que João e eu estamos tranquilos. Temos nossos momentos, vamos organizando tudo, quando o grande dia finalmente chegar já estaremos quase que morando juntos.

— Sua mãe já enlouqueceu? —

João pergunta e deixa a revista de buquês de lado.

— Ainda não. Mas reclama que vivo mais aqui que em casa, que minhas irmãs cumpriram o pré-casamento certinho. — falo.

— Nós estamos fazendo tudo errado? — pergunta.

— Estamos apressando as etapas. Segundo ela, é arriscado demais estar juntos assim.

— Arriscado? — pergunta

pensando o mesmo que eu. Em um ano já dormimos tantas vezes juntos que não vemos mais a pressa.

— É. Acha que podemos dar um neto antes do tempo, ou que não nos casemos.

— Jamais desistiria desse casamento. E filhos... Um pouquinho depois.

— Está tudo tão corrido que não consegui mais ir ao copo. Não finalizo o buquê. — digo e João me puxa para seu colo.

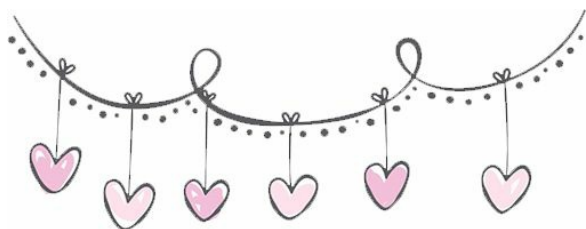
— Finalizará quando sentir.

Prometemos que em nosso casamento não haveria cobranças, então não se cobre. Por nada.

— Amo você. Talvez eu nunca me canse dizer isso.

O beijo em meu pescoço seguido por uma mordida faz meu corpo arrepiar. O quero. Sempre irei querer. Viro-me para João e beijo seus lábios. O beijo rapidamente se torna intenso. E nossas roupas, rapidamente estão esquecidas em algum ponto.

O amor que sinto por João é intenso. É provado diariamente nas escolhas que fazemos. E nesse momento, nós nos escolhemos novamente.



Capítulo 26

João Paulo

Três meses e nos casaremos. Dona Maraiza, minha mãe, Maria Júlia, Maria Luana e Maria Eduarda estão dando forma ao casamento. Mas enquanto ele não sai, Madu e eu vivemos a fase intensa e cheia de gastos que é o noivado.

Fizemos uma reforma pequena

no meu apartamento, abrindo um escritório para que ela possa organizar as atividades dos seus alunos. Sempre que a vejo dedicada, trabalhando a noite ou em alguns fins de semana, sinto vontade de bater em quem diminui a profissão que minha noiva escolheu seguir.

Madu é responsável por apresentar letras e números a pequenas crianças. Ser professora infantil é para ela, para nós que a admiramos, motivo de orgulho e enquanto a observo finalizar mais uma atividade no

escritório novo, vejo mais uma vez o
quão admirável minha noiva é.

Deixo que finalize, sigo até a
cozinha e organizo o jantar que pedi. Sei
que Maria Eduarda está cansada. O
casamento, o trabalho que quase sempre
traz para casa, são tantas coisas para
pensar e fazer.

— Posso ajudar ou essa
concentração toda permite que faça tudo
sozinho? — A voz de Madu me faz
sorrir.

— Já terminei. Não quis te

atrapalhar. Estava toda concentrada, o modo professora sexy estava ligado, achei melhor fazer o café.

— Pediu no japonês de sempre?
— pergunta rindo.

Sinto seus braços passar por minha cintura e um beijo ser deixado em minhas costas.

— No que você gosta. —
respondo e sinto o sorriso que dá.

— Mas você nem gosta de lá.

— Pedi o seu favorito, há algumas peças que gosto. Não são meus

favoritos, mas são bons.

— Adoro quando se preocupa em me fazer feliz.

— Adoro te ver feliz. — falo e ela se coloca a minha frente.

— Três meses e será meu marido. Terá que me fazer feliz todos os dias. Não está assustado?

— Em ter você? Nunca. Se pudesse pulava esses três meses e já a teria para sempre.

— Sempre me teve para sempre.

— Sua mãe disse ontem que a

vida é feita de escolhas... — começo,
mas sou interrompido por ela.

— Encontrou a mamãe ontem?

— Ela foi até a clínica.

— Fazer?

— Falar sobre a vida ser feita de escolhas. — falo e Madu sorri. — Ela está certa. Escolhemos os caminhos que desejamos seguir. Muitas pessoas escolhem os caminhos mais fáceis. Outros os mais curtos, alguns os mais longos. Fazemos escolhas e as escolhas nos fazem. Revelam um pouco de nós.

Naquele jantar, disse que faria a escolha certa. Eu escolheria você. Te escolher foi a melhor coisa que fiz. É a minha certeza de felicidade.

— Está tão romântico hoje.

— Estou todos os dias. E tudo isso graças a você.

O sorriso de Maria Eduarda me deixava ainda mais apaixonado. Apaixonar-me por ela todos os dias. E sempre achei que isso seria impossível. Viver clichês para mim era a maior loucura que poderia fazer. Nunca planejei algo

assim, mas Maria aconteceu.

— Mamãe gosta de falar sobre escolhas, destinos, consequências. Se há um ano você fez a escolha certa, preciso dizer que naquele dia no copo, eu fiz a minha. Eu decidi te conhecer, me permiti gostar de você. Apaixonei-me tão rápido, e a certeza do amor que sinto por você, João, é inexplicável.

Os olhos brilhantes de Madu são lindos. Nunca me cansarei de amar Maria Eduarda. Nunca me cansarei de amar essa mulher forte e linda que escolhe estar ao meu lado todos os dias.

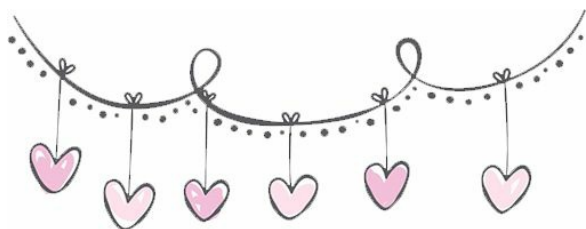
E ao me escolher, ela me faz feliz. Tão feliz que não é capaz de imaginar. Ao me escolher Maria Eduarda me dá paz.

— É a paz dos meus dias confusos e a intensidade dos meus dias de paz. — falo, beijo seus lábios e levo a comida para a sala.

— Amo você. — Maria Eduarda diz e sorrio ao procurar um filme. — Romântico incurável e sedutor. — fala ao sentar-se.

Não me envergonha ser chamado

de romântico. Por ela, faria qualquer coisa, inclusive ser romântico todos os dias de nossas vidas.



Capítulo 27

Maria Eduarda

Finalmente chegou. Estar diante de um espelho colocando uma coisa nova, uma velha e uma emprestada é maluco. Minhas irmãs trouxeram essa ideia após lerem em algum livro. Segundo elas, não precisarei de nada azul já que o buquê e a decoração do casamento levam esse tom.

A cor foi escolhida graças ao

topázio azul do meu anel. Pesquisando significados de cores para casamentos me apaixonei pela ideia de calma, tranquilidade e lealdade que o azul traz.

Para o buquê, rosas azuis representando confiança, harmonia, carinho. No começo, achei que azul seria uma cor estranha para o casamento, mas percebi que a base do meu relacionamento com João é a tranquilidade, a lealdade. A confiança que sentimos um com o outro fortalece nosso amor a cada dia.

Sem muitos atrasos, papai e eu

chegamos na igreja. João não esconde o sorriso ao me ver caminhar até ele. Enquanto sou guiada pelo meu pai até o homem da minha vida, penso que jamais imaginaria que estaria me casando um ano e seis meses depois de sair com o melhor amigo dos meus cunhados e irmãs. Penso em como João se parece com os príncipes de contos de fadas que idealizei um dia viver.

Sei que não é perfeito, mas de alguma forma, ele é perfeito para mim. Nós nos completamos em níveis assustadores. Somos começo, meio e

fim.

Quando paramos diante dele, meu pai coloca minha mão em cima da mão de João e de forma amorosa nos dar novamente sua benção.

— Faça minha Maria feliz, João. Confio em você para isso. — diz.

— Prometo que farei. — João fala e quero engolir o choro.

Nós nos viramos para o padre que sorri dando início a cerimônia.

— Queridos irmãos e irmãs, estar aqui, casando a última Maria da

família Guimarães, é uma realização pessoal, mas mais do que isso, é uma graça. Durante um ano e seis meses, ouvi quase diariamente que deveria ser eu a casar essa menina. Também ouvi que esse jovem era devagar demais para fazer o pedido. — fala e todos sorriem. Dona Maraiza era realmente um perigo. — Durante um ano e seis meses, vi através de uma mãe, um amor forte nascer. Ouvi muito, aconselhei muito mais. O fato meus queridos irmãos, é que o amor, perto ou longe, sempre tem algo a nos ensinar.

Aperto forte a mão de João.

— O amor de João e Maria Eduarda cresceu em meio a inquietude de dois jovens que precisavam se conhecer. Mas esse amor trouxe paz. E por esse amor, por essa paz, estamos aqui hoje. João, você aceita se casar com Maria Eduarda para amar, respeitar, apoiar, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença?

— Sim, eu aceito.

— Maria Eduarda, aceita casar-se com João, na alegria e na tristeza, na

saúde e na doença, para amá-lo e respeitá-lo?

— Aceito.

— As alianças? — pede e vejo Isis caminhar até o altar entregar.

Após abençoá-las, entrega uma a João que olhando em meus olhos fala seus votos.

*“Foi sem querer
Você chegou
Dominou tudo em mim
Roubou meu ar
Coração
Alma*

*Você chegou
E me mostrou
Que não há como viver
Sem amar*

*Chegou.
Devagar.
Me assustou
Me segurou pela mão
Roubou meu coração
Me ensinou a amar.”*

Termina deixando-me sem ar.

— Sim, Madu. Sei que
reconhece essas palavras. As escreveu.

Achei em uma das agendas no escritório. Decidi que seriam meus votos. Pela data, sei que escreveu antes de nos conhecermos, mas talvez, já fosse um sinal. Um sinal de que teria meu coração e que de alguma forma eu teria o seu. Eu te amo. E sempre vou amar. E sim, roubei seu poema.

Ele coloca a aliança em meu dedo com um sorriso bobo nos lábios, Beija minha mão e meu coração bate tão forte.

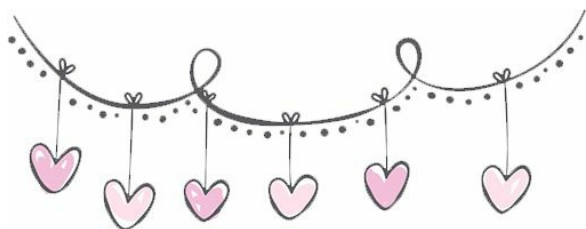
— Amar é estar livre para viver as pequenas e grandes paixões. É estar

aberto, completo. É jogar-se de cabeça, viver. É sobre estar feliz consigo e com o outro. Não é sobre corpo ou pele. É sobre alma. É reconhecer no outro o sentimento mais puro e bonito que existe. É calma e intensidade. É sol, chuva, dias bons e ruins. Amar é viver a plenitude. Apenas com você encontrei tudo isso. Apenas você me causa a sensação de paz. Amo-te com meu coração, com meu corpo, com minha alma. — digo e olho em seus olhos. — Escrevi esses votos sem querer. No dia em que disse que me amava. Escrevi

antes mesmo de me dizer. Hoje, tanto tempo depois sei que essas palavras são mais do que reais. Você me completa, me faz feliz e me inspira a voar. Eu te amo.

Coloco a aliança em seu dedo e a beijo. Quando o padre "nos libera" para o famoso “pode beijar a noiva” damos o beijo mais delicado que já demos em todo o tempo juntos. Um beijo de promessa. A promessa de tentar todos os dias fazer o outro feliz.

Um beijo com a promessa de amor eterno.



Capítulo 28

Maria Eduarda

~ Meses depois ~

Acompanhar as gestações das minhas irmãs me ensinou a prestar atenção aos sintomas. Tanto que no primeiro, já sabia que tinha acontecido. O teste veio apenas para confirmar. Fiz sozinha, em casa, enquanto João saiu para sua noite de homens com Heitor e

Igor.

Chorei sozinha por escolha. A emoção de saber que estamos construindo mais do que uma relação à dois me toma sempre que penso.

Não temos hábito de comemorar nosso relacionamento todo mês, mas coincidentemente, hoje, o dia em que finalmente irei contar a João sobre a gravidez, comemoramos nove meses de casados. Já vi casais comemorarem bodas anuais, mas então Maria Júlia mostrou a boda de maternidade e achei que sintonizava exatamente com o que

viveríamos a partir de agora.

Em uma pesquisa rápida na internet, vi que a boda de maternidade é celebrada no nono mês do casamento e representa uma vida mais concretizada. Aproveitei que João precisou ir à clínica e pedi que os meninos o segurassem depois.

É sábado, João adora ficar em casa, fazer programa a dois. A maior parte do tempo, tiramos os fins de semana para nós, mas para realizar o que queria precisava de João longe. Por isso, com a certeza de que ele demoraria

a chegar, Maria Júlia e Maria Luana chegam para me ajudar a preparar tudo.

— Tudo certo com a caixinha?

— Malu pergunta.

— Sim. Sua amiga fez exatamente como pedi.

— Exame, sapatinhos e cartinha?

— Sim, Malu. E ficou tão lindo.

— Devia ter inclusive uma mamadeira ou chupeta. Vai que não se acostumam com esse bebê chorando? —
Maria Júlia brinca.

— Deixa de ser irritante. A Malu

está com um e ele não chora o tempo inteiro, já passou por isso e sabe bem. — falo e Malu sorri. Ravi é um bebê encantador. Não apenas Isis se apaixonou pelo irmão assim que o viu como as primas, a mamãe, as tias babonas. A família inteira é caída por essa criança.

— Sorte.

— Meu filho é um doce, Maria Júlia. — Maria Luana rebate.

Olhamos a sala organizada em tons de azul, lembrando a decoração do

casamento, o jantar, colocado no meio da sala. Não foi nada fácil convencer o bufê a fazer o mesmo cardápio servido na festa em proporção menor, mas minhas irmãs são realmente insistentes.

— Tudo pronto. Não esquece de falar como foi tudo. — Malu me abraça.

— A mamãe vai adorar isso aqui. — Maju fotografa a sala e então vira-se para mim. — Que o amor de vocês seja a coisa mais linda que esse mundo já viu, irmãzinha. E que esse bebê seja apenas o começo da construção de uma família. A sua

família.

— Mal soube da gravidez e já sinto os efeitos. Não me façam chorar. — brinco.

Sem pressa as vejo saírem, olho novamente a sala e então sigo para o banheiro. O banho quente me relaxa, até que ouço a porta sendo aberta. João para, olha para o centro da sala e então para mim.

— Alguma comemoração especial? Se esqueci algo peço perdão, Madu. Foi tudo corrido hoje e...

— Shi... Não comemoramos mensalmente a data mais importante para nós, mas dessa vez, senti que precisávamos disso. Há nove meses dissemos sim. Sim para o amor que sentíamos, sim para os sonhos que planejávamos, sim para nossas vidas. Hoje, nove meses depois, estamos dando outro passo.

— Estamos? — João pergunta caminhando até onde estou.

Seguro a caixinha e estendo para ele.

— Hoje, deixamos de ser João Paulo e Maria Eduarda e começamos a nos preparar para sermos mais. — João pega a caixa e espero. Espero porque sei o que lerá, o que encontrará ali dentro.

Os olhos cheios de lágrimas do homem que amo me encaram. Sorrio e sou puxada para seus braços quentes.

— Obrigado por me tornar o homem mais feliz desse mundo.

— Obrigada por realizar mais um sonho meu, amor. Obrigada por ser

uma parte tão imensa da minha vida. —
falo e João me beija. — Agora, você
contará a mamãe. — falo e o ouço
gemer.

— Você é a filha.

— Você me engravidou antes de
um ano de casamento, logo, você conta.

— Será que Maria Júlia
contaria? — pergunta e nos sentamos
para jantar.

— Embora ela tenha fotografado
tudo antes, está de bico fechado. Quando
você contar, ela mostrará as fotos.

— Está falando sério?

— Seríssimo. O anúncio a mamãe será feito por você. — falo e começo a me servir.

— Casei-me com uma mulher vingativa.

— Casou-se com a com a mais apaixonante. — resmungo.

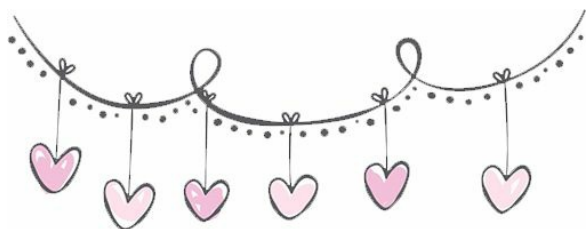
— Mesmo jantar do casamento. Preparou tudo com tanto cuidado, sinto que estou em dívida com você.

— Que tal me pagar após o jantar?

João entende o que quis dizer e sorri. O sorriso leve e lindo com o qual me acostumei. O sorriso que amo.

Entregues a comemoração do nosso casamento, da nossa vida a dois, passamos a noite entre risos e beijos.

Sempre soube que João me faria feliz, mas nunca imaginei que seria tão feliz quanto sou. E sou porque escolhemos viver o amor.



Capítulo 29

João Paulo

Chegar em casa e me deparar com uma decoração parecida a do nosso casamento foi uma surpresa, mas nenhuma jamais irá se comparar a abrir aquela caixinha, ler aquele poema, ver aqueles presentes. Nada irá tirar de mim a sensação que senti ao saber que seria pai. O amor me tomando, enchendo meu peito, a admiração por Madu

aumentando, o amor...

É, essa mulher mudou a minha vida, me fez mais forte e agora me dá a oportunidade de ser gigante.

No entanto, contar a dona Maraiza foi assustador. Para não correr o risco de apanhar, já que mesmo casados ela jurava que precisávamos esperar no mínimo dois anos, comprei um buquê de flores brancas, uma blusinha de bebê com "sou da vovó" escrito e tomei coragem para enfrentar a fera. Até contei primeiro a ela que aos meus pais, tamanho o medo. Aquela

mulher sabe ser um perigo.

Ainda me lembro da cara que faz, primeiro disse que nenhum genro e filha conhecia o que era camisinha, nenhum de nós sabíamos como aproveitar o início de um casamento. Então começou a chorar. Assustei-me e a abracei apertado. Maraiza é brava, mas é tão puro amor como as filhas.

Aquela "senhora", que odeia ser chamada assim, chorou em meus braços dizendo que filhos são bençãos e presentes do céu. Que não há amor maior que esse. Que tiram o sono,

roubam a paz, mas são a razão de nos levantarmos e dormirmos em paz todos os dias.

Naquele dia, aprendi algo único com Maraiza, ter um filho é uma dádiva, é viver com o coração fora do peito. É sofrer por seus medos, e amá-lo com intensidade. Então minha sogra se afastou me olhou nos olhos e perguntou:

— *Seus pais já sabem?*

Quando disse que não, entendi que diz a escolha certa.

— *Ainda bem, odeio ser a*

segunda a saber.

— Foi a quarta se contarmos que Malu e Maju souberam antes de mim. — ela me olha brava pronta para reclamar. — Fui o terceiro, não fiquei muito antes da senhora não. — explico.

— É, se nem o pai soube de primeira não posso reclamar.

— Do que está rindo amor? — A voz de Madu me traz de volta a realidade.

Olho seu corpo cheio de curvas

e uma barriga enorme que abriga Benício.

— Do que senti quando soube sobre ele. Da paz que me causa e do amor que sinto. De como foi enfrentar sua mãe. Ela é dura.

— Nunca dissemos que dona Maraiza era fácil. — se defende.

— É cheia de amor. — falo e vemos Benício mexer.

— Acho que ele puxou a você — digo e ela me olha atenta. — Ele é muito da manhã. Não são nem oito horas e já

está mexendo.

— Queria que tivesse seus olhos. — fala.

— E eu queria que tivesse os seus.

Acaricio a barriga de sete meses e então me levanto para organizar nosso café. Antes, entro no quarto que está quase finalizado, observo tudo tão lindo, quase pronto para ele. O grande amor da minha vida.

Vou até a gaveta onde guardei a cartinha e a pego. Abro com cuidado e

vejo a letra da mulher que amo.

"De dois corações, três se fez.

Crescendo

Nascendo

Em nós

Para ser nosso

Do mundo

Tão puro

Meu e seu

Tão único

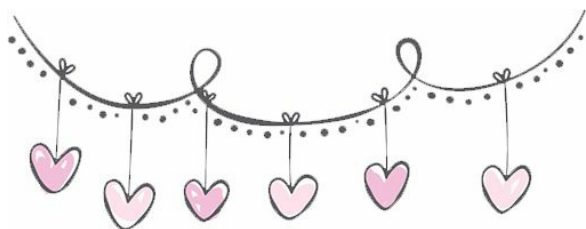
De dois corações, três se fez.

Meu, seu, dele.

Do nosso amor
Um novo surgiu"

Guardo no bolso sabendo que esse papel nunca mais sairá da carteira. Saio do quartinho apagando a luz e sigo para fazer o café da manhã.

Um dia, não seremos dois nessa mesa e isso me deixa ansioso pra caralho. Graças a Madu, meu coração já não é meu. Ele se divide entre Benício e ela. E dividi-lo entre os dois me deixa feliz pra caralho.



Capítulo 30

Maria Eduarda

~ Oito semanas depois ~

Todo a minha gestação foi tranquila. Benício desde o início se mostrava um bebê calmo, não tive enjoos de morrer, ou cansaço excessivo. Trabalhei até quando pude. João ficava no meu pé, preocupado comigo, com o filho e só nos dava boas horas de paz

após mamãe, Maria Júlia, Maria Luana, Debora e sua mãe deixarem claro que gravidez não é doença e que nós mulheres podemos levar uma vida normal durante essa fase. Para relaxar totalmente precisou ouvir da obstetra que tudo estava bem comigo e com Benício. Que se ele continuasse assim poderia causar ansiedade e estresse, o que seria ruim. Duas palavrinhas, e minha médica me permitiu viver a gestação de forma calma. Duas palavrinhas e João relaxou. Tanto que topou minha ideia de parir em casa.

Foram meses sendo acompanhada pela doula, conversando com a equipe médica, planejando tudo, deixando todas as coisas prontas, inclusive para possíveis emergências. Quando as contrações chegaram João estava calmo, chamou a equipe médica, nossa doula. Arrumamos tudo e então aguardamos. Aguardamos por longas, cansativas e dolorosas horas. Até que a médica disse que estava acionando a ambulância.

Tive o desejo do parto natural frustrado, cheguei ao hospital e fui

levada a sala de cirurgia. João não acompanhou. Não quis que estivesse ali. Acho salas de cirurgias frias demais.

Fechei os olhos e aguardei a equipe médica fazer sua mágica. Esperei de olhos fechados meu menino chegar. E quando ouvi seu choro, foi a sensação mais emocionante de toda a minha vida. As lágrimas desceram sem que esperasse, então abri meus olhos e o vi. Um bebê cheio de vida, chorando aos berros e totalmente lindo. O bebê cara de joelho mais lindo do mundo.

Quando fui levada ao quarto, a

família inteira estava ali. Não sei como permitiram todos naquele quarto, mas estavam. As mulheres me encheram de perguntas, as meninas queriam saber se Benício era bonito e se chorava muito. Isis, a mais velha de todas, queria saber se ele parecia com o meu joelho ou o do João, o que fez todos sorrirem. Os meninos queriam apenas conhecer o primo. Amos os pinguinhos de gente que há em nossa família maluca. Achei que aquela era a loucura maior que vivi. Até Miguel aparecer dizendo que sua irmãzinha finalmente cresceu. Que

encontrei um amor tão puro, tão grande que nunca seria capaz de mensurar. De todos, ele foi o que me fez chorar. O único garoto do trio das Marias, o amigo, quase primo e irmão. O melhor amigo, cafajeste regenerado soube fazer as lágrimas que escondia caírem. Amizade. A vida também é sobre isso.

— Tia, a senhora me ouviu? —
Isis me traz de volta a realidade.

— Desculpe, meu bem. A titia não ouviu.

— Beni vai chegar logo? —

pergunta novamente e sorrio.

— Rapidinho.

— Disse isso faz um tempão.
Que menino mais atrasado. — fala e sorrio.

— Ele está se arrumando. Quer chegar bonito para conhecer vocês.

— Metidinho. — É a vez de Aurora reclamar.

Alguns minutos depois, João entra todo embrulhado em uma roupinha vermelha. A enfermeira o coloca em meus braços e sinto que seguro o mundo

inteiro. Ansiosas, as meninas se aproximam. Olham o primo de olhos fechados e começam a resmungar.

— Está dormindo, Beni? —
Aurora pergunta e me faz sorrir. —
Metidinho e preguiçoso.

Seguro a risada para não gargalhar.

— É como o tio João, mamãe. —
Isis fala.

— Demorou tanto e veio dormindo. — Marina diz chateada.

— Já veio mal-educadinho.

Esperamos muito. Que chato. —
Marcela completa e Maju não aguenta.
Ela gargalha alto fazendo Benício chorar
para depois se acalmar.

— Ah, carinha acordaram você.
— Lucas fala e Vicente se aproxima.

— Vai deixar jogar futebol com
a gente, titia? — Vicente pergunta e meu
peito se enche de amor.

— Claro, meu amor. É só ele
crescer um pouquinho e então poderá
jogar com você.

A enfermeira pede que façam

pouco barulho. João é o segundo a pegar o filho. Ele baba o menino de forma apaixonada e então vejo o meu filho passear pelos braços das tias, dos tios e dos avós.

É lindo. Mágico. Todos se apaixonam pelo pequeno dorminhoco e preguiçoso. Benício acorda apenas quando todos se despedem, com fome o menino abre a boca e João me entrega o filho.

— Acho que ele puxou a você.
— fala.

— Não sou esfomeada. — digo enquanto o olho sugar com força meu peito.

— Mas é linda. — Toca meu rosto e sorrio. — E ele é tão lindo quanto você.

— Segundo todos os nossos parentes, ele é uma cara de joelho bem parecido com o pai. Concordo com eles.

— Hoje, me deu o maior susto do mundo e ainda assim, me fez o homem mais realizado. Esperar foi assustador.

— Sinto muito.

— Não sinta. Sabíamos que partos podem ser rápidos ou demorados, apenas... quando mais nos preparamos mais ansiosos ficamos. Acho que por saber que o mundo inteiro estará em suas mãos depois.

— Obrigada por ser um pai apaixonado.

O sorriso babão que dá mostra que João é mesmo um pai coruja, babão. Dona Maraiza terá que lutar para provar quem baba mais esse menino.

Alguns dias depois estamos em casa, tentando organizar nossos sons, cuidados. João se faz presente o máximo que pode, mas é dona Maraiza e minha sogra que fica os dias de recuperação comigo. Se mostram presentes, atentas e cheias de dicas.

Quando finalmente estamos só nós, vamos aprendendo o que fazer. João mesmo não precisando acorda todas as noites para ficar conosco, enquanto amamentando Benício, ele nos observa, então ele o coloca para dormir novamente.

Nossa rotina vai mudando aos poucos. Os dias se passam, voltamos ao trabalho, Benício cresce. Saudavel, lindo, esperto. É surreal, pensar que o destino acertou em cheio o tipo de vida que eu sonharia viver. Ver Beni crescer se torna a coisa mais bonita que já fiz em toda a minha vida. O amor que sinto por João Paulo aumenta a cada dia. A cada cuidado, carinho e detalhe comigo. Aumenta quando o vejo cuidar, brincar, proteger e amar Benício.

A cada dia descubro que o amor pode ser reinventar, crescer. O amor que

sinto por João amadurece a cada dia, aumenta todos os minutos. Ele, o amigo dos meus cunhados, das minhas irmãs, o cara que seria o meu clichê, é também o meu começo, meio e final feliz. É direção, o rumo.

— Achei que seria loucura estar com você — falo e ele me olha.

— De certa forma, todos nós achamos.

— A mamãe tinha certeza de que você é o meu amor eterno.

— As certezas da sua mãe me

assustam.

Sorrio.

— Hoje penso como ela. Esteve sempre tão claro. Eu sempre quis você.

— Até mesmo naquela festa? — pergunta e sorrio.

— Até mesmo naquela festa.

— Eu também quis você.

— Mas subiu com outra.

— É, escolha errada me guiou até você.

— Mentiroso, Igor guiou você até mim, Maju interferiu.

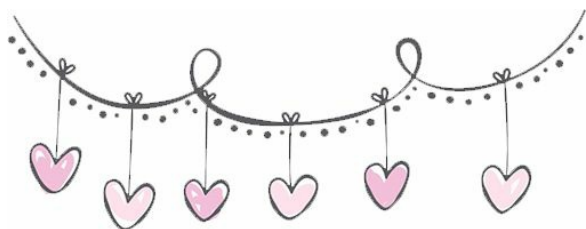
— O destino usou meus amigos e suas irmãs para nos juntar novamente.

— Muito convencido, marido.

— E todo seu. — diz e recebo um beijo delicado.

João com certeza é minha história de amor. Um capítulo seria curto demais para ele. E agora sei disso. Sei que nossa vida nunca caberia em um capítulo, para nós, o destino reservou um livro.

Um livro inteiro de romance. Um livro cheio de amor.



Capítulo 31

João Paulo

Um ano com Benício e sabemos que nascemos para amá-lo. Meu filho é esperto, risonho, e com apenas um ano adora aprontar. Ele chegou e mudou nosso mundo. Adaptou nossa rotina. Nos fez voltar a infância, fazer sons estranhos e falar com ele naquela língua infantil que na verdade, apenas ele e

Maria Eduarda entendem.

Benício ficou de pé aos oito meses, com ajuda e empolgação de Maria Eduarda, deu os primeiros passos ao fazer um ano. Ele já sabe que o ver se levantar e tentar andar nos faz sorrir e então sempre que pode, Benício faz seu show. É lindo de ver. Ele cai mais do que anda, mas as risadas gostosas que dá enche nossos dias de felicidade.

Por falar em felicidade, a encontro todos os dias. Assim que abro os olhos encontro a razão de tudo ao meu lado. Maria Eduarda continua me

provando que amar é algo diário. Construimos nosso relacionamento baseado em tudo aquilo que acreditamos. Confiança, amor, cumplicidade é algo que vivemos todos os dias. E isso se torna reflexo para Benício. Queremos que cresça sabendo que amar não é vergonhoso, que ser paciente e justo é recompensador e que a confiança é a base de todas as relações.

Maria Eduarda e Benício fazem tão parte dos meus dias que nem na clínica consigo realmente desapegar.

Envio outra mensagem para saber como estão e aproveito para chamar outro paciente. Deparo-me com a senhora que há alguns anos disse que estava apaixonado. Surpreendo-me, mas não tanto, idosos podem cair com frequência e lesões acabam acontecendo.

— Olá dona Adélia, como está?

— pergunto e ela senta-se diante de mim com uma moça ao seu lado.

— Caí de novo, rapaz. Sabe como é, velho insiste em sair sempre sozinho e dá nisso. — fala e suspiro.

— Posso ver seus exames? —
peço e fico feliz por não ter sido nada
grave.

Passo os exercícios e a
quantidade de sessões que precisamos
trabalhar. Ela concorda com tudo,
levanta-se com a ajuda da moça e segue
para fora. Toca na porta e vira-se para
mim, a curiosidade quase como igual há
anos atrás.

— Foi com ela? — pergunta e
sorrio sabendo de quem fala. Da mulher
por quem disse estar apaixonado.

— Sim, naquele dia disse que a amava, nos casamos. Temos um bebê. Gostaria de vê-lo? — pego a foto de Benício e vou até onde está.

Mostro o menino sorridente e ela sorri.

— Fez bem. Às vezes, não há segundas chances para o amor. — Ela olha outra foto que mostro. Maria Eduarda, Benício e eu sorrimos para a câmera.

— Bela família.

— Obrigado.

Sorrio e a levo até a recepção.

Como fiz anos atrás, organizo tudo e corro para casa. Para as pessoas que mais amo em toda a porra desse mundo.

Abro a porta e encontro o silêncio. Caminho devagar, sem fazer barulho, até que entro em meu quarto.

Madu e Benício estão deitados, dormindo tranquilamente. Aproveito para tirar os meus sapatos, me aproximo deles e vejo Benício se mexer. Ele abre os olhos sorri ao me ver.

— *Papa.*

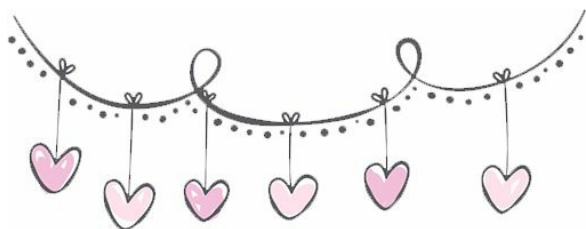
— Shiii, papai chegou. Posso dormir com Benício e com a mamãe?

Ele se agarra a Madu e deito-me ao lado dos dois.

Apaixono-me por eles toda vez que os olhos e agora, enquanto dormem tranquilamente, sinto que nunca deixarei de me apaixonar.

Maria Eduarda me mostrou o amor, Benício o resignificou. Com eles entendi mais do que o sentimento que bate em meu peito. Entendi a vida.

E com eles, a vivo intensamente.



Epílogo

Maria Eduarda

Nunca imaginei que teria um amor exatamente como sonhei. Um homem romântico, dedicado e apaixonado ao meu lado. Nunca imaginei que formaríamos uma grande família. A bagunça que fazemos aos domingos quando vamos todos para a casa da mamãe, ou quando nos reunimos

no copo.

A simplicidade de cada encontro, a loucura de amar. Nada disso foi ou é por acaso. João e eu acontecemos em um processo de descobrimento.

A vida se encarrega todos os dias se mostrar que nossas escolhas foram feitas pelo coração e que somos abençoados por tê-las feito.

— Viajando assim está pensando no João. — Maju diz.

— Pensando na vida. —

respondo — Fomos abençoadas.

— Somos. — Malu diz

— Nada de sair de nossas vistas
crianças. — Maju diz para Isis, Aurora,
Marina e Marcela que correm.

Os menores, Benício e Ravi
estão diante de nós, brincando
empolgados com a grama.

— Mamãe deu notícias? —
pergunto e Maju vira-se para mim.

— Nenhuma. Desligou o celular,
acredita? Quem tira uma segunda lua de
mel e desliga o celular?

— Alguém com filhas e netos?

— brinco e ela resmunga.

— Queria saber de notícias, por onde estão. Em quais lugares o Cruzeiro já passou. Por que nos juntamos para dar esse presente? — insiste

— Porque são ótimos pais, ótimos avós e porque mereciam férias.
— Maria Luana fala.

— Imaginaram nossas vidas assim? — pergunto.

— Não. Por mais que imaginasse o futuro, por mais sonhasse, nunca achei

que encontraríamos o amor em um trio de amigos loucos. — diz Maria Júlia.

— Nunca imaginaria que teríamos algumas crianças lindas correndo pelo parque enquanto outros comem capim — Maria Luana fala e tira o mato da boca de Ravi.

Sorrimos.

— A vida é incrível. E a vida ao lado de Igor é perfeita. — minha irmã mais velha continua.

— Não tenho nada a reclamar do meu médico gostoso e safado. Só

elogios. Tantos elogios que babaria por ele.

Volto a sorrir.

— João é o meu par perfeito. Romântico na medida, cuidadoso e dedicado.

— O universo caprichou com as Marias. Todas felizes, realizadas, cheias de filhos.

— Mais um a caminho. — falo e elas me olham sorrindo e gritando.

As crianças se aproximam e Maju conta que Beni ganhará um irmão.

— A mamãe vai te matar. —
digo e Maria Júlia me puxa para seus
braços.

— Ela vai surtar. Tantos netos.
— Maria Júlia brinca e sei que incluiu a
filha de Heitor.

— Ela vai ficar feliz, Madu. Tão
feliz como estamos hoje. — Maria
Luana completa e concordo.

Concordo porque nunca
estivemos tão felizes quanto agora.
Apaixonadas, felizes e livres.

Tão livres quanto o amor nos

permite ser.

Agradecimentos

Primeiro, gostaria de começar pedindo desculpas. Meu objetivo ao começar a trilogia Marias era finalizar em fevereiro. Não aconteceu. Um bloqueio me tomou, o medo de não entenderem a Maria Eduarda chegou e o livro apenas não saía.

A mais romântica e doce das Marias precisava viver um romance romântico e delicado. Saber disso e desejar finalizar a série me deixou

bloqueada por alguns meses. Para que a fluísse no seu tempo, dei um tempo. Coloquei outros projetos na frente e então voltei. Decidi parar só quando esse livro estivesse finalizado. Muitas vezes senti vontade de desistir, mas Maria e João precisavam sair. Insisti e aqui estamos. Então, antes de agradecer a você que chegou até aqui, peço desculpas pela demora na finalização da trilogia e obrigada, muito obrigada por ter chegado até aqui.

Cíntia Barros, amiga, você é um anjinho. Sempre disposta a ler, comentar

e levantar meu astral.

Mari Sales, obrigada por tudo.
Você merece o mundo pelo coração gigante. Gratidão por ser sempre ter um conselho ou uma palavra de incentivo.

Lis Santos e Denilia Carneiro, obrigada pelas palavras de apoio, por muitas vezes disserem para focar em outro enredo e esperar o tempo certo.

A todos que leram as Marias, meu muito obrigada!

Gratidão



Outros Romances da Autora:

<https://amzn.to/36bLX0F>

ROMANCES ANNE K SILVA

